



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CATALÃO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Lucas Weilor Batista Leite de Paula

**O (NÃO) LUGAR DO LICENCIADO EM PSICOLOGIA: ANÁLISE EM
CATALÃO E SUA MICRORREGIÃO GEOGRÁFICA À LUZ DA TEORIA
HISTÓRICO-CULTURAL**

CATALÃO
Fevereiro 2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CATALÃO

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Av. Dr. Lamartine Pinto de Avelar, número 1120, - Bairro Setor Universitário, Catalão/GO, CEP 75704-020
Telefone: - - <https://www.ufcat.edu.br>

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA)

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DE TESES E DISSERTAÇÕES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE CATALÃO (UFCA)

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Catalão (UFCA) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFCA), sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFCA é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o(a) autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação ou Tese?

Dissertação

2. Nome completo do autor: LUCAS WEILOR BATISTA LEITE DE PAULA

Nome completo do(a) orientador(a): JANAINA CASSIANO SILVA

3. Título do trabalho

Título: O (não) lugar do licenciado em Psicologia: análise em Catalão e sua microrregião geográfica à luz da Teoria Histórico-Cultural

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento: [x] SIM [] NÃO¹

[¹] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);

b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.

O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs.: Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor



Documento assinado eletronicamente por **JANAINA CASSIANO SILVA, Professor(a) do Magistério Superior**, em 06/06/2024, às 09:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **LUCAS WEILOR BATISTA LEITE DE PAULA registrado(a) civilmente como Lucas Weilor Batista Leite de Paula, Usuário Externo**, em 06/06/2024, às 09:26, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site

[https://sei.ufcat.edu.br/sei/controlador_externo.php?](https://sei.ufcat.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0)

[acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0](https://sei.ufcat.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **0075330** e o código CRC **0FFC5498**.

LUCAS WEILOR BATISTA LEITE DE PAULA

**O (NÃO) LUGAR DO LICENCIADO EM PSICOLOGIA: ANÁLISE EM
CATALÃO E SUA MICRORREGIÃO GEOGRÁFICA À LUZ DA TEORIA
HISTÓRICO-CULTURAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal Catalão (UFCAT), como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação. Área de concentração: Educação. Linha de pesquisa: Práticas Educativas, Formação de Professores e Inclusão.

Orientadora: Professora Doutora Janaina Cassiano Silva.

Catalão, GO.
2024.

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFCAT.

PAULA, Lucas Weilor Batista Leite de
O (NÃO) LUGAR DO LICENCIADO EM PSICOLOGIA : ANÁLISE
EM CATALÃO E SUA MICRORREGIÃO GEOGRÁFICA À LUZ DA
TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL / Lucas Weilor Batista Leite de
PAULA. - 2024.
136, CXXXVI f.

Orientadora: Profa. Dra. Janaina Cassiano Silva.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Catalão,
Faculdade de Educação, Catalão, Programa de Pós-Graduação em
Educação, Catalão, 2024.

Bibliografia. Anexos.

Inclui abreviaturas, lista de figuras, lista de tabelas.

1. Atuação de Professores de Psicologia. 2. Licenciatura. 3.
Psicologia. I. Silva, Janaina Cassiano, orient. II. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CATALÃO
Av. Dr. Lamartine Pinto de Avelar, número 1120, - Bairro Setor Universitário, Catalão/GO, CEP 75704-020
Telefone: - - <https://www.ufca.edu.br>

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

ATA DE Nº. 317 SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO.

ATA DA COMISSÃO EXAMINADORA DESIGNADA PELA COORDENADORIA DO PPGEDUC PARA JULGAMENTO DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE Mestrado em Educação de LUCAS WEILOR BATISTA LEITE DE PAULA.

Aos vinte e nove dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e vinte e quatro, às 09:00 horas, no Miniauditório Sérgio Pereira da Silva - Universidade Federal de Catalão (UFCA), reuniram-se os componentes da banca examinadora, a Profa. Dra. Janaina Cassiano Silva - PPGEDUC/IBIOTEC/UFCA - Orientadora; Profa. Dra. Altina Abadia da Silva - PPGEDUC/FAE/UFCA - Membro Interno; Prof. Dr. Fauston Negreiros - UNB - Membro Externo, para, em sessão pública de exame de Defesa de mestrado, de **Lucas Weilor Batista Leite de Paula**, discente do Programa de Mestrado em Educação - PPGEDUC da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Catalão, área de Concentração Educação, com trabalho intitulado "O (não) lugar do licenciado em Psicologia: análise em Catalão e sua microrregião geográfica à luz da Teoria Histórico-Cultural". A sessão foi aberta pela presidenta da banca, que fez a apresentação formal dos membros da banca. Em seguida, a palavra foi concedida ao discente que, procedeu a apresentação da Defesa. Terminada a apresentação, cada membro da banca arguiu o examinando. Durante a arguição os membros da banca não fizeram sugestão de alteração do título do trabalho. Terminada a fase de arguição, foi suspensa a Sessão Pública e, em Sessão Secreta, as arguidoras atribuíram seus conceitos. Reaberta a Sessão Pública foi anunciado o resultado final: DEFESA APROVADA, fazendo jus, portanto, ao título de **Mestre em Educação**, de acordo com o artigo 57 do Regulamento do Programa de Pós-Graduação em Educação - Regional Catalão/UFCA Em transição. A Banca Examinadora de Defesa Pública de Dissertação foi realizada em conformidade com a Portaria da CAPES n. 36, de 19 de março de 2020, de acordo com seu segundo artigo: Art. 2. A suspensão de que trata esta Portaria não afasta a possibilidade de defesas de tese utilizando tecnologias de comunicação à distância, quando admissíveis pelo programa de pós-graduação stricto sensu, nos termos da regulamentação do Ministério da Educação. Nada mais havendo a registrar, foi lavrada a presente ata, que vai assinada pelos Membros da Banca Examinadora.

Programa de Pós-Graduação em Educação da FAE-UFCA, aos vinte e nove dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e vinte e quatro.



Documento assinado eletronicamente por **JANAINA CASSIANO SILVA, Professor(a) do Magistério Superior**, em 29/02/2024, às 10:58, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Fauston Negreiros, Usuário Externo**, em 29/02/2024, às 11:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **ALTINA ABADIA DA SILVA, Professor(a) do Magistério Superior**, em 29/02/2024, às 11:02, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufcat.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0042569** e o código CRC **694248F3**.

AGRADECIMENTOS

Esta pesquisa só foi possível de ser realizada através da colaboração de muitas pessoas, além de muito esforço pessoal. Assim, gostaria de agradecer a todos que de alguma forma tiveram participação e importância nesse trilhar da vida. Em primeiro, agradeço a professora Lucivânia Rosa da Silva e a professora Dra. Marcela Ferreira da Silva que me colocaram a fagulha no coração na busca pelo conhecimento e o universo acadêmico.

Agradeço a minha amiga, companheira, meu amor, Mariana Oliveira, por estar comigo durante essa jornada e ser meu apoio quando tudo parecia difícil. Por me incentivar a ver as coisas com bons olhos e com amor, por ser quem sempre posso contar.

Agradeço a professora Dra. Janaina Cassiano Silva por me ensinar sobre a pesquisa acadêmica desde a graduação onde me orientou na tese de conclusão de curso na licenciatura em Psicologia e por dispor a me orientar nesta pesquisa de Mestrado.

Agradeço ao professor Dr. Maurício Campos que durante a graduação me instigou a conhecer mais da Psicologia, e que orientou minha tese de conclusão de curso no bacharelado em Psicologia. Agradeço ao Heitor Abadio que com paciência tirou minhas dúvidas e contribuiu profundamente com meu ingresso na pós-graduação.

Agradeço a professora Dra. Altina Abadia da Silva que me foi uma inspiração no programa e ao professor Dr. Fauston Negreiros com quem tive uma forte identificação, por aceitarem participar da banca de qualificação e defesa, e por expressarem visões que contribuíram de forma muito rica no desenvolvimento crítico dessa pesquisa.

Agradeço minha família, a minha mãe Arlene Cristina, a minha irmã Priscylla Leite, ao meu pai João Batista, a minha avó Idelzuita Manoela e ao meu avô Mário Braz, por todo incentivo necessário que me possibilitou a permanência em Catalão e a realização de um sonho. Também a todos os meus familiares e amigos que não nomeei aqui. A todos amigos que São Luís de Montes Belos me deu, também os amigos que fiz ao longo do percurso na graduação, em especial ao Arthur, Hemerson, Bruno, onde em terras desconhecidas, o sentimento de ser forasteiro nos uniu em muitos momentos. Aos amigos da pós-graduação, que fizeram desse processo um caminho possível. Agradeço os entrevistados que se disponibilizaram e concederam uma entrevista para que eu pudesse pensar a atuação da licenciatura em Psicologia com outros olhos. Agradeço a todas as oportunidades vivenciadas através da Universidade Federal de Catalão. Sou grato sobretudo ao sistema público de ensino, se não o fosse, não teria me movido tanto com um universo de possibilidades desde a educação básica até a pós-graduação. Agradeço a CAPES pelo apoio financeiro. E a cada um que fez parte dessa trajetória.

RESUMO

Essa pesquisa vinculada à linha de pesquisa Práticas Educativas, Formação de Professores e Inclusão, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Catalão (PPGEDUC-UFCAT), objetivou em mapear a atuação profissional do licenciado em psicologia na microrregião de Catalão-GO. A pesquisa reúne a investigação bibliográfica e de campo, através do estudo dos referenciais teóricos, além da revisão bibliográfica, contou com entrevistas semiestruturadas com profissionais licenciados em Psicologia na cidade de Catalão-GO. O modo de interpretar e analisar as entrevistas aconteceu através dos Núcleos de Significação, uma metodologia que busca apreender o sujeito no seu processo histórico. A base teórica estudada nesta pesquisa se fundamenta nos pressupostos do método materialista histórico-dialético de Karl Marx, e da Psicologia histórico-cultural. Buscamos trazer à tona o ser social e o evento social. Os resultados apontam que a atuação de professores de Psicologia existe ainda que na contradição de si mesmo. O (não) lugar investigado ganha contornos possíveis dentro do mercado de trabalho. A condição do licenciado atuar vem por meio de brechas enquanto não existe uma política de protagonismo para as licenciaturas em Psicologia. Assim, assistimos os cursos de formação de professores em Psicologia serem paulatinamente reduzidos e secundarizados gerando problemáticas acerca da atuação.

Palavras-chave: Atuação de Professores de Psicologia; Licenciatura; Psicologia.

ABSTRACT

This research is part of the Educational Practices, Teacher Training, and Inclusion research line of the Postgraduate Program in Education at the Faculty of Education of the Federal University of Catalão (PPGEDUC-UFCAT). Its objective is to map the professional performance of psychology graduates in the microregion of Catalão. The research combines bibliographical and field research, including theoretical references and semi-structured interviews with psychology professionals who graduated from universities in the city of Catalão. The interviews were interpreted and analyzed through the Meaning Nuclei, a methodology that seeks to understand the subject in their historical process. The theoretical basis of this research is based on Karl Marx's historical-dialectic materialist method and historical-cultural psychology. The aim is to bring to light the social being and the social event. The results indicate that the performance of psychology teachers exists even in contradiction of itself. The job market in the (non)place investigated has possible contours, and the condition for the graduate to act comes through loopholes. There is no protagonism policy for psychology degrees, so teacher training courses in psychology are gradually reduced and become secondary, which generates problems regarding performance.

Keywords: Work of Psychology Teachers; Graduation; Psychology.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ANPED	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação
APA	Associação Psicológica Americana
BDTD	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEAPSI	Centro de Estudos Aplicados a Psicologia
CEPEC	Centro Profissional de Educação Continuada
CFP	Conselho Federal de Psicologia
CNE	Conselho Nacional de Educação
CNS	Conselho Nacional de Saúde
DCNs	Diretrizes Curriculares Nacionais
GT	Grupo de Trabalho
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBIOTEC	Instituto de Biotecnologia
IES	Instituição de Ensino Superior
ISOP	Instituto de Seleção e Orientação Profissional
LBD	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação
PIBID	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
PPC	Proposta Pedagógica Curricular
PPP	Projeto Político Pedagógico
PROGRAD	Pró-reitora de Graduação
PRONATEC	Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego
REUNI	Reestruturação e Expansão das Universidades Federais
SCIELO	Scientific Electronic Library Online
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFCat	Universidade Federal de Catalão
UFG	Universidade Federal de Goiás
UFJ	Universidade Federal de Jataí
UFU	Universidade Federal de Uberlândia
USP	Universidade de São Paulo

LISTA DE QUADROS E FIGURAS

Quadro 1 - Produções encontradas na plataforma SciELO	39
Quadro 2 - Produções encontradas na plataforma BDTD.....	40
Quadro 3 - Produções encontradas nas reuniões da ANPED.....	41
Quadro 4 - Produções analisadas.....	43
Quadro 5 - Distribuição das publicações em categoria de análise temática.....	44
Figura 1 - Mapa de Goiás, em destaque Catalão e sua microrregião geográfica.....	64
Quadro 6 - Levantamento e Mapeamento das Instituições.....	65
Quadro 7 - Identificação dos Professores de Psicologia.....	70
Quadro 8 - Exemplo de identificação de pré-indicadores em um indicador.....	73

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1. TRILHA HISTÓRICA DA PSICOLOGIA E A LICENCIATURA EM PSICOLOGIA NO PAÍS.....	16
1.1. A Licenciatura em Psicologia no Brasil.....	26
1.2. A Licenciatura e a docência em Psicologia.....	31
2. A LICENCIATURA EM PSICOLOGIA NO BRASIL: a revisão sistemática da literatura. 37	37
2.1. O que a revisão sistemática diz sobre a licenciatura em Psicologia.....	37
2.1.1 Reflexão das produções encontradas.....	41
2.2. A cidade de Catalão e o curso de Psicologia.....	54
3. CAMINHOS DA PESQUISA.....	59
3.1 Procedimentos metodológicos.....	61
3.1.1. Levantamento e mapeamento das instituições.....	61
3.1.2. Contato com instituições e contato com os participantes.....	62
3.1.3 Entrevista e análise de dados.....	62
3.2 Detalhamento dos procedimentos metodológicos.....	63
4. ONDE ACONTECE A ATUAÇÃO? ANÁLISE E REFLEXÃO CRÍTICA.....	75
Núcleo de Significação 1 - Uma licenciatura em Psicologia de terras distantes. Entre o desconhecimento e a possibilidade: “ <i>eu escolhi fazer porque eu tava aqui</i> ” e novos contornos ganhos.....	76
Núcleo de Significação 2 - O Mercado e a Existência do campo, onde um Não lugar tem endereço. Um retrato do modelo econômico. A disciplina é para todos? A escola é para todos?.....	85
Núcleo de Significação 3 - O licenciado e o bacharel em Psicologia, atuações que se mesclam, se disputam.....	99
Núcleo de Significação 4 - <i>A profissão docente. Ser professor e ser licenciando em Psicologia. As visões do outro e de si.....</i>	110
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	119
REFERÊNCIAS.....	124
APÊNDICES.....	128

INTRODUÇÃO

Em 2022 ainda no início das aulas e orientações do mestrado, minha orientadora me fez uma pergunta que guiou o processo dessa pesquisa. A pergunta indagava para onde iria os -em média- 20 alunos formados em licenciatura todos os anos no curso ofertado na Universidade Federal de Catalão. De fato, uma pergunta curiosa, que instigou minha busca pelo saber, pela pesquisa, para onde vão os licenciados em Psicologia?

A partir dessa dúvida inicial, na tentativa de elaborar possíveis respostas para onde vai o aluno que se forma licenciado, começaram a me ocorrer outras e outras questões: Para que se faz licenciatura em Psicologia? Quando se faz licenciatura em Psicologia, se espera o quê? Será que meus colegas de sala, de curso, sabem das (im)possibilidades do profissional licenciado?

A pergunta feita pela orientadora no início da pesquisa serviu de grande ajuda para pensar o objeto de pesquisa e os objetivos. A pergunta questiona onde estão atuando os licenciados em Psicologia que tem se formado na Universidade Federal de Catalão. Se existe algum tipo de emprego possível na cidade ou na região que empregue esses licenciados. Visto que, todo ano, uma parcela considerável de alunos opta por cursar a licenciatura, e se todo ano há formação de novos licenciados em Psicologia, para onde esses profissionais estão indo? Quais lugares estão ocupando?

Para podermos contar um pouco e descobrir também sobre a licenciatura, propomos uma escrita em primeira pessoa do plural, acreditando que até chegar ao leitor e a leitora –de modo digital ou impresso- a pesquisa passou por diversas mãos. Fazendo com que cada um tenha contribuído e tornado um grande *nós*, reflexo aqui.

Até o ano de 1971, no Brasil, o professor licenciado em Psicologia podia atuar na educação básica, como no ensino médio, ocupando disciplinas específicas nesses espaços. Isso porque em 1971 foi a data da promulgação do segundo texto da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) neste país, no qual em seu texto, retirava o professor de Psicologia como profissional habilitado a atuar na educação básica. Vale lembrar que o histórico e os momentos históricos nos quais os textos da LDB foram redigidos no país deixaram a Psicologia em uma situação delicada. Sem contar as disputas da Psicologia com as áreas da Educação e Saúde.

A área Psicológica surge no Brasil através de duas vias ou entradas, e carrega fortemente traços das duas. A entrada da ciência psicológica no Brasil chega principalmente através das áreas médicas, com abordagens positivistas, com ênfase nos testes psicológicos, nos fatos verificáveis ou visíveis. A segunda via de entrada e

fortalecimento da Psicologia foi através das áreas educacionais, no sentido que a Psicologia tinha bastante a oferecer com suas teorias da aprendizagem.

Para contar a história das trilhas percorridas pela ciência Psicológica no Brasil exige tempo e compreensão de algumas contradições. E é o que faremos na seção que inicia em seguida. As contradições fazem parte de uma ciência viva e vasta como a Psicologia. É ainda de extrema importância conhecer os contextos e o que acontece com o Estado e a política, com a cultura do povo, em cada contradição ou certeza firmada ao longo do trilhar.

Pode parecer um pouco confuso ou complexo, mas este trilhar conta a história de forma única sobre a implementação dessa ciência no país. Assim, os contextos culturais vivenciados em cada época dão amarras preciosas para entendermos melhor o porquê do presente. A discussão se faz extremamente necessária ao convocar a história da licenciatura em Psicologia no Brasil porque estamos vivenciando um momento crítico e possivelmente mais um enfraquecimento grande na área de formação de professores de Psicologia.

Para melhor visualizar podemos fazer uma linha do tempo a fim de organizar os principais acontecimentos desta ciência, desde seu nascimento, e todo contexto político vigente. De forma ainda superficial, apontamos que na linha do tempo a primeira Lei que visou organizar a educação de forma a assegurar o ingresso escolar para toda população foi a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, a LDB. A Lei teve sua primeira publicação em 1961, depois uma reformulação em 1971. É nesse momento que os cursos de graduação em Psicologia são regulamentados, em 1962. Nesse início da regulamentação, em 1964, o Estado é tomado por um processo de regime militar, até 1985, e nesse contexto surge o segundo texto da LDB publicado em 1971 que perdurou até a LDB de 1996.

Durante esse período, a Psicologia, assim como outras matérias que compunham as grades escolares do país sofreram com perseguições, controle de seu conteúdo nas salas de aula, vindo a gerar diversos conflitos e até sua dissolução na educação básica. Em contexto de regime militar, a Psicologia junto à Filosofia e Sociologia eram vistas como disciplinas ameaçadoras para o Estado, já que colocava principalmente os jovens a pensar e criticar o que acontecia no Estado. Os cursos de Filosofia e Sociologia conseguiram reverter a situação desfavorável e conseguiram permanecer com disciplinas no texto da LDB de 1996.

Marcamos como 1996 e 2011, dois declínios da formação de professores de Psicologia no país. E agora, recentemente, as Diretrizes Curriculares Nacionais (Brasil,

2023) para os cursos de graduação em Psicologia com texto de 2019 e aprovação em 2023, marcando outro momento da licenciatura em Psicologia, colocando a em xeque. Em 1996, como mencionado, a LDB deixa de especificar o professor de Psicologia como profissional habilitado a atuar na educação básica. Em 2011 com a resolução do Conselho Nacional de Ensino (Brasil, 2011) que passou a determinar que o projeto político pedagógico para os cursos de formação de professores de Psicologia fosse redigido de forma complementar ao projeto político pedagógico do mesmo curso na área de bacharel, denotando um lugar secundário da licenciatura na formação em Psicologia. E agora, o texto da última DCNs (Brasil, 2023) para os cursos de graduação em Psicologia de 2023 não obrigam mais a formação do licenciado concomitante ao curso, podendo ser realizada posterior ao curso superior. Mesmo com tantas mudanças, persistem importantes instituições na luta pela licenciatura em Psicologia no Brasil.

Atualmente poucas instituições de ensino no país formam professores de Psicologia, são 18 no total, em comparação com os mais de 1100 cursos ativos para o bacharel em Psicologia. Em Catalão-GO reside/resiste uma das instituições com a formação de professores ativa, na Universidade Federal de Catalão (UFCAT), uma Super Nova, chamada assim após seu desmembramento da Universidade Federal de Goiás (UFG). Vale lembrar que em Goiás, a trilha histórica da licenciatura começa em Goiânia, capital do estado, com a implementação do curso de Psicologia em 2005, emergido diretamente de dentro da Faculdade de Educação. Em sua implementação previa a formação de professores de Psicologia, assim como os textos da implementação dos cursos nos campi da UFG em Catalão e em Jataí, nos anos de 2006 e 2007 respectivamente. Porém, pouco tempo após a abertura do curso em Jataí, optaram por deixar de oferecer licenciatura, apontando impasses em sua estrutura, como a baixa quantidade de professores que compunham o núcleo de Psicologia naquela universidade.

Em Catalão-GO, no curso de formação de professores de Psicologia, conseguimos acompanhar e observar que ano após ano, desde sua implementação, a maioria das turmas de alunos optam por estudar licenciatura, embora o número de alunos que opte por licenciar varia bastante de ano a ano. Mesmo sem uma legislação específica e com o enfraquecimento da formação de professores nos cursos de Psicologia, a licenciatura ainda existe e se encontra em debate/embate. As contradições que surgem são muitas.

Mesmo que ainda existam/persistam universidades com a licenciatura em sua grade curricular nos cursos de Psicologia, é visto um declínio dessa modalidade ao longo dos anos. Quando traçamos os olhares do agora com os registros históricos, percebemos

o movimento das coisas atravessando as modalidades de ver e compreender. É preciso observar que mesmo após a reabertura democrática no país, a Psicologia não volta a ter o espaço de formação com as crianças, jovens e adultos, de forma aberta e ampla, mas de forma muito pontual, fragmentada e fechada.

Não deixamos de considerar que as disciplinas de Psicologia ministradas atualmente nos cursos técnicos são fragmentos importantes e ricos desta ciência, porém, é preciso perceber que o diálogo psicológico desapareceu de dentro das salas de aula, voltando-se nessa configuração para uma modalidade diferente de perceber e tratar as coisas. Resta em muitos casos uma Psicologia voltada ao aparato clínico, com uma visão interessada na previsão, mensuração e no controle dos corpos. A Psicologia enquanto ferramenta de autonomia se torna poderosa e até perigosa contra uma política sem sentido de formação humana e de caráter exploratório. Educar é potencializar.

A licenciatura em Psicologia no Brasil já passou por diversos estados em seu trilhar histórico. Digo estados assim como os da água, pois a analogia me faz pensar em um elemento que se apresenta inicialmente de uma forma e vai mudando ao percorrer seu caminho na natureza. Hora sólida como rocha, pedra translúcida. Mesmo que firme, nesse estado, ela [água] não fica totalmente visível ou transparente. Para enxergar o outro lado é preciso firmar bem às vistas, entender as bolhas presentes naquela pedra de gelo. Outrora é fluente como líquido, que dado uma direção, no rio ou na torneira, flui e percorre o caminho que foi previsto ou pressionado com os dedos. Às vezes também, se vê distante, nas nuvens como gás, que não se pega fácil ou se controla, mas que mesmo flutuando, possui grande densidade, presença e visibilidade.

Podemos assim pensar a licenciatura em Psicologia, como estados ou formas, que quando lança um olhar atento, ali estará visível um recorte do registro histórico que se observa. Podemos dizer se é sólido, líquido ou gasoso partindo de uma série de registros, sejam eles fotográficos; medidos com instrumentos específicos e registrados; relatos de pessoas que presenciaram a chuva, os raios, os arco-íris. Ao acessar o passado, este nos dá os elementos necessários para podermos apontar os estados da água ou da ciência que se pesquisa. Perdendo um pouco de seu volume, somando-se a outros líquidos em sua composição, mas nunca se secando por completo ou deixando de regar grandes pomares quando pensamos em sua presença em algumas áreas, como a Educação. E assim como a água em sua constante transformação, sendo manipulada ao longo do tempo, com os instrumentos necessários, podemos dizer sobre ela e lançar previsões, da mesma forma a licenciatura em Psicologia.

Assim, esta pesquisa utilizou de elementos da teoria histórico-cultural para poder olhar para o passado, e ver as correntes, o seu fluxo, o passado e presente da licenciatura em Psicologia e lançar posicionamentos sobre seus estados, seja no passado, no agora ou caminhos futuros. Sabemos que até ser ofertado o curso de Psicologia no país, todas as licenciaturas já estudavam ou possuíam elementos das teorias psicológicas em suas grades curriculares. Através dos contextos históricos; políticos; do imaginário popular, entre outros, podemos observar seu estado, que só é conclusão momentânea, que mesmo quando se conclui, é como água, já está em fluxo de transformação.

Na natureza o processo que acontece com a água a coloca em diferentes modos de si mesma, visando um ciclo, um retorno a ela. Sendo este o ciclo da água, em seu constante movimento transformativo que também pensamos a licenciatura. Assim lembramos dos movimentos dialéticos, das mudanças no interior de si, em busca da superação e avanço. Para mudar de estado, de lugar, de fluxo, é preciso transformar-se. É preciso ser, ainda que ela mesma, coisa diferente, para que possa subir, descer, correr. Além de que a reflexão ou a crítica tenha como objetivo voltar-se a si mesma, para que de modo cíclico, as transformações não se percam por fora ou para fora, mas sim que as transformações voltem para dentro, para o interior de si.

Acreditamos que assim como a água é fundamental para os seres vivos na sobrevivência física, a licenciatura em Psicologia demonstra fator fundamental para a formação de humanidade. Quando se oferece recursos psicológicos para sobrevivência social das pessoas, promove assim o fortalecimento dos vínculos, aproximação de si, do outro e da cultura, do social. Ou seja, a formação oferecida em sala de aula, pode instrumentalizar as pessoas a terem sua autonomia no modo de pensar, na forma a questionar seu entorno.

É necessário dar as ferramentas para as pessoas pensarem e compreenderem sobre seu modo de estar no mundo. Dessa forma, precisamos mergulhar fundo na história e nas contradições do país em busca de compreender a licenciatura em Psicologia. Quando o professor adentra a sala de aula, como ele forma o aluno? Para o professor formar-se professor, como se deve ocorrer o fator da sua formação?

Para tanto, foi percorrido os caminhos trilhados pela Psicologia e mostrado aqui suas transformações ao longo desses anos. Destacamos que a Psicologia é uma ciência concreta, composta por suas relações sociais, políticas, humanas, essa transformação que compete a Psicologia diz sobre um processo que corre para frente, que não acerta sempre, mas continua em movimento, em fluxo. Mesmo que assistimos uma defasagem da

licenciatura é preciso ser resistência e continuar divulgando e dando visibilidade à área. Essa pesquisa fortalece a área da licenciatura em Psicologia por ser talvez um ponto de partida, uma pesquisa que coloca a licenciatura e sua atuação no centro da discussão.

Pensando na licenciatura em Psicologia, no início de sua regulamentação, documentos oficiais, leis, e os questionamentos sobre a realidade da formação dos licenciados em Psicologia, objetivamos pesquisar a atuação deste profissional em Catalão e sua microrregião. Conhecido geograficamente na região do sudeste goiano, compondo-se em 13 municípios torna-se o lócus desta pesquisa. Com apuração na literatura e com auxílio da revisão sistemática, orientados por trabalhos já realizados, levantamos e mapeamos o maior número de instituições possíveis à atuação do professor de Psicologia na cidade de Catalão-GO. Verificamos as instituições, os cursos ofertados, sua grade curricular e se eram disciplinas temáticas da Psicologia ou possíveis à atuação deste profissional. Conseguimos obter através de informantes qualificados, profissionais que já atuaram ou ainda são atuantes com sua licenciatura em Psicologia no sudeste goiano. Realizamos entrevistas com estes professores e posteriormente fizemos uma análise de toda conjuntura pesquisada através dos núcleos de significação.

Essa pesquisa divide-se em cinco seções, na qual, a primeira discute os objetivos e justificativa para realização da pesquisa, além de localizar o recorte histórico do surgimento da formação e em bacharelado e licenciatura em Psicologia no Brasil.

Já na segunda seção, abordamos questões acerca da Licenciatura em Psicologia através da pesquisa de revisão sistemática da literatura. Assim, tivemos um amparo na literatura científica sobre os significados e contornos da licenciatura em Psicologia no país.

Na terceira seção descrevemos a metodologia que é parte fundamental desta pesquisa, além de estruturar nosso referencial metodológico que diz de uma perspectiva de como ver o mundo através de seus processos históricos e sua cultura. Assim, escrevemos esse trabalho à luz da teoria Histórico-cultural delineando a atuação do professor de Psicologia na cidade de Catalão-GO e sua microrregião geográfica.

Na quarta sessão, reservamos para descrever e analisar de forma ampla as entrevistas realizadas com os profissionais localizados na cidade de Catalão-GO, pontuando aspectos pertinentes encontrados no interior das entrevistas destes professores. Questionamos acerca de seus pensamentos sobre qual é o papel do professor de Psicologia, se lançam perspectivas futuras sobre a licenciatura, sua história com a

docência, entre outros aspectos. Nessa seção, analisamos as entrevistas e discutimos pontos que se entrecruzam sob a perspectiva dos núcleos de significação.

Na quinta sessão, após analisarmos as entrevistas, lançamos algumas considerações acerca da atuação pesquisada na cidade de Catalão-GO. Colocamos questões fundamentais para compreender a licenciatura e questionar sua posição frente às outras licenciaturas no país. Finalizamos questionando o porquê da existência dessa modalidade, visto que os cursos de formação de professores em Psicologia vêm sendo paulatinamente reduzidos.

Através dos achados na literatura, baseados na revisão sistemática, na análise pela compreensão histórica, o levantamento e mapeamento das instituições, o encontro com licenciados, as entrevistas e a análise desta, podemos dar novas vozes para a licenciatura em Psicologia. Quando falamos sobre o processo de docência, de ser professor, falamos em possibilidades de diálogo e promoção de humanidade.

1 - TRILHA HISTÓRICA DA PSICOLOGIA E A LICENCIATURA EM PSICOLOGIA NO PAÍS

Não se pode separar a ‘filosofia’ da ‘história da filosofia’, nem a ‘cultura’ da ‘história da cultura’. Não podemos ser filósofos (...) sem a consciência da nossa historicidade, da fase de desenvolvimento por ela representada e do fato de que ela está em contradição com outras concepções ou com elementos de outras concepções (Gramsci, 1978, p. 13).

O profissional de Psicologia, seja ele bacharel ou licenciado, desde 1962 podiam atuar ensinando ou lecionando na educação básica, é o que diz os artigos 11 e 12 da Lei que regulamenta os cursos de formação de Psicologia no Brasil. Pela Lei “Ao portador do diploma de Bacharel em Psicologia, é conferido o direito de ensinar Psicologia em cursos de grau médio, nos termos da legislação em vigor” e também “Ao portador do diploma de Licenciado em Psicologia é conferido o direito de lecionar Psicologia, atendidas as exigências legais devidas” (Brasil, 1962).

Ao pensar os cursos de Psicologia desde sua criação ou atualmente, precisamos recorrer à Lei 4.119 de 27 de agosto de 1962, a Lei de regulamentação dos cursos de formação em Psicologia. Mesmo que muita coisa tenha acontecido de forma diferente e em tempos diferentes nos vários estados da federação, o texto da Lei orienta os primeiros passos para a formação do profissional em Psicologia. De 1962 até os dias atuais muita coisa mudou, especialmente com a criação de novas Leis federais envolvendo a educação e as diretrizes curriculares nacionais para os cursos de Psicologia.

Antes de qualquer coisa é preciso localizar a Psicologia em seus aspectos históricos para podermos dizer com mais concreticidade sobre os aspectos desta ciência. Campos (2014) ao falar sobre a história da Psicologia, destaca que esta ciência é elemento chave na manutenção e transformação da realidade vigente, sendo ela produto e produtora de uma realidade social. Destaca que os fatores históricos não são apenas influentes, mas determinantes do modo de atuar, agir, pensar e trabalhar Psicologia.

Vale mencionar que no século XIX, como resultado direto do modo de produção capitalista, a Europa começou a enfrentar diversas mudanças que exigiam respostas, era urgente saber como agir e intervir na conduta humana, buscando o controle dos corpos (Antunes, 2012). Pensando em como a sociedade se distribuía, devemos lembrar que a

burguesia pensava a sociedade baseada na propriedade privada, no acúmulo de bens, impondo condições de exploração à classe trabalhadora e ainda responsabilizando e encontrando nas diferenças individuais a resposta para a visível desigualdade e a justificativa da exploração de uma classe sobre a outra Antunes (2012).

Para podermos compreender melhor como se consolidou a área psicológica e como surge a licenciatura em Psicologia, precisamos ir a fundo, no modelo de sociedade que foi se configurando no Brasil. Adentrando nas compreensões históricas, culturais e sociais de um povo, a área surge neste país em contexto de intensa industrialização em concomitância com as políticas de economia liberais, no qual também se pensa as questões sociais como questões puramente individuais. Dessa forma, Almeida *et al.* (2003) explicam:

Como a psicologia emergiu nesse contexto de afirmação do capitalismo sob a influência do liberalismo, muitas de suas produções deram-se a partir da visão liberal de homem, em que o fenômeno psicológico, segundo Bock (2000), é visto de forma abstrata e naturalizante. Como a ênfase está centrada no indivíduo e na individualidade, despreza-se o determinante social.

Podemos perceber que já no início desta ciência, ela foi moldada por ideias de indivíduo e individualidade que acompanhavam os ideais da política vigente. É preciso lembrar que havia uma intensa exclusão social, com os sujeitos sendo constantemente empurrados para a margem. A área médica na época recomendava a reclusão ou ainda a invisibilização dos considerados indesejáveis socialmente para a sociedade burguesa (Antunes, 2012). Assim, para sabermos do agora é necessário que destrinchemos o passado, a fim de compreender as condições históricas, sociais e culturais que moldaram a forma de criar e desenvolver a Psicologia. É essencial que consideremos o homem na sua concreticidade, como ser histórico, que através da sua força no mundo, transforma a natureza e ao mesmo tempo a si mesmo (Vygotsky, 1991).

Devemos considerar a Psicologia como fator social, que está em constante mudança, pois ela é fruto do meio social e cultural de cada época. É nesse movimento, nas ideias políticas que a individualidade é acrescida nas relações sociais, de dentro da cultura vivenciada, totalmente relacionadas ao contexto histórico que se passa. Assim, a presença ou ausência de uma teoria psicológica está diretamente ligada a disputas políticas que ocorrem no campo do saber, nas universidades e nos órgãos governamentais (Campos, 2014).

Dentro da cultura de cada povo é importante que cada sujeito que nasce e cresce se aproprie dos conhecimentos já produzidos, fazendo-se sujeito. As pessoas precisam aprender a conviver entre si e entender as normas e valores da sociedade da qual se inserem e vivem, e que está em constante movimento, mudança. Assim, para que a humanidade no homem apareça é preciso partir da sua cultura, efeito diretamente ligado à linguagem, do qual Vygotsky (1991) afirma ser reflexo do mundo exterior (internalizado), fazendo-se então possível a ponte para instrumentalizar a consciência, nomeando o mundo que nos cerca.

Dessa forma, fica a cargo de instituições a transmissão dos conhecimentos acumulados. Aqui falamos da escola como instituição responsável por transmitir os conhecimentos condensados de uma cultura. Para Pimenta (1999) a educação é um processo de humanização que ocorre na sociedade com finalidade de tornar os sujeitos participantes do processo civilizatório. Em primeiro lugar, ensina o sujeito a ler e escrever, é importante que a linguagem seja internalizada como parte da inscrição no mundo e na cultura. Como dito, a capacidade da linguagem é a de refletir o mundo exterior, e após apropriar da leitura, escrita e sua própria fala, esse sujeito passa a nomear a vida ao seu entorno, e à medida que se apropria da civilização, é responsável por levar o processo civilizatório adiante.

Segundo Alvite (1980), toda prática educativa deve ser pensada através de seu contexto cultural, possibilitando uma visão de totalidade, que é estendida ao contexto sócio-político-econômico do país. Segundo a autora:

Em linhas gerais, o que se observa é que o nosso sistema educacional tem como função básica a reprodução das relações de produção e, conseqüentemente, a reprodução da estrutura de classes. A educação reproduz as relações de produção, quando assume por objeto primordial a formação de mão-de-obra e dirige suas atividades no sentido de levar os indivíduos a aceitarem passivamente sua condição de submissão. Não só forma forças produtivas como induz os indivíduos a aceitarem a atual divisão de classes como um fato justo, resultante das diferenças naturais entre os homens. É assim, utilizada para a manutenção e reprodução das relações sociais existentes, cujo produto final se concretiza nos desequilíbrios sociais, onde a maior parte da população não tem possibilidade de acesso aos bens de produção (Alvite, 1980, p.14).

Percebemos assim que a educação só pode ser compreendida como uma atividade humana que está entranhada na totalidade de uma sociedade, e que em certa medida está a todo momento reproduzindo as relações de produção existentes na sociedade. Pensar

que o contexto político e socioeconômico de um país é fator fundamental para direcionar o olhar sobre a educação e questionar quais são as estruturas de poder ou ainda, uma educação para quem?

Pensando a educação nesse sentido, como reflexo dos modelos de produção, percebe-se que a expansão do capital reorienta novos pensamentos sobre a educação, colocando-a em um modo de funcionamento semelhante à lógica de prestação de serviços para o mercado (Rocha; Rocha, 2004). Essa perspectiva, calcada no ideário neoliberal, modifica as bases culturais e educacionais, legitimando os princípios ligados à empresa, à competitividade e ao lucro (Mancebo; Rocha, 2000) Esse modelo de pensar a sociedade revelam um modo de produção de vida que é excludente e injusto (Moraes *et. al.*, 2019)

Os pesquisadores Cavalcante e Aquino (2019) indicam que nos primórdios da Psicologia Escolar no país, por volta da década de 1950/60, a área era tomada por uma visão remediativa e adaptacionista, revelando uma atuação primordialmente clínica, fortemente ligada aos atendimentos de crianças e jovens com problemas de aprendizagem e desenvolvimento. É somente na década de 70 que pesquisadores e intelectuais brasileiros questionam a serviço de quem a Psicologia Escolar estava formulando críticas ao modelo segregacionista e propondo novos debates de ideias.

Voltando à história da ciência psicológica, muito antes de 1962, segundo é possível identificar o surgimento de uma Psicologia associada à Educação com os jesuítas (Campos, 2014). No início de suas atividades de catequização, para propagação de sua crença e filosofia, criaram escolas e na transmissão de seus valores, começaram a observar os comportamentos das crianças indígenas e transmitir os achados em pregações religiosas. Essa forma de saber psicológico e educar, inicialmente foram marcados pela religião e os valores católicos.

A Psicologia conhecida hoje a nível científico nasceu na Alemanha no final do século XIX, através de Wundt e James. O saber psicológico aumentava e foi de grande importância na segunda guerra mundial na seleção de soldados alemães. (Abib, 2009, p. 200) Nas universidades norte-americanas, a psicologia ganhou prioridade sobre outros saberes e práticas, como a filosofia e a medicina. Para se ter uma ideia dessa importância, a Associação Psicológica Americana (APA) fundada em 1892, nos Estados Unidos da América, se sobrepôs às áreas médicas e aos cursos de medicina que ainda em 1910 tinham cursos precários. No continente norte americano o primeiro diploma da área foi concedido em 1879 à Stanley Hall (Abib, 2009).

Após a entrada dos saberes psicológicos no Brasil, principalmente pelas teorias norte-americanas e europeias, o estudo e ensino de Psicologia é lentamente difundido. Soares (2010) ao fazer o recorte da história da Psicologia no Brasil, traz diversas publicações que representam o início dessa ciência no país, separando da história escrita por médicos e a história escrita por educadores. Relata que após a primeira década de 1900, em que as teses psicológicas, vindas das Faculdades do Rio de Janeiro e Bahia ganharam mais confiança, começaram a surgir laboratórios de Psicologia e clínicas psiquiátricas. Levando o governo a se interessar pelos resultados obtidos. Escreve como a Psicologia nasce por essas duas vias no Brasil através dos vários nomes, contribuintes, títulos de teses defendidas e o ano, além de contextualizar os principais fatos que aconteciam no Brasil e no mundo (Soares, 2010).

As primeiras contribuições para a Psicologia no país foram as teses de doutorado feita por médicos, nas quais, em suas conclusões, percebiam achados de interesse não só para a ciência, mas para a cultura geral. Soares (2010) separa seu texto em ordem cronológica, na qual, na primeira parte, a *Pré História da Psicologia 1830-1900*, descreve que naquele momento havia uma tendência à neuropsiquiatria, psicofisiologia e a neurologia. Mais tarde, os achados de Pavlov influenciaram inúmeras partes do mundo fazendo surgir escolas na área da Psicologia do comportamento humano.

Nesse momento, a Psicologia está presente principalmente nos hospitais psiquiátricos. Em 1922 é criado a Liga Brasileira de Higiene Mental, que buscava “despertar interesse pela pesquisa pura e pela pesquisa aplicada” (Soares, 2010, p. 15) e promoviam as Jornadas Brasileiras de Psicologia. Após algum período “a Liga propõe junto ao Ministério da Educação e Saúde a criação obrigatória de Gabinete de Psicologia, junto às Clínicas Psiquiátricas” (Soares, 2010, p. 15). No ano de 1923, foi criado o Laboratório de Psicologia do Engenho de Dentro, que funcionou por aproximadamente 10 anos, preparando profissionais de diversas especialidades. A literatura nos indica que esta é uma das primeiras unidades proposta e pensada para a formação de psicólogos no Brasil.

Criado pelo Ministério da Educação e Saúde, no Rio de Janeiro, dentro do Hospital do Engenho de Dentro, funcionava o laboratório de Psicologia da Colônia de Psicopatas. Somente em 1932 que um decreto cria o Instituto de Psicologia da Colônia de Psicopatas do Engenho de Dentro, sendo este remodelado em Escola Superior de Psicologia. O curso de formação seria ofertado no ano seguinte em 1933 e pretendia formar especialistas em Medicina, Direito e Psicologia aplicada à Educação. Porém, antes

de completar um ano, o instituto foi extinto (Campos, 2014; Turci; Lourenço; Cirino, 2020). Nesse período é criado na Escola Normal de São Paulo, o Laboratório de Psicologia Educacional. O laboratório, em 1934 passa a ser incorporado à cátedra de Psicologia Educacional da USP, no mesmo ano, a matéria de Psicologia passa a ser obrigatória nos cursos de Filosofia, Pedagogia e Ciências Sociais (Barbosa, 2007; Soares, 2010).

Ainda no ano de 1934, foram instalados em São Paulo, gabinetes de psicotécnica, que tinham por objetivo a orientação vocacional de alunos de acordo com suas aptidões, acompanhar o desempenho dos estudantes e realizar readaptações em contextos de trabalho. (Pandita-Pereira, 2011) Em 1949, na Universidade do Brasil, Eliezer Schneider, propôs a criação de um curso de formação de psicólogos, com duração de 4 anos, porém o curso não foi ofertado (Turci; Lourenço; Cirino, 2020).

É possível observar a presença do ensino de Psicologia nas licenciaturas e outros cursos. Essa configuração dos cursos usarem dos saberes psicológicos se deu na perspectiva de que “o saber psicológico pudesse auxiliar na instrução da classe popular” (Vicente, 2019, p.17). Esses saberes indicavam modelos de como ensinar ou como aprender, e após um período um projeto de Lei passa a obrigar a disciplina de Psicologia em todos os cursos de licenciatura no Brasil.

A literatura indica que os primeiros cursos de formação de professores no país eram vinculados às faculdades de Filosofia, nos anos de 1939. Segundo Turci, Lourenço e Cirino (2020) a proposta fazia parte da política educacional daquele tempo, no qual se objetivaram em renovar o sistema educacional brasileiro, formando professores a fim de elevar a cultura popular. Segundo os autores:

Por meio dessa legislação, as Faculdades de Filosofia brasileiras deveriam ser compostas por quatro seções, constituídas de um curso ou mais cada uma: seção de Filosofia, de Ciências, de Letras e de Pedagogia. Os cursos seriam de 3 anos e, ao final do bacharelado, o aluno faria uma seção especial denominada Didática, com duração de 1 ano e que seria responsável por formar professores para o ensino secundário no país. O diplomado seria licenciado no grupo de disciplinas que formavam o seu curso de bacharelado de origem. Essa formação de professores ficou conhecida como modelo 3+1.

Após 1940, para o professor do ensino secundário atuar, o título de licenciado passou a ser obrigatório. Porém, como haviam “poucos professores licenciados no formato. Então era muito comum que as poucas vagas existentes para professores fossem disputadas também por profissionais liberais e autodidatas que se dispunham a ministrar

aulas para o segmento” (Turci; Lourenço; Cirino, 2020 p. 04). Anos mais tarde, em 1946 um decreto propõe ampliar a formação nas Faculdades de Filosofia, especificando um currículo fixo e para concluir a licenciatura, os alunos recebiam formação prática e didática, e eram obrigados a cursar Psicologia aplicada à Educação (Turci; Lourenço; Cirino, 2020).

Em 1946 duas leis foram de extrema importância para pautar a institucionalização da Psicologia, que foi o Decreto Lei nº 9.092, de 1946, que tornava a disciplina de Psicologia Aplicada à Educação obrigatória para obtenção do título de licenciado. No mesmo ano, a Portaria nº272, regulamentava os diplomas aos especialistas, entre as formações, a de psicólogo, nascendo assim o psicólogo especialista, atuando na clínica, na educação e no trabalho (Oliveira *et al.*, 2017). Vale lembrar como bem menciona Antunes (2012, p.51) que a sociedade se alicerçava “na divisão social do trabalho e no avanço técnico caminhava para a especialização do conhecimento”. Assim, com o rápido desenvolvimento da Psicologia relacionado às demandas “de uma sociedade que se transformava na direção da industrialização e cujas contradições exigiam ações que poderiam ter na ciência psicológica um poderoso substrato de natureza científica e técnica” (Antunes, 2012, p. 58) Dessa forma a ciência psicológica ganhava credibilidade científica à partir de sua técnica, especialmente com os testes psicológicos, sendo considerados a técnica por excelência da área. Assim, a ciência vai se fortalecendo, “na medida de sua capacidade de responder às necessidades geradas por um projeto político, econômico e social dirigido pela nova classe dominante, a emergente burguesia industrial” (Antunes, 2012, p.58).

Nesse contexto, muitas ações eram caracterizadas como contrárias às práticas vigentes. Antunes (2012) lembra que na década de 1930, Helena Antipoff concluiu que os testes utilizados em sua pesquisa realizada em Belo Horizonte, mediam além da inteligência das crianças, suas condições materiais e sociais de existência, questionando, dessa forma, os testes como instrumentos absolutos. Sem negar a importância destes, a pesquisa de Helena mostra que um teste pode sim medir a inteligência, porém essa depende das condições materiais e sociais das pessoas. É ela em conjunto com Ulysses Pernambucano que começam na educação de crianças com deficiência, com superdotados e com a educação rural. A contraposição à norma, fazia com que algumas figuras importantes fossem perseguidas e considerados adeptos do pensamento de esquerda ou comunistas, inimigos do Estado (Antunes, 2012).

No final da década de 1940, início da década de 1950, havia no país muitos profissionais atuantes na área e a demanda pressionou a regulamentação do curso.

A demanda e a luta dos profissionais que já trabalhavam na área em espaços públicos e particulares contribuíram significativamente para os processos de organização e regulamentação da formação e da profissão de psicólogos. Inclusive, conforme informado no Parecer nº 412 de 1957, foi a partir de uma demanda de um profissional que já atuava com Psicologia no Brasil que o Ministério da Educação entendeu a conveniência de organizar a profissão, na década de 1950. (Turci, Lourenço e Cirino, 2020, p. 06)

Em 1947 se estabeleceram outros cursos de Psicologia no Brasil, como no Instituto de Seleção e Orientação Profissional (ISOP). O instituto sofria com perseguições e limitações das expressões de suas ideias (Antunes, 2012). Mesmo com a expansão das faculdades de Filosofia no país, até 1960 grande parte dos professores formavam-se através das escolas normais ou outros cursos (Turci; Lourenço; Cirino, 2020).

Nesse momento, e anterior a regulamentação do curso de Psicologia, surge a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) de 1961. Orientados pela constituição, a Lei se torna importante na medida em que define os caminhos da educação no país. Esse período é marcado por intensas mudanças na sociedade brasileira.

Para contextualizar melhor, é nessa época que o país se vê em crescente ritmo de industrialização. A história mostra que após consolidar-se como dominante, a burguesia enfrentou crises e conflitos sociais e econômicos, que eram provenientes da sua forma de produção, que também representavam ameaças à própria existência da sociedade burguesa (Castro; Luft; Weyh, 2019). Segundo os autores:

Ainda nas primeiras décadas do século XX, começou a se consolidar o que se chamaria de “crise do capital”, decorrência de um período de transição e de conflitos resultantes do crescimento e da expansão da indústria, na qual dentre muitas consequências, respaldou na pedagogia liberal tradicional, perdendo espaço e o controle sobre o domínio da ordem na sociedade moderna. Naquele momento de profundas mudanças econômicas, políticas e sociais, começaram a surgir críticas à sociedade burguesa e as suas concepções de educação fundamentadas na pedagogia tradicional, e foi neste momento que se abriu a oportunidade para o movimento da Escola Nova, que vai se consolidar como resposta à sociedade industrial (Castro; Luft; Weyh, 2019, p. 03).

É nesse momento que no país há um sistema de educação liberal, de uma pedagogia tradicional, que refletia os interesses burgueses. A cultura cafeeira está em alta nesse momento, além do intenso processo de industrialização, urbanização, expansão

cultural, e é nesse contexto de mudanças na organização econômica, política e social do país que o movimento Escola Nova se desenvolve:

Essa rápida expansão resultou no crescimento econômico do nosso país, porém com esses avanços, surgiram problemas de desordem social e política. O movimento da Escola Nova toma força após o fim da Primeira República (1930), assumindo um novo ideário de ensino, que atendessem as necessidades vigentes da época. Para este movimento a educação era o elemento fundamental para construção de uma sociedade democrática, igualitária e que não mais submetesse os homens a valores e dogmas tradicionais, os quais não vinham de encontro com suas necessidades (Castro; Luft; Weyh, 2019, p.3).

Inicialmente, o movimento se contrapôs à pedagogia tradicional, sendo um movimento de extrema importância quando considerados os avanços na forma de pensar o ensino e a educação no país.

A pedagogia nova era a renovação do ensino, rompendo a concepção tradicional que estava instalada no nosso sistema educacional que mantinha o indivíduo com sua liberdade e autonomia estéril, que enfatizava o individualismo, o privilégio, uma educação que era constituída por interesses antagônicos, aos que a sociedade suplicava. Desta forma, como contraposição a esse sistema de classes que oportunizava o acesso à educação de qualidade apenas para uma minoria, enquanto a outra parte da população tinha acesso a um tipo de educação que só formava sujeitos apenas para o trabalho (Castro; Luft; Weyh, 2019, p.3).

Ainda nesse sentido, com o intenso fervilhar industrial no país, com ideias de expansão, começaram a projetar uma educação diferente para o novo homem que surgia nesse contexto. Assim, a Psicologia ganha espaço fundamental para se consolidar como ciência. É nas formulações psicológicas que a Pedagogia se fundamenta cientificamente, fortalecendo a área.

A crítica ao Brasil agrário e ao atraso econômico formou a base para o projeto de um Brasil moderno e *à altura do século*, tendo a industrialização como meta. Almejava-se um novo país, o que demandaria a construção de um novo homem, adequado aos novos tempos. À educação caberia forjar esse novo homem, educação essa que deveria ser também moderna e *à altura do século*. É nessa condição que o escolanovismo ganhou maior sistematização e se tornou a proposta educacional alinhada ao projeto de um novo Brasil, do que decorre a adoção de uma nova Pedagogia, a Pedagogia nova, que se pretende fundamentalmente Pedagogia científica. Essa Pedagogia tem na Psicologia sua mais importante fundamentação científica. Foi nesse quadro que a área ganhou condições não apenas para se afirmar como ciência autônoma, não mais produzida no interior de outras disciplinas, mas, sobretudo, para se desenvolver e se ampliar, fundamentada no que se produzia na Europa e nos Estados Unidos (Antunes, 2012, p.53).

Assim, observamos que só podemos olhar para um fato histórico e dizer melhor sobre ele, se olharmos sob a trilha histórica que se ergueu. Conseguimos ver os porquês da ciência psicológica nascer através da medicina e da educação no Brasil. A LDB de 1961 que surge através de diversos embates políticos e sociais pela educação, traz um marco para a formação no ensino superior com a ideia dos currículos mínimos. A ideia dos currículos mínimos (Art. 70) são trabalhados melhor no ano seguinte em 1962 com o parecer nº262/62, no qual estipulava matérias obrigatórias que habilitavam o diplomado ao exercício do magistério, tendo como foco o método e o aluno (Turci; Lourenço; Cirino, 2020).

Ainda de acordo com o parecer de 62, a formação seria ofertada ao longo de cinco semestres, e não ao final do curso como ocorria, além de possuir matérias obrigatórias e estágio supervisionado visando à atuação docente. Ainda sobre a LDB de 61, podemos localizar (Art. 59) a indicação de que a formação de professores para o ensino médio deveria ser feita nas faculdades de filosofia, ciências e letras, e para professores de disciplinas específicas de ensino médio técnico em cursos especiais da educação técnica. O caráter da formação e o estabelecimento do currículo mínimo foram assuntos bastante discutidos ao longo das próximas duas décadas.

Na expressão de todo contexto citado, de todo conhecimento científico já empenhado pelo saber psicológico, como aponta Lourenço Filho (1971), em 1953 professores da Faculdade de Filosofia solicitaram uma sessão específica à Psicologia, e nesse mesmo ano, a Associação Brasileira de Psicotécnica encaminha um projeto ao Ministério da Educação e Saúde, para regulamentar a profissão. Em 1957 recebe um parecer favorável do Conselho Nacional de Educação. O projeto é enviado ao Congresso e em 1961 um projeto substitutivo tramita na Câmara dos Deputados, e é analisado em conjunto com a Associação Brasileira de Psicologia Aplicada, a Sociedade de Psicologia de São Paulo e a Associação Brasileira de Psicólogos. No ano seguinte, em 27 de agosto de 1962 é aprovada a lei que regulamenta a profissão de psicólogo no país, a Lei nº4119 (Brasil, 1962).

A partir da Lei, a área psicológica passava assim a ter seus princípios, códigos e condutas mediados pelo Estado, e sendo ciência a ser estudada, desenvolvida e apta a formar profissionais. Nesse momento a formação de psicologia se dava através de três habilitações, o bacharel, licenciatura e formação do psicólogo, sendo a licenciatura inclinada à formação de professores para o ensino médio, abarcando o estudo-ensino

sobre o funcionamento e estrutura do ensino médio, didática e a prática do ensino de psicologia (Oliveira *et al.*, 2017).

Nota-se que no início, foi concedido aos portadores de certificados de cursos de pós-graduação em Psicologia Educacional ou Psicologia, o direito de se registrar como Profissional Psicólogo (Soares, 2010). Em 1971, é criado os Conselhos Federal e Regionais de Psicologia.

1.1 A Licenciatura em Psicologia no Brasil

Como referenciado acima, a primeira regulamentação dos cursos de Psicologia através da Lei nº4119 em 1962, já previa a formação do licenciado em Psicologia. Para a formação em bacharelado ou licenciatura, com foco na docência, que habilitava o exercício do magistério em cursos de nível médio, o currículo mínimo previa as disciplinas de Fisiologia, Estatística, Psicologia Geral e Experimental, Psicologia da Personalidade, Psicologia do Desenvolvimento, Psicologia Social e Psicopatologia Geral, e a obrigatoriedade das matérias pedagógicas para os licenciandos. Além dessas matérias, o currículo previa as Técnicas de Exame Profissional e Aconselhamento Psicológico, Ética Profissional e pelo menos três das seguintes disciplinas: Psicologia Escolar e Problemas de Aprendizagem, Pedagogia Terapêutica, Teorias Técnicas Psicoterápicas, Seleção e Orientação Profissional, Psicologia da Indústria, Psicologia do Excepcional, Dinâmica de Grupo e Relações Humanas (Brasil, 1962). Também era esperado que do aluno um período de treinamento prático na forma dos estágios supervisionados.

Após a regulamentação, começa um período de grande expansão dos cursos de Psicologia, especialmente na década de 1970. O período é marcado pela forte presença do Estado, atravessados pela ditadura militar e pela Reforma Universitária, que desencadeia uma desmobilização da Psicologia com a privatização do ensino superior brasileiro (Conselho Federal de Psicologia, 2018). Nesse momento, a expansão dos cursos representa o elevado número das demandas por serviços psicológicos, que estavam se tornando mais conhecidos e valorizados pela população (Conselho Federal de Psicologia, 2018).

Em 1971 são criados os Conselhos Regionais e Federais de Psicologia, que tinham por função fiscalizar e orientar o exercício da profissão. Em 1975 é publicado o primeiro Código de Ética do Psicólogo. No final da década de 1980, uma pesquisa feita pelo Conselho Federal de Psicologia intitulada “Quem é o Psicólogo Brasileiro?” mostra a primeira face da profissão e seus profissionais, apontando uma prevalência do público

feminino e as práticas clínicas de atuação. Na década de 1990, o debate acerca da formação do profissional se intensifica, e em 1992 o CFP promove o I Encontro de Coordenadores de Curso de Formação de Psicólogos, que norteia uma série de compromissos do profissional em formação (Conselho Federal de Psicologia, 2018).

Em 1995, o Ministério da Educação, convoca uma comissão de especialistas no ensino de Psicologia para elaborar as diretrizes curriculares para os cursos, o documento organiza 10 diretrizes, como a formação plural, generalista, interdisciplinar, de atuação multiprofissional, com formação científica, crítica e reflexiva, com integração teórico-prática, alinhada às demandas sociais, tendo o compromisso ético permeando todo currículo (Conselho Federal de Psicologia, 2018). Após intensas discussões, as primeiras Diretrizes Curriculares Nacionais (Brasil, 2001) para os cursos de graduação em Psicologia foram publicadas em 2001, a partir da resolução CNE/CES nº436 de 2 de abril de 2001.

No texto das primeiras DCNs (Brasil, 2001) para o curso de Psicologia, já previa algumas especificações da Formação de Professores de Psicologia. O próprio texto denota a substituição do termo “licenciatura” por “formação de professores” acenando a possibilidade do formando ensinar Psicologia nos diversos níveis de ensino, modalidades e ambientes em que compete à atuação deste profissional (Brasil, 2001).

Em 2004 as diretrizes em seu Art.13, descreve que a formação do professor de Psicologia deve acontecer através de um projeto pedagógico complementar e diferenciado, mas que propicie o desenvolvimento de competências e habilidades previstas nas Diretrizes Nacionais para a formação do professor da Educação Básica (Brasil, 2004). O texto é curto e só é ampliado nas diretrizes de 2011.

Segundo Oliveira *et al.* (2017), após a dimensão de pesquisa ser incorporada na formação geral do Psicólogo, em 2004, a licenciatura passou a ter finalidade complementar no Ensino de Psicologia. Acarretando a drástica redução da oferta de licenciatura em Psicologia e na redução da participação do campo da Educação na formação de Psicologia. E é somente em 2011 que acontecem mudanças na regulamentação da forma de ofertar licenciatura, após necessidade de “manter e ampliar os cursos de licenciatura no país, já que esses vinham sendo paulatinamente reduzidos” (Oliveira *et al.*, 2017, p.23).

As DCNs de 2011 (Brasil, 2011) marcam um ponto chave na formação de professores de Psicologia, pois torna a oferta da licenciatura de oferta obrigatória aos cursos de graduação em Psicologia, além do texto apresentar especificidades muito

importantes no que se refere a forma de formar os professores de Psicologia. Deve o projeto político se objetivar em:

a) complementar a formação dos psicólogos, articulando os saberes específicos da área com os conhecimentos didáticos e metodológicos, para atuar na construção de políticas públicas de educação, na educação básica, no nível médio, no curso Normal, em cursos profissionalizantes e em cursos técnicos, na educação continuada, assim como em contextos de educação informal como abrigos, centros socioeducativos, instituições comunitárias e outros; b) possibilitar a formação de professores de Psicologia comprometidos com as transformações político-sociais, adequando sua prática pedagógica às exigências de uma educação inclusiva; c) formar professores de Psicologia comprometidos com os valores da solidariedade e da cidadania, capazes de refletir, expressar e construir, de modo crítico e criativo, novos contextos de pensamentos e ação (Brasil, 2011, p.5).

Ainda, que a proposta complementar deve assegurar que o curso faça a articulação de conhecimentos, competências e habilidades em torno dos eixos estruturantes:

a) Psicologia, Políticas Públicas e Educacionais, que prepara o formando para compreender a complexidade da realidade educacional do País e fortalece a elaboração de políticas públicas que se articulem com as finalidades da educação inclusiva; b) Psicologia e Instituições Educacionais, que prepara o formando para a compreensão das dinâmicas e políticas institucionais e para o desenvolvimento de ações coletivas que envolvam os diferentes setores e protagonistas das instituições, em articulação com as demais instâncias sociais, tendo como perspectiva a elaboração de projetos político-pedagógicos autônomos e emancipatórios; c) Filosofia, Psicologia e Educação, que proporciona ao formando o conhecimento das diferentes abordagens teóricas que caracterizam o saber educacional e pedagógico e as práticas profissionais, articulando-os com os pressupostos filosóficos e conceitos psicológicos subjacentes; 5 d) Disciplinaridade e interdisciplinaridade, que possibilita ao formando reconhecer o campo específico da Educação e percebê-lo nas possibilidades de interação com a área da Psicologia, assim como com outras áreas do saber, em uma perspectiva de educação continuada (Brasil, 2011, p.5).

É importante que se coloque na íntegra o texto da resolução, pois é a partir desse texto que após várias discussões e lutas a licenciatura em Psicologia ressurgiu como possibilidade de plena existência. O texto da resolução de 2011 evidencia o papel dos cursos de formação de professores e as habilidades que devem oferecer, como a promoção de uma visão do papel social do educador, a necessidade de reflexão sobre a prática, os contextos sociais e econômicos. Define assim, que a formação de professores de Psicologia deve oferecer em seus conteúdos que:

a) destaquem e promovam uma visão abrangente do papel social do educador, assim como a reflexão sobre sua prática e a necessidade de aperfeiçoamento contínuo do futuro professor; b) articulem e utilizem conhecimentos, competências e habilidades desenvolvidos no curso de Psicologia para a ampliação e o amadurecimento do papel de professor; c) considerem as características de aprendizagem e de desenvolvimento dos alunos, o contexto socioeconômico e cultural em que atuarão na organização didática de conteúdos, bem como na escolha das estratégias e técnicas a serem empregadas em sua promoção; d) promovam o conhecimento da organização escolar, gestão e legislação de ensino referentes à educação no Brasil, assim como a análise das questões educacionais relativas à dinâmica institucional e à organização do trabalho docente; e) estimulem a reflexão sobre a realidade escolar brasileira e as articulações existentes com as políticas públicas educacionais e o contexto socioeconômico mais amplo.

O Art.13 ainda especifica que os conteúdos deverão ser adquiridos no decorrer do curso de Psicologia e complementados através do estágio, que possibilita a prática do ensino. Estabelece também a carga horária para a formação de professores de Psicologia distribuídos entre os conteúdos específicos e os estágios supervisionados. No parágrafo 7, diz que as licenciaturas “serão oferecidas a todos os alunos dos cursos de graduação em Psicologia, que poderão optar ou não por sua realização” (Brasil, 2011). Dessa forma, todos os cursos de graduação em Psicologia ficariam encarregados de se mobilizarem e ofertarem a licenciatura de forma obrigatória e ficaria à cargo do aluno optar por cursar ou não a licenciatura. Ao final do curso, aos alunos que cumprissem as exigências do projeto complementar em licenciatura, teriam em seus diplomas o certificado de licenciado.

Em 2019, há uma proposta de revisão das DCNs (Brasil, 2019) para os cursos de Psicologia. A revisão traz em seu Art.22 a possibilidade de oferta do curso de formação de professores em Psicologia como optativa para as Instituições de Ensino Superior (IES) deixando de ser obrigatória como previa a resolução de 2011 (Brasil, 2019). Em 2022 há uma reanálise do Parecer CNE)/CES nº1.071 de 2019, com as propostas das DCNs para os cursos de graduação em Psicologia e estabelecimento das novas normas para o Projeto Pedagógico Complementar (PPC) para a Formação de Professores de Psicologia. Em 11 de outubro de 2023 é instituída as novas DCNs (Brasil, 2023) para os cursos de Psicologia sob a Resolução CNE)/CES nº1.

É importante notar a escrita da proposta em 2019 e a aprovação da resolução em 2023. No Art. 22 da proposta de revisão das diretrizes, o texto diz “A oferta de licenciatura, formação de professores de Psicologia, é optativa e dar-se-á em um projeto

pedagógico complementar e diferenciado, atendendo aos marcos legais vigentes” (Brasil, 2019). Já na aprovação das DCNs (Brasil, 2023) em 2023, o mesmo artigo aparece com o texto: “A licenciatura, formação de professores de Psicologia, poderá ser oferecida concomitante ou posteriormente ao curso superior de Psicologia e dar-se-á em um projeto pedagógico que atenda aos marcos legais vigentes.”

Destacamos também a mudança de nomenclatura, que em 2019 a palavra “licenciatura” aparece 6 vezes no texto da proposta de reformulação, já nas diretrizes de 2023, a palavra é substituída por “formação de professores”. Essa mudança já aparecia nas DCNs de 2001 (Brasil, 2001), denotando o fato de que a “formação de professores” acena para uma possibilidade maior de ocupação e atuação deste profissional. Chamamos a atenção para o fato de que até 2011, as DCNs (Brasil, 2011) procuravam garantir a formação do licenciando em concomitância com o bacharel, para evitar a presença de duas formações distintas e com profundidades desiguais, a do psicólogo e a do professor de psicologia (Conselho Federal de Psicologia, 2018). Com as novas diretrizes de 2023, a modalidade é de oferta optativa à instituição, e o aluno pode fazer ao longo do curso ou ao final. Assistimos o retorno à preocupação que as discussões já apontavam, o risco de a licenciatura ser aplicada de forma superficial, com profundidade discrepante.

Segundo o Conselho Federal de Psicologia (2018) havia, desde 2011, com a obrigatoriedade da oferta da licenciatura, uma dificuldade colocada pelas instituições de organizar a oferta da modalidade, uma vez que era optativa ao aluno (Conselho Federal de Psicologia, 2018).

No Portal e-MEC (EMEC, 2024) existe o registro de 46 cursos de formação de professores de Psicologia no Brasil, hoje, existem 18 em funcionamento. Em contrapartida, existem 1285 cursos de formação em Bacharel registrados e 1183 em funcionamento. Um número extremamente discrepante. Podemos olhar para esses registros e nos perguntar o porquê de a licenciatura em Psicologia ter o caráter secundário e o porquê tem perdido forças ano após ano?

Devemos lembrar que em 1998, o Conselho Nacional de Saúde reconheceu a Psicologia como uma das categorias profissionais de nível superior da área da saúde. Observamos que desde 2004, com a dimensão da pesquisa sendo incorporada, que a Licenciatura ganha caráter secundário, além do Projeto Político das licenciaturas ser redigido de forma complementar ao da formação em bacharel.

Para entendermos melhor sobre o professor de Psicologia e sua importância, temos que entender a dimensão do professor. Dessa maneira, escrevemos a seguir sobre

o papel da docência. É visto que nos textos da resolução de 2011, por exemplo, a afirmação do compromisso do professor com a ética, o saber sobre o contexto social e econômico de onde se atua, o compromisso com a formação cidadã, entre outros. Assim, para pensarmos o professor de Psicologia, devemos pensar sobre a função docente.

1.2. A Licenciatura e a docência em Psicologia

Para discutir sobre a docência em Psicologia, perguntamos por que ensinar Psicologia? Qual a importância na formação dos alunos, a atuação do professor de Psicologia na sala de aula? Que faz um professor? Podemos pensar a própria formação de professores em Psicologia e a relação desses com seus alunos e na formação destes. Para responder a essas questões, buscamos na literatura a investigação sobre o fazer docente, o professorar. A partir de alguns referenciais, podemos apontar que, ao educar, o professor constrói cidadania nos alunos, que a relação educacional é dialética, envolve diálogo, dinâmica, contradição, troca, movimento. A seguir, trazemos elementos que sustentam a importância do fazer docente, a importância de formar professores em Psicologia capazes de formar cidadãos.

Pimenta (1999) faz uma reflexão fundamental sobre o porquê ensinar em uma sociedade que parece ter superado a ideia de quem ensina. Ao pensar no processo de globalização, com o crescimento da internet, que dá acesso à informação de forma ágil na palma das mãos. A autora insiste na ideia de que o ato de ensinar é ato de mediar a constituição da cidadania nas pessoas, além de a educação promover a superação da desigualdade entre as pessoas. Ou seja, para acessar o mundo globalizado, cada pessoa precisa se apropriar do mundo ao longo de seu processo histórico. Esse processo exige que o professor de Psicologia esteja orientado por algumas premissas, como a articulação com as tendências que se opõem à racionalidade tecnicista. O professor de Psicologia deve estar alinhado aos pressupostos de uma atuação reflexiva. Para Pimenta (1999) a formação de professores nessa perspectiva envolve um processo duplo, um do professor enquanto crítico e reflexivo de sua atuação, gerando possibilidades de reelaboração das coisas postas. O outro processo envolve a formação nas instituições escolares que atuam. Esse ponto de vista revela um processo de construção de um caminho para a emancipação humana.

O processo de reflexão para a formação é importante na medida que vai se atualizando, que se ressignifica, que é movimento vivo. Para Pimenta (1999) a formação de professores nessa perspectiva configura-se em uma política de valorização dos

professores nos níveis tanto profissional quanto pessoal, para a autora (Pimenta, 1999, p. 31):

A formação de professores na tendência reflexiva se configura como uma política de valorização do desenvolvimento pessoal-profissional dos professores e das instituições escolares, uma vez que supõe condições de trabalho propiciadoras da formação como contínua dos professores, no local de trabalho, em redes de autoformação, e em parceria com outras instituições de formação. Isso porque trabalhar o conhecimento na dinâmica da sociedade multimídia, da globalização, da multiculturalidade, das transformações nos mercados produtivos, na formação dos alunos, crianças e jovens, também eles em constante processo de transformação cultural, de valores, de interesses e necessidades, requer permanente formação, entendida como ressignificação identitária dos professores.

Essa ideia acompanha os movimentos de constante mudança da sociedade, das transformações sociais. A cultura está sendo tecida a todo momento, e os sujeitos são produtores dela. É nesse sentido que o professor precisa estar sempre em formação e atualização. Por isso, é necessário a prática pautada na crítica e reflexão. O professor deve dar conta dos sujeitos totais existentes no contexto escolar, deve saber reconhecer para quem se está dando aula.

Tunes, Tacca e Júnior (2005) discutem sobre o professor e o ato de ensinar, esmiuçando o trabalho desenvolvido pelo professor, frente à abordagem histórico-cultural. Trazemos à discussão o artigo para que entendamos o processo de professorar. Os autores iniciam a discussão explanando sobre a possibilidade de significação que adquirimos ao longo da vida, sendo o convívio social a possibilidade de podermos elaborar e reelaborar os sentidos das coisas, e é nesse movimento relacional, ou seja, na relação com as pessoas, que se cria múltiplas possibilidades de dar significação. Esse processo não é simples ou linear, é um acontecimento vivo, em movimento, e podem direcionar a constituição da personalidade dos sujeitos. Nesse processo, o professor e seus alunos estão mergulhados em possibilidades múltiplas de interação, com múltiplas histórias de vida, experiências e vivências, atualizando sentidos subjetivos de quem se inter relacionam com essas histórias. Mas esse processo muitas vezes não é consciente, porém, o planejamento do processo é fundamental na direção do ensino entre professor e aluno. Segundo Tunes, Tacca e Júnior (2005, p. 690) “Isso não quer dizer, contudo, que os que ensinam e os que aprendem percebem, a cada instante, o impacto que sofrem e causam um no outro. Há que se ter em conta, entretanto, que o professor planeja ações cujos objetivos realizam-se no aluno.”

Ainda na mesma linha de pensamento (Tunes; Tacca; Júnior, 2005) há um impacto intencional no aluno, que é esperado e planejado pelo professor. Há um imperativo de interferir em seus pensamentos, fazendo com que dessa forma, os modos de ensinar sejam pensados e alinhados aos modos de pensar do aluno, nesse sentido, o aluno vai demandando e dirigindo o próprio processo de aprender. Essa ideia, consiste nos pensamentos de Vygotsky quando este teoriza as relações de aprendizagem e desenvolvimento e o conceito de zona de desenvolvimento eminente.

Tunes, Tacca e Júnior (2005) continuam a discussão salientando visões que ocorriam ou ainda ocorrem do professor, como a imagem do jardineiro, protegendo o aluno das pragas e fertilizando e regando o solo, para que este cresça e mostre seus frutos; ou ainda a ideia do professor escultor, que esculpe e molda a pedra bruta da forma que lhe convém. Essas duas perspectivas são individualistas, a primeira entre os alunos, a segunda revela o individualismo do professor. Os autores fazem uma crítica à essas visões, se contrapondo às idealizações puramente individuais, localizando os sujeitos como um “ser-em-relação”, sendo assim, a maior e principal função da educação deve ser não somente a expressão do eu, mas a de nutrir as possibilidades relacionais, de estar-com. Dessa forma acreditam que:

O ensino é, fundamentalmente, diálogo: o importante, para o professor, não é falar do ou sobre o aluno, mas com o aluno, um diálogo verdadeiro que implica a aptidão daquele para o relacionamento pessoal com este, que é outro. [...] A psicologia histórico-cultural de Vigotski concebe o psiquismo como uma construção social e encontra na mediação semiótica um conceito importante [...] os seres humanos criam continuamente instrumentos e sistemas de signos, que lhes permitem conhecer e transformar o mundo, ao mesmo tempo em que estes os transformam, impelindo o desenvolvimento de novas funções psíquicas (Tunes; Tacca; Júnior, 2005, p.693-694).

Os autores explicam como o desenvolvimento das funções psicológicas admite uma anterioridade ao processo de aprendizagem, que acontece quando um parceiro mais capaz oferece ajuda, que é possibilidade de “fazer com”, sendo esse o diálogo. Se o ajudante é o professor, esse pode ajudar de forma planejada e sistematizada, impactando de forma prevista, e somente com o diálogo é capaz de conhecer o que há para poder definir o que poderá ser. Sendo assim, o professor é capaz de criar as possibilidades de emergir as potencialidades do aluno, além de nutrir possibilidades relacionais. A mediação pedagógica então, atribui essa ideia de que há entre o conhecimento e o aluno, professor que também é o mediador. Dessa forma é nessa inter-relação que existe o significado da ação pedagógica, na ação conjunta,

Assim, ganham relevância as ações sociais que permitem aos indivíduos compartilharem a complexa rede de significados socialmente produzidos. Portanto, é na situação interpsicológica que brota o significado da relação pedagógica. Estão aí circunscritas, a um espaço relacional, as ações do professor e do aluno. [...] O desenvolvimento psicológico é resultado de algo que acontece no espaço da relação professor e aluno, como possibilidade de realização futura. (Tunes; Tacca; Júnior, 2005, p.695).

O texto nos mostra que o papel do professor se desdobra em muitas funções que devem ser realizadas no desenvolvimento contínuo com o aluno, e é o professor o organizador do ambiente social, que é o próprio fator educativo. É de extrema importância que o professor sempre faça a reflexão para quem se está ensinando e como realizar o ensino. E integrar tudo isso é dar conta do aluno concreto, localizando-o em seu contexto cultural e histórico. “Conjugar isso exige compromisso e responsabilidade com o aluno, o que permite avançar na exigência da compreensão da pessoa no processo de ensinar e aprender” (Tunes; Tacca; Júnior, 2005, p.697).

Ainda nesse sentido, Libâneo (2015) acredita que o professor deve ter pleno conhecimento do conteúdo que aplica e articular no processo de ensino-aprendizagem a dimensão didática e teórica, assim, o professor deve ter uma concepção “epistemológica da ciência que ensina, dos métodos lógicos e investigativos dessa ciência e das condições históricas e sociais do contexto de produção e aplicação dos conteúdos dessa ciência” (Libâneo, 2015, p.17) A escola é um lugar de formação cultural e científica, no qual visa um processo de ensino-aprendizagem que aponta para o desenvolvimento cognitivo, afetivo e moral dos alunos, dessa forma que se transforma o ambiente visando a promoção e inclusão social. O autor defende a ideia de que há uma inseparabilidade entre os conhecimentos pedagógicos e o disciplinar, indicando que a formação de professores ou a atuação do professor deve acontecer na interlocução entre a didática e a epistemologia das ciências, não fazendo separação dos conhecimentos disciplinares e da didática.

A visão que Libâneo (2015) traz, indica que o professor, na sua atuação docente, deve se apropriar e dominar o conteúdo e os métodos e procedimentos da ciência estudada, para fazer com que o aluno aproprie também dos conhecimentos até formar um método teórico-conceitual de uma forma própria de pensar e atuar. O aluno, ao se apropriar de novos conhecimentos e conceitos, vai desenvolvendo seu psiquismo, propiciando novas capacidades intelectuais para o avanço à um nível mais complexo até a construção do pensamento pleno.

O professor é portanto, figura absolutamente central no papel da educação, segundo Gatti (2016), o professor é imprescindível em todos os processos educativos, que vai desde a

criação/produção/ revisão/recomposição dos materiais didáticos, até aos contatos com os alunos, mais diretos ou indiretos, em diferentes momentos, por diferentes modalidades: na colocação de temas, de problemas, em consultas, em tutoria, em revisões, em processos de recuperação, etc; por e-mails, por webcam, por telefone, em bases de atendimento, etc (Gatti, 2016, p.164).

Ainda nesse sentido, segundo Gatti (2016) complementa dizendo que a infraestrutura escolar é de extrema importância, mas é o professor quem implementa o processo educacional de forma mais humana, favorecendo as relações sociais. Partindo desses pressupostos, a autora lança visões do cenário social e das desigualdades culturais que segregam as pessoas, colocando como parte central desse cenário o conhecimento que é o princípio que diferencia as pessoas. Pensando nas bases da sociedade com reflexo industrial, no modelo capitalista, é possível observar diversas crises instáveis que se instauram. Uma delas, coloca a escola e a educação no centro dessa crise, indicando que os indivíduos que não têm as habilidades de tratar a informação ou não tem o conhecimento, se tornam excluídos, ficando à margem da sociedade.

Nesse sentido, o conhecimento se torna componente fundamental de articulação na sociedade globalizada. Sendo importante fator e motivador nas escolhas profissionais dos sujeitos. Outro motivador das escolhas profissionais na sociedade capitalista que também tem a ver com o conhecimento e por qual via cada sujeito o acessa, provém das suas condições socioeconômicas. Martins e Machado (2018) indicam que a maior parte dos alunos que ingressam em uma instituição de ensino superior no país vem das camadas mais ricas da população. Sendo assim, a escolha por ingressar em um ou outro curso ocorre por um processo de auto seleção de cada um, projetando uma certa hierarquização dos cursos de graduação, dessa forma, as escolhas não são fruto da aleatoriedade, mas sim das características sociais, entre outras.

Um dado interessante que a pesquisa dos autores (2018) traz, é que o curso de Medicina possui a maior concorrência dos cursos pesquisados, tendo 32,91 candidatos por vaga, já os cursos de Educação (englobando a formação de professores para educação básica e as demais licenciaturas) teve a menor relação registrando 1,76 candidato/vaga. Pensando sobre essa ótica, Martins e Machado (2018) apontam que a literatura concorda e conversa com essas ideias de que o fator socioeconômico é parte fundamental no

ingresso dos cursos, e que por outro lado, outros estudos indicam que a remuneração futura também é determinante no processo de decisão dos cursos. Esses dados são importantes à medida que apontam o fator econômico como fundamental para escolha do curso, sendo assim, as licenciaturas são vistas como as graduações com menor potencial de ganho pós formação. Essa pesquisa nos mostra algo importante e diz muito sobre as escolhas através do modelo de produção capitalista. Se as escolhas são baseadas através do dinheiro, fazer licenciatura nessa ótica acaba se transformando em uma última escolha, em poucos casos, uma decisão consciente ou por amor à docência.

2. A LICENCIATURA EM PSICOLOGIA NO BRASIL: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA

Um estudo sobre a história do curso de Psicologia foi realizado a fim de perceber suas nuances ao longo do tempo, antes de sua criação, ao longo de sua implementação e até os dias atuais. Podemos perceber que especificamente no Brasil, o curso de Psicologia ganha grande força na área Educacional. É essa grande área que permite solo firme para Psicologia neste país.

Vimos a história de sua criação com as leis e diretrizes em vigor. As diretrizes para os cursos de Psicologia apontam que é de oferta obrigatória os cursos de formação de professores em Psicologia, porém, a escolha de cada aluno é optativa para cursar disciplinas educacionais.

Discussões apontam que na verdade o ensino e o conhecimento em Psicologia no país já circulavam desde o século XIX, com os jesuítas na transmissão do conteúdo religioso e a catequização dos índios. (Campos, 2014) Nessa sessão, gostaríamos de explicar achados da revisão sistemática da literatura para pensar seu trilhar histórico. Esse método de buscas, permite filtrar e selecionar as produções que posteriormente conseguimos organizar de acordo com a data de sua publicação, local, instituição, periódico de publicação, entre outros.

2.1. O que a revisão sistemática diz sobre a Licenciatura em Psicologia?

Para a realização dessa pesquisa foi utilizado alguns direcionamentos, conforme apontam Costa e Zoltowski (2014). Para tanto, inicialmente foi delimitado a questão a ser pesquisada, e após sua definição, elegemos duas bases de dados para realizar as buscas que foram a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD); Scientific Electronic Library Online (SciELO). Para complementar as buscas, procuramos também nos trabalhos produzidos e disponíveis nos encontros da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd) a partir de 1996, no Grupo de Trabalho de Psicologia da Educação.

Como critério de inclusão delimitamos o ano de 1996, até os dias atuais da realização desta pesquisa. A escolha do ano de 96 se deu por se tratar da promulgação da LDB que em suas definições não deixa claro o local da presença do professor de Psicologia no contexto escolar. Escolhemos como língua apenas o português, além daqueles artigos que versassem sobre a temática e estivessem disponíveis para download. Como critério de exclusão, os artigos anteriores a 1996, em língua que não o português e

aqueles que não abordaram a temática foram excluídos. Também os arquivos que não estavam disponíveis para download ou visualização de página, como os sites do 33º e 37º reunião da ANPED (2010 e 2015), constando como link corrompido.

Os termos utilizados como descritores na busca dos artigos foram previamente eleitos, e posteriormente, durante as buscas foram eleitos novos descritores para potencializar os resultados, possibilitando uma maior varredura nos artigos encontrados, selecionados e analisados. As buscas foram realizadas durante o mês de janeiro a março de 2023. Após a leitura dos títulos, resumos e palavras-chave dos artigos, os arquivos foram baixados e fez-se o registro do título, ano de publicação, periódico de publicação e autores para facilitação na análise.

Observa-se que para cada plataforma, foi utilizado uma ferramenta para delimitar os descritores. Na SciELO, optamos pela busca dos termos em *todos os índices*, já na BDTD, optamos em buscar os descritores por *assunto* e *todos os termos* na correspondência da busca.

A busca de publicações no site da ANPEd se deu através da aba de reuniões científicas/anais, e selecionado a opção de reuniões nacionais. Por lá, disponibilizam os links para as várias reuniões da ANPEd. Os encontros de 1996, 97, 98 e 99 (edição 19º, 20º, 21º e 22º) não estão disponíveis para acesso online. As buscas aconteceram a partir da 23º reunião nacional até a 40º reunião, de 2021. Os sites foram abertos um a um e localizado o GT20 (Grupo de Trabalho) de Psicologia da Educação na aba dos textos de trabalhos e pôsteres. No primeiro momento a seleção ocorreu através dos títulos das publicações que foram lidos e aqueles que continham elementos que evocassem a temática foram abertos para leitura do resumo e palavras-chave. Foram lidos 261 títulos entre Trabalhos e Pôsteres do GT20. Ao final, conseguiu-se um montante de 2 publicações com a temática que foram selecionadas para análise.

Mediante a busca dos artigos com os descritores, e através das plataformas, foram encontrados um total de 163 artigos, destes, aplicando os critérios de inclusão e exclusão e com a leitura dos títulos e resumos, um montante de 10 publicações foram selecionados para a análise. Todo material foi lido na íntegra. Para melhor visualização das informações contidas nos artigos analisados, apresentamos a seguir no quadro 5 o título, ano de publicação, autores e periódico de publicação, organizados de acordo com a data da publicação, da mais antiga para o mais atual.

Os 10 trabalhos selecionados para compor a análise desta pesquisa estão dispostos ao longo dos quadros 2, 3 e 4.

Quadro 1 - Produções encontradas na plataforma SciELO.

Título	Ano de Publicação	Autores	Periódico
Contribuições da psicologia para a formação do técnico em enfermagem: concepções dos alunos	2010	Esquerdo, Fernanda Azevedo & Pegoraro, Renata Fabiana	Psicologia em Estudo
Possibilidades de atuação para o licenciado em psicologia nas etecs	2012	Pandita-Pereira, Angelina & Sekkel, Marie Claire	Psicologia Ciência e Profissão
Sexualidade e gênero(s): debates e desafios no estágio de licenciatura em psicologia	2018	SANTOS, Sheila Daniela Medeiros Dos & PARANAHYBA, Jordana De Castro Balduino	Psicologia Escolar e Educacional
O licenciado em psicologia no ensino fundamental: possibilidade de atuação	2018	Pereira, Osmar Calazans Nogueira	Psicologia Escolar e Educacional
A formação docente diante de projetos significativos para alunas do ensino médio	2021	Ofugi, Fabrício	Psicologia Escolar e Educacional

Fonte: Elaborado pelos autores.

O quadro acima representa os artigos encontrados na plataforma SciELO. Vale lembrar que anterior a essa revisão sistemática, ainda no início da produção textual, foram pesquisados alguns textos para dar suporte e compreensão à temática estudada. Esses

textos foram de fundamental importância para iniciarmos uma trilha de um modo diferente do que já havia se produzido. O curioso é o fato de que algumas dessas publicações encontradas em um primeiro momento e que deram base para pesquisarmos de modo mais atento às questões da licenciatura em Psicologia, essas mesmas pesquisas, quando utilizadas as palavras-chave, não foram encontradas nas plataformas. Uma dessas pesquisas é, por exemplo, a de Pandita-Pereira (2011), que é uma dissertação de mestrado que serviu de referência para muitos trabalhos posteriores. Outro texto que usamos como norteador e que não encontramos nas buscas foi o de Vicente (2019). A seguir, o quadro representando as publicações encontradas na plataforma BDTD.

Quadro 2 - Produções encontradas na plataforma BDTD.

Título	Ano de Publicação	Autores	Programa
A identidade do licenciado em psicologia: uma análise das regulamentações brasileiras entre 1962 e 2008	2008	Lemos, Leticia Siqueira	Programa de Pós-graduação em Educação: conhecimento e inclusão social, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Minas Gerais
Cursos técnicos: um campo de atuação para o licenciado em psicologia na cidade de Belo Horizonte	2009	Maciel, Mariana Sobreira	Programa de Pós-graduação em Educação: conhecimento e inclusão social, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Minas Gerais
Licenciatura em psicologia: uma perspectiva historiográfica	2020	SILVA, Francielle Teodósio De Oliveira	Programa de Pós-Graduação em Psicologia, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás

Fonte: Elaborado pelos autores.

Os textos encontrados na BDTD também são referências no assunto da licenciatura em Psicologia, principalmente Lemos (2008) e Maciel (2009), que trabalham a temática desde muito cedo, visto que as DCNs (2004) para os cursos de Psicologia foram lançadas em 2004. Mesmo que a Lei de criação do curso faça referências à licenciatura já em 1962 e as diretrizes de 2004 também fazem menção, é só em 2011 que as DCNs (2011) vão trabalhar de forma mais aprofundada nas questões da licenciatura.

O trabalho que não encontramos na BDTD de Pandita-Pereira (2011) que também se torna referência no assunto, não aborda as questões das diretrizes de 2011 que foram contempladas já no final da dissertação da autora. Abaixo, os trabalhos que foram encontrados nos anais das reuniões da ANPED no Grupo de Trabalho sobre Psicologia da Educação.

Quadro 3 - Produções encontradas nas reuniões da ANPED.

Título	Ano de Publicação	Autores	Reunião
O PIBID de psicologia no ensino médio: a formação do professor em questão	2013	PARANAHYBA, Jordana De Castro Balduino & SILVA, Luelí Nogueira Duarte	36ª reunião da Anped
Pibid psicologia: formação de professores em diálogo com a escola pública	2021	CARVALHO, Diana Carvalho De	40ª reunião da Anped

Fonte: Elaborado pelos autores.

Após percorrer os sites das reuniões da ANPED e ir lendo e abrindo aqueles trabalhos que foram chamando a atenção através dos títulos, chegamos a dois resultados buscando no GT20 - Psicologia da Educação. Os dois trabalhos trazem a perspectiva do PIBID em ação.

2.1.1 Reflexão das produções encontradas

Dos artigos selecionados para análise, nenhum pertence à década de 90, data que delimitamos à busca partindo de 1996. Se compararmos de 10 em 10 anos, não encontramos nenhuma publicação de 96 para 2006; se considerarmos de 2006 para 2016 e de 2016 para 2026 ambos possuem 5 publicações. Se considerarmos apenas os últimos 5 anos, de 2018 aos dias atuais em 2023, encontramos 5 publicações. Isso significa que podemos considerar que encontramos mais referências em licenciatura no ensino médio nos últimos 5 anos do que em vinte anos se considerar o ano de 96 até 2016.

Essa amostra de 10 publicações revela-se em um importante achado sobre o que se sabe e faz na licenciatura em Psicologia. Cada um contribui à sua maneira com a Psicologia e a Educação. Durante a realização das buscas um fator ficou expressivamente

visível através do uso de alguns descritores, que foi o extenso volume de publicações voltadas à área de atuação profissional da Psicologia dentro das escolas. Essa atuação que é do Psicólogo Escolar, e por se tratar de descritores relacionados à educação básica como um todo, os artigos ficavam misturados pelos títulos. Não há nada de errado nisso, porém são áreas com diferentes atuações. Esse encontro visível de títulos relacionados à prática do bacharel nos diz sobre onde está localizada o maior volume de pesquisa no encontro e atrelamento entre Educação e Psicologia.

Relembramos, uma formação tem a ver com a do bacharel atuando na escola, e a outra tem a ver com a formação do professor, do licenciado atuando na sala de aula. Não se pode con(fundir) as áreas. Poderíamos fazer uma discussão maior acerca dessa con(fusão), pois, ao mesmo tempo que se confunde, se funde a imagem do psicólogo na escola é igual ao psicólogo escolar, esquecendo ou desconhecendo ou ainda negando a existência do professor de psicologia. Mesmo com essa confusão, não estamos negando que as duas áreas psicológicas (bacharel/professor) em contexto escolar não estejam também atreladas à enorme importância da Educação. Para se ter uma ideia, das publicações encontradas apenas 2 foram publicadas em revistas psicológicas, enquanto 5 foram publicadas em revistas educacionais (considerando a ANPED como Educação), as publicações de dissertações não foram contabilizadas. Aqui destacamos o fator da licenciatura em Psicologia estar presente nas revistas educacionais. Isso representa o espaço que nunca se perdeu dentro da área e ainda o nível de produção pela própria área de pesquisa da Psicologia ser baixo.

Por esse mesmo motivo, nos deparamos com algumas dificuldades ao pesquisar diversos títulos atrelados à psicologia e à educação. Algumas pesquisas que foram selecionadas como possíveis títulos para análise, e quando submetidas à leitura completa por encaixar na temática proposta, foram descartadas por não se tratar ou não deixar em evidência que tratava do professor ou de um professor como personagem central na pesquisa. Pensando na atuação do licenciado em psicologia, atuando na educação básica, encontramos alguns textos que evocavam elementos e conceitos sobre atuação do profissional de psicologia na educação básica, mas em momento nenhum citavam de que forma, ou por qual via estavam intervindo na escola.

Para melhor visualizar as publicações a serem analisadas, apresentamos um quadro com todas as publicações juntas que situam melhor no tempo, destacando o ano de publicação em ordem crescente, nome dos autores e periódico ou local de publicação.

Quadro 4 – Produções analisadas.

Ano de Publicação	Autores	Periódico/Local
2008	Lemos, Letícia Siqueira	Programa de Pós-graduação em Educação: conhecimento e inclusão social, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Minas Gerais
2009	Maciel, Mariana Sobreira	Programa de Pós-graduação em Educação: conhecimento e inclusão social, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Minas Gerais
2010	Esquerdo, Fernanda Azevedo & Pegoraro, Renata Fabiana	Psicologia em Estudo
2012	Pandita-Pereira, Angelina & Sekkel, Marie Claire	Psicologia Ciência e Profissão
2013	Paranahyba Jordana De Castro Balduino & Silva, Luelf Nogueira Duarte	36º reunião da ANPEd
2018	Santos, Sheila Daniela Medeiros Dos & Paranahyba, Jordana De Castro Balduino	Psicologia Escolar e Educacional
2019	Pereira, Omar Calazans Nogueira	Psicologia Escolar e Educacional
2020	Silva, Francielle Teodósio De Oliveira	Programa de Pós-Graduação em Psicologia, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás
2021	Ofugi, Fabrício	Psicologia Escolar e Educacional
2021	Carvalho, Diana Carvalho De	40º reunião da ANPEd

Fonte: Elaborado pelos autores.

Durante a leitura identificamos nos artigos uma divisão no que se refere aos objetivos de cada publicação. De um lado, encontramos publicações com objetivo de divulgar locais de atuação possível ao professor de Psicologia (Maciel, 2009; Pandita-

Pereira; Sekkel, 2012; Pereira, 2019) e de outro, artigos que versam sobre a atuação prática (Esquerdo; Pegoraro, 2010; Parahyba; Silva, 2013; Santos; Parahyba, 2018; Pereira, 2019; Ofugi, 2021; Carvalho, 2021).

Os 2 artigos encontrados na ANPED tratam sobre o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) no curso de Psicologia. Por fim, as dissertações encontradas na BDTD trazem propostas parecidas com as que foram encontradas nos artigos, de forma expandida, com discussões mais profundas e embasadas. A dissertação de Maciel (2009) traz a proposta de comunicar sobre o campo de atuação do licenciado na cidade de Belo Horizonte. As outras duas dissertações procuram falar da licenciatura em Psicologia através de documentos, leis, e do percurso histórico. A pesquisa de Lemos (2008) ao trabalhar a história da psicologia, faz em conjunto com a identidade deste profissional, por meio de análises de regulamentações dos anos de 1968 até 2008. O trabalho de Silva (2020) representa a dissertação mais recente encontrada, e discute o campo da licenciatura em Psicologia no Brasil de 1950 à 2017, e através da pesquisa histórica o autor investiga a constituição deste cenário em suas condições históricas e sociais.

Considerando essa percepção inicial e entrelaçando objetivos e métodos, na tabela a seguir, mostramos a divisão dos textos em categorias temáticas. Com o objetivo de verificar a participação e produção da licenciatura em Psicologia na educação básica no Brasil, os textos selecionados, assim dispostos, ganham organização visual e de análise, através das categorias temáticas, possibilitando aprofundarmos a análise dos textos relacionando com suas categorias.

Quadro 5 – Distribuição das publicações em categoria de análise temática.

Categoria	Quantidade de Publicações
1) Locais de possibilidade da atuação	3
2) Atuação na prática	6
3) O aspecto/identidade da licenciatura em Psicologia	2

Fonte: Elaborado pelos autores.

Na primeira categoria denominada *Locais de possibilidade da atuação*, encontramos 3 publicações (Maciel, 2009; Pandita-Pereira; Sekkel, 2012; Pereira, 2019) nas quais expressam em seus títulos, resumos e objetivos a apresentação da possibilidade de atuação para o licenciado em Psicologia. Acreditamos tratar de uma temática importante, pois, dado o cenário que não especifica a atuação do profissional, trabalhos

que mostram locais de atuação, diferentes instituições e matérias, indica um caminho possível da atuação para os profissionais que quiserem seguir nessa carreira.

O primeiro trabalho que discute sobre o assunto, data de 2009, no qual temos a dissertação de Maciel (2009) que visa mostrar nos cursos técnicos na cidade de Belo Horizonte um campo possível da atuação para o licenciado em Psicologia. A pesquisa da autora tem por objetivo identificar, caracterizar e analisar esses campos de atuação e para realização da pesquisa, mapearam as instituições e observaram por meio dos planos de ensino das disciplinas quais possuíam o ensino de Psicologia.

Maciel (2009) ao longo de sua pesquisa, demonstra que o campo mais possível de atuação para o licenciado em Psicologia na cidade de Belo Horizonte, está localizado no ensino técnico nas instituições de ensino particulares. Na cidade, foram identificadas 58 instituições com cursos técnicos, e em 29 delas, ou 50%, identificou matérias de possível atuação do licenciado em Psicologia, com maior presença nos cursos de Técnico de Enfermagem e Técnico em Segurança do Trabalho. Esse estudo mostra o quê estava sendo estudado nos cursos e em quais cursos naquela realidade mais tinham a presença das matérias de cunho Psicológico.

Já o artigo de Pandita-Pereira e Sekkel (2012), versa sobre as possibilidades de atuação do licenciado em Psicologia nas escolas técnicas de São Paulo. Em sua pesquisa evidenciam que naquela época, quando somadas todas as escolas técnicas do estado, 81% delas tinham a Psicologia em sua grade de matérias, incluindo disciplinas que somente o Psicólogo poderia dar aula. Esse montante dizia sobre a realidade de 157 escolas técnicas no estado de São Paulo, representando amplo campo de atuação para o professor de Psicologia.

As publicações de Maciel (2009) e Pandita Pereira e Sekkel (2012) trazem para discussão e análise/ os cursos e as matérias em espectro ou fragmentos dos assuntos que o psicólogo trabalha ou poderia trabalhar, para além das matérias de título explícito deste profissional. O estudo de Pandita-Pereira e Sekkel (2012) demonstrou que em São Paulo, as escolas técnicas tinham 31% mais espaço nas matérias que o licenciado poderia dar aula, esse dado se refere a 81% de todas as escolas técnicas analisadas, diferente da realidade encontrada em Maciel (2009), no qual encontrou 50% das escolas com a disponibilidade de matérias possíveis em sua época. Destaca-se que no trabalho de Maciel (2009) a amostra da pesquisa compõe-se de 29 instituições de ensino técnico, dessas, 26 (90%) são particulares e 3 (10%) são públicas. O trabalho de Pandita Pereira e Sekkel

(2012) tem como amostra as escolas técnicas de São Paulo, todas em contexto de ensino médio e todas públicas.

A terceira publicação, de Pereira (2019) que é escrita 10 anos após a pesquisa de Maciel (2009) e um pouco menos de que Pandita-Pereira e Sekkel (2012), responde às questões iniciais colocadas nessas duas pesquisas. Uma das questões colocadas indaga sobre a possibilidade de atuação através do ensino fundamental e outra questão seria a proposta de um material direcionado às temáticas a serem ensinadas nessas disciplinas de cunho psicológico ou as temáticas transversais.

Pereira (2019) ao trabalhar sobre a atuação do licenciado em Psicologia na educação infantil, deixa pistas de mais um local de atuação possível do professor de Psicologia, além de indicar temáticas a serem trabalhadas com as crianças referentes a série que se encontra na escola. Seu trabalho traz como objetivo apontar a possibilidade de atuação do licenciado em Psicologia no Ensino Fundamental através de uma disciplina de temas transversais. A realidade relatada por Pereira (2019) se encontra em uma escola particular de ensino fundamental e médio, em São Paulo, com aproximadamente 400 alunos. As atividades relatadas são fruto de atividades realizadas entre 2014 e 2015 com 11 turmas de ensino fundamental e médio. Em uma aula de 50 minutos, 1 vez na semana, durante todo ano letivo, assuntos transversais foram trabalhados como por exemplo a transição de ano, com objetivo de identificar as mudanças entre o ano que passou, e na nova série na escola. Outros assuntos como amizade; identidade; mundo do trabalho; deficiência; inclusão, foram trabalhados com alunos do sexto ano. É perceptível no trabalho de Pereira (2019) que conforme o aluno é inserido em uma temática, ela não se encerra, dando continuidade nas temáticas trabalhando os assuntos com objetivo de ir aprofundando os sentidos cada vez mais. Por exemplo, no sexto ano, quando trabalhou a temática *mundo do trabalho*, os objetivos tratavam em permitir a aproximação do aluno com o mundo de trabalho, relacionando as profissões que os pais e funcionários do meio escolar possuíam. No ano seguinte, o objetivo de trabalhar o assunto *mundo do trabalho* era outro, de como o trabalho se modifica ao longo do tempo, sobre a influência da tecnologia, a interdependência entre diferentes profissões e a exploração de profissões na imaginação. No nono ano, ao trabalhar com o *mundo do trabalho*, o objetivo torna essa temática uma ferramenta de desconstrução de estereótipos de gênero no mercado de trabalho, discutindo a desigualdade existente, em consonância com outras temáticas propostas para serem trabalhadas no nono ano, como gênero, assédio, profissões.

Vemos um esforço empenhado nos autores (Maciel, 2009; Pandita-Pereira; Sekkel, 2012; Pereira, 2019) de mostrar que os campos existem e que é possível que o professor de Psicologia encontre atuação nos espaços citados. É visto que, como este licenciado não tem matéria específica, sua atuação permeia o possível no sentido de andar pelas possibilidades.

Nesse sentido, discutiremos agora os textos da categoria 2 denominada por “*Atuação na prática*”, dos quais são compostos por 6 obras [Esquerdo; Pegoraro (2010); Paranahyba; Silva (2013); Paranahyba; Santos (2018); Pereira (2019); Ofugi (2021); Carvalho (2021)] que apesar de não ter o objetivo de falar sobre a possibilidade de atuação, como na primeira categoria, ao falar da própria atuação deixam pistas dos locais, modalidades, matérias e assuntos trabalhados pelo licenciado em Psicologia.

O primeiro trabalho dessa categoria, no artigo de Esquerdo e Pegoraro (2010) as autoras buscam descrever e investigar as concepções dos estudantes do curso técnico de Enfermagem no estado do Rio de Janeiro sobre as expectativas relacionadas à disciplina de *Psicologia aplicada à enfermagem* e quais subsídios a disciplina oferece para sua formação e atuação profissional. Para tanto, as autoras entrevistaram 10 alunos e a análise da entrevista mostrou um impacto emocional no início do estágio profissionalizante e a expressão da necessidade de receber receitas prontas sobre como lidar com as dificuldades emocionais oriundas do hospital.

Esquerdo e Pegoraro (2010) perceberam a importância da disciplina, sendo apresentada pelos alunos como importante ferramenta para conhecer sobre comportamento humano e sobre o paciente que recebe o cuidado. Os alunos passam a ter uma visão humana sobre o outro, passam a enxergar a pessoa adoecida e não apenas a doença, representando assim aspectos sobre o cuidar, além de perceber a pessoa como singular e única em sua condição. A matéria de Psicologia foi reconhecida como sendo uma ferramenta importante para saber lidar com a singularidade de cada um, e como limitações da disciplina, os alunos gostariam da ampliação da carga horária para conhecer mais conteúdos e compreender totalmente os já discutidos em sala. Além disso, foi apontado a necessidade de abranger assuntos sobre a própria preparação emocional dos estudantes, pois a área aproxima os alunos do contexto de dor, abandono, morte dos quais os pacientes estão sujeitos, e muitos alunos sentem não oferecer apoio adequado aos pacientes. A pesquisa aponta que os estudantes esperavam receber orientações prontas de como atender o paciente e como proceder diante de algumas situações do cotidiano hospitalar. Mesmo assim, os entrevistados afirmam que a Psicologia pode ajudar o técnico

de enfermagem a compreender o comportamento dos pacientes e a ver o indivíduo de forma integral.

A pesquisa de Paranahyba e Silva (2013) refere-se à atuação e formação do licenciado através do Programa do Governo Federal de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). As autoras (2013) descrevem essa iniciativa como uma valorização da formação dos professores, visando melhorias na qualidade do ensino básico, direcionado às instituições de Ensino Superior que oferecem licenciatura. O objetivo do projeto é desenvolver ações que facilitem a ação e atuação do licenciado em Psicologia nas escolas, contribuindo assim com a formação humana de forma integral. Para realização das atividades referentes ao PIBID, os professores e alunos propuseram um projeto elaborado e executado como disciplina optativa, sendo supervisionada pelo professor de sociologia da escola em questão.

Paranahyba e Silva (2013) apontam a importância do programa, sendo este uma via de estender o debate da licenciatura em Psicologia. O projeto realizado pela Universidade Federal de Goiás (UFG) contribui para uma formação emancipatória e de visão crítica da realidade, visando a democratização do conhecimento e permitindo uma compreensão da subjetividade humana. A contribuição do programa é confirmada através dos relatos de universitários nos seminários da UFG, segundo as autoras um deles disse em seminário as seguintes frases: *“a formação como professor ultrapassa a experiência docente”*, *“a formação de licenciatura nos auxilia a ser melhores profissionais”*, *“o desafio de aprender a escutar o outro”*, *“conhecer a realidade da educação pública brasileira”* (Paranahyba; Silva, 2013, p.8) Concluem destacando a importância que o programa traz aos alunos do ensino básico, mas alertam sobre os riscos de cair em um praticismo, deixando de usar as reflexões crítica da realidade.

O artigo analisado na sequência é de Paranahyba e Santos (2018), no qual apresentam e problematizam a experiência de estágio de licenciatura em Psicologia, realizada em uma instituição de ensino médio técnico em Goiânia. A experiência e atuação foi realizada pelos licenciandos do curso de Psicologia da UFG e elaboraram uma intervenção que se desdobrou em um projeto de extensão realizado em aulas de um minicurso. Para tanto, após a realização de algumas disciplinas no estágio; análises das relações da Psicologia e Educação; do fazer docente; de um conjunto de ferramentas como observações, entrevistas, e outros, os estagiários desenvolveram uma temática nuclear. O assunto que apareceu em diversos contextos, o da sexualidade, foi pensado após pesquisas sobre algumas possibilidades de conversar a temática com a turma do ensino médio. As autoras apontam que ao trabalhar essa temática, encontram dificuldades, pois na escola

são reproduzidos discursos com visões biologicistas, preconceituosas e dicotômicas, e que a Psicologia contribui fortemente rompendo com essa visão.

Foi identificado pelos alunos o papel que a infância e a juventude têm na construção da realidade social. Ao final do minicurso, na penúltima aula, foi pedido uma atividade avaliativa que consistia numa peça publicitária, no qual foi possível observar o rompimento com visões postas do modelo de família nuclear imposto historicamente. Assim, o projeto de extensão promoveu uma análise crítica das concepções postas sobre a formação do professor e a compreensão da educação como prática social. Estudar a temática da sexualidade abre espaço para romper com silenciamentos ignorados na escola. Paranyha e Santos (2018) consideram a proposta inovadora, dada a possibilidade de todo ano a comunidade se organizar e apropriar de conhecimentos que são realmente valorativos, levando a conscientização de seu papel como sujeitos, lutando contra formas opressoras, desiguais e excludentes. Sendo assim, elaborar projetos, e criar espaços propensos a desenvolver o conhecimento, contribui ativamente à própria atividade formativa, à compreensão social da realidade e da própria cidadania.

O artigo de Ofugi (2021) relata uma prática docente em uma escola de ensino médio técnico em Brasília, apresenta as etapas de um projeto realizado na escola e levanta problemas na formação do professor. As reflexões geradas e as articulações temáticas com o curso, possibilitaram a realização de uma apresentação musical com um renomado grupo, gerando impacto e significado para o grupo. O resultado da experiência, segundo o autor (2021) é a evidência da necessidade de abordagens que sejam efetivas da Psicologia na formação de professores e na interação com os estudantes.

Ofugi (2021) conta que após um grupo de professores participarem de uma formação, inspirou outros professores a participarem de um colegiado a fim de refletir suas ações no curso, pensando na reconfiguração de suas práticas docentes. A ação foi motivada pelo discurso comum das alunas, que sentiam falta de espaço na escola para as atividades que de fato faziam sentido e tiveram como norteador o papel do ensino médio como espaço de construção de projetos de vida. Ouvindo as/os estudantes, a temática pautada pelo gênero sempre atravessava os discursos, levando a assumir a importância da discussão sobre gênero. De forma inicial e interna, as estudantes realizaram um projeto, que foi composto por rodas de conversas e oficinas criativas de escrita, e no encerramento do semestre letivo, as alunas através do coral, cantaram a música *Triste Louca ou Má* de Francisco, El Hombre. A música em questão fez muitos se emocionarem no dia da apresentação. Mesmo assim os professores sentiam falta da articulação entre a escola e

comunidade, além da necessidade de construir ações significativas aos jovens. Dessa forma, o autor conta como a experiência profissional no mercado musical e de ministrar disciplinas na área técnica de eventos, levou às jovens à cantar com o referido grupo musical.

Ofugi (2021) conclui que conseguiram produzir projetos significativos para as estudantes, conforme relatado. Que para a realização dessa ação, foi necessária uma série de fatores para que acontecesse. O autor indica a existência de locais convergentes para a realização de ações educativas formais fora do ambiente da escola, cabendo problematizar o papel social do ensino médio. A experiência mostrou algumas carências por parte dos docentes, levando ao levantamento de problemáticas quando à formação nos cursos de Licenciatura deste profissional, faltando amparo à formação destes.

O artigo de Carvalho (2021) faz uma análise da implementação e funcionamento do PIBID de Psicologia ao longo de 8 anos, efetivado em três escolas públicas, em turmas do curso de Magistério, da educação integral e ensino regular dos anos iniciais da escolarização. Por meio de participação ativa, desenvolveram reuniões para estudo e debate dos temas, acompanhamento de atividades escolares, observações, realização de oficinas para professores e estudantes, escrita de artigos científicos e participação de eventos sobre o PIBID. Carvalho (2021) conta que ao longo desse período, o projeto contou com a participação de 30 bolsistas, e por meio dos relatórios anuais, atas das reuniões, publicações e trabalhos apresentados foram feitas as análises. A disciplina de Psicologia da Educação, ofertada nos dois anos finais do curso, pretendia ir além de ensinar os conteúdos tradicionais, como os processos de desenvolvimento infantil. A disciplina buscava propiciar aos estudantes, um diálogo com as práticas docentes que são realizadas na educação básica, compreendendo seu contexto social e educacional das quais estão inseridas, além de considerar a realidade escolar dos alunos e os desafios enfrentados por eles.

A autora destaca a importância das mediações docentes no processo de desenvolvimento das pessoas, sendo a educação um processo de humanização. Durante a realização das atividades, viu-se a necessidade de reorganização do plano de ensino da disciplina. Fundamentada nos estudos e teorias, em busca de contribuir para que o estudante do Magistério compreendesse melhor os sujeitos que trazem sua história de vida para a sala, foram discutidas algumas questões que descrevem um novo sujeito, diferente dos idealizados pelos livros e pela mídia.

Carvalho (2021) identifica através dos relatórios anuais analisados, que o impacto do programa foi positivo, valorizando e fortalecendo a licenciatura em Psicologia, colocando-a em evidência, e levantando discussões sobre a formação de professores no curso, destacando a constante participação e apresentação de trabalhos dos bolsistas do programa. Sendo a pesquisa um importante espaço de divulgação do PIBID dentro do curso de Psicologia, mostrando o estreitamento das relações entre universidade e escola, possibilitando afirmar um dos objetivos do PIBID que é a formação conjunta. A autora conclui em observação final, que o PIBID não caminha mais para seu aperfeiçoamento, mas sim o seu desmonte, fazendo referência ao edital 07 de 2018, da CAPES no qual impactam o funcionamento do PIBID em cursos nas áreas de humanas, por considerar não essencial.

Por fim, na terceira categoria, *O aspecto/identidade da licenciatura em Psicologia*, temos duas dissertações de mestrado, a de Lemos (2008), realizada em Belo Horizonte e a segunda, de Silva (2020), realizada em Goiânia. Essas obras se encontram aqui, pelo motivo de compartilharem a temática central de abordar a licenciatura em Psicologia no Brasil, incluindo o seu desenvolvimento ao longo dos anos e suas questões em relação a sua institucionalização, regulamentação e os desafios. Ambos os textos adotam uma abordagem histórica em sua pesquisa para encontrar evoluções e contradições da área. No entanto, as publicações têm pretensões diferentes, como seu foco, a metodologia e as ênfases nas análises.

Lemos (2008) em sua pesquisa, delimita sua análise ao período de 1962 à 2008, e parte das regulamentações da profissão, documentação, pesquisa bibliográfica, além dos currículos e diários de classe da própria Universidade, para entender a identidade do licenciado em Psicologia

Silva (2020) cobre um período mais amplo ao discutir o campo da Licenciatura entre 1950 e 2017, através da pesquisa histórica, busca explorar as mudanças políticas, sociais, de todo um tempo que passa, que é histórico e que moldaram a Licenciatura em Psicologia ao longo do tempo. Para tanto, a autora analisa documentos, regulamentações e publicações científicas da revista *Psicologia Ensino e Formação*, que publicou entre 2010 e 2017.

O texto de Lemos (2008) ao analisar a legislação, encontra defasagens e contradições acerca das regulamentações da licenciatura em Psicologia. Ao comparar o curso da Universidade Federal de Minas Gerais, nos registros, a autora identifica que formou mais licenciados cinco anos antes de 1996, do que nos cinco anos depois, data

que marca a retirada da matéria no ensino básico. Destaca ainda que durante os anos pesquisados, a formação em Licenciatura representa um quinto em comparação com a formação de Bacharel. Lemos (2008) diz que apesar da lei assegurar a oferta da licenciatura, nem sempre ela é garantida, além de que se percebe a escassez de informações que a sociedade civil e acadêmica possui sobre o tema e a desconexão formada entre as leis da Psicologia e a Educação. Conclui que há ainda contradições nas regulamentações sobre o direito de atuar como licenciado, relacionando tipo de formação que esse professor deve ter, quais campos de atuação ou nível de ensino, quais saberes específicos do currículo. Dessa forma, ao longo dos anos, o curso de Psicologia apresenta contradições que são formadoras da identidade de um profissional, devendo o curso rever seu modelo de formação profissional.

A pesquisa de Silva (2020) se mostra de grande importância para a temática, visto que é uma das pesquisas mais recentes e profundas. Após explorar o processo de desenvolvimento da licenciatura em Psicologia no Brasil, a pesquisa destaca a influência de diferentes contextos sociais e políticos que aconteciam como o período da ditadura até a redemocratização. A pesquisa não propõe concluir algo, mas busca enriquecer a compreensão da licenciatura em Psicologia e fortalecer seu papel no âmbito acadêmico. A autora destaca que com a flexibilização na organização do Ensino Superior, possibilitou à Psicologia desenvolver práticas mais articuladas em suas diferentes áreas, com o ensino por ênfases, porém, é visto um trabalho fragmentado que resulta em uma prática privilegiada sobre outra e a licenciatura em segundo plano. A autora ainda aponta a ausência de discussões aprofundadas sobre a licenciatura em Psicologia e ressalta a importância em fortalecer essa área no meio acadêmico. É enfatizado que a licenciatura em Psicologia pode ser um espaço para contribuir com uma educação democrática e um ensino que busca a autonomia dos indivíduos, indo para além de uma visão clínica e instrumentalizada da Psicologia

A leitura dos trabalhos apontam para uma matéria de Psicologia que se faz com bastante crítica da realidade, sendo dever da psicologia criticar o que está posto; promover sentido nas coisas; de educar de forma integral; promover e construir cidadania; de dar voz às crianças nas escolas; ao licenciando, fazer apropriar-se da compreensão do papel político e social da Educação, de conhecer a realidade da escola e realizar a reflexão crítica em sua atuação; ferramenta de desconstrução de estereótipos (Esquerdo; Pegoraro, 2010; Parahyba; Silva, 2013; Parahyba; Santos, 2018; Pereira 2019; Silva, 2020; Ofugi, 2021; Carvalho, 2021).

Em se falando do contexto técnico profissionalizante, é necessário atentar-se a alguns fatores, como explica o artigo de Pandita-Pereira e Sekkel (2012), no qual a educação técnica foi por muito tempo vista como sendo de menor prestígio, além da ideia taylorista/fordista e as divisões do trabalho manual e intelectual, um em detrimento do outro. Com o passar do tempo, o ensino técnico rompeu com esses ideários e passou a ter uma educação generalista, mas ainda assim, é marcado pela forte presença do setor privado, mesmo quando oferecido pelo poder público. Nesse sentido, alguns textos apontam para o afastamento de visões reducionistas, que focam atenção a somente uma forma de pensar ou ver o mundo. Destacamos visões de explicação puramente biologicistas das coisas (Santos; Parahyba, 2018), que ensinar Psicologia favorece no ensinamento do humano como integral, passando a ter outra perspectiva quando em relação ao outro (Esquerdo; Pegoraro, 2010). Dessa forma, como indicam as publicações (Esquerdo; Pegoraro, 2010; Parahyba; Silva, 2013; Parahyba; Santos, 2018; Pereira 2019; Silva, 2020; Ofugi, 2021; Carvalho, 2021) é importante a busca sempre pela crítica do que está posto, e da própria ação, para assim diminuir o risco de cair no praticismo (Parahyba; Silva, 2013); ou ainda em modelos tecnicistas de ensino (Esquerdo; Pegoraro, 2010).

Durante a análise, constatou que faltam trabalhos que divulguem ou instruem a própria categoria na realização de sua função. Os trabalhos apontam para a necessidade da criação de algum material, como cartilhas que instruem a classe (Esquerdo e Pegoraro, 2010; Pereira 2019; Pandita-Pereira e Sekkel, 2012; Silva, 2020; Ofugi, 2021). De fato, parece faltar um material básico ou completo com guias, cartilhas, intervenções, entre outras. Sabemos que o interesse em pesquisar licenciatura em Psicologia é baixo, porém, o fazer psicológico está sempre em movimento e construção, não está como algo dado.

Dessa forma, acreditamos que a pesquisa de revisão sistemática possibilita que o pesquisador encontre em uma porção de textos uma forma de observar faces do assunto. Acreditamos que a divulgação científica deste material se torna importante, pois, aponta para um compilado de uma parte da licenciatura em Psicologia no Brasil. Identificamos em análise a importância da divulgação de material de referência para o próprio fortalecimento da discussão, visto que é uma área geralmente secundária.

A licenciatura em Psicologia se prova deveras importante na atuação e disseminação de seu conhecimento, na educação como um todo, não só a educação básica ou ensino médio apenas. A Psicologia como matéria nas escolas atende uma ampla gama de assuntos –que tem a ver com a visão de si, do próprio corpo, os sentimentos, as

projeções futuras da vida; do sentido e significado das coisas; cotidiano; entre uma infinidade de assuntos, ideias, filosofias, discussões políticas e sociais- podendo os alunos em conjunto com os professores, montar seu cronograma do que desejam fazer, buscar, pesquisar, estudar.

É preciso estar atento e ser cuidadoso no exercício da atuação, pois, não basta permitir que se escolha o que deseja estudar, é necessário sempre lembrar de fazer a crítica, de negar o agora, de refletir sobre a própria atuação. A Psicologia é ferramenta importante nesse processo de rememorar que tem que se criticar, buscando sempre a superação, evolução e a promoção da cidadania.

Essa análise demonstra que a Psicologia como matéria ou como área aliada da Educação, promove diversos benefícios aos alunos e sociedade. É importante destacar o fato de que ao nascer, os indivíduos estão diante de um mundo pronto, e que ao longo de sua vida, se apropriam das coisas. A linguagem é extremamente fundamental na participação do indivíduo na sociedade. A língua, ou as palavras, dão nome às coisas, dão significado e sentido, e que a Psicologia deve propor no modo de ensinar, que o indivíduo encontre através da crítica, seu lugar no mundo, sua autonomia, o jeito único e saudável de ver sentido nas coisas. O mundo pode estar pronto ao nascermos, mas ele não está acabado, portanto, o caminho é de construir.

Acreditamos, com fonte na literatura, que a Licenciatura em Psicologia tem se produzido na sua negação, em um não lugar. Pode-se olhar pela via da superação, de ir ao contrário do que está colocado como pronto, de criticar e de opor, sendo esta área marcada por estreitamento de laços, conflitos políticos e sociais. Tudo isso faz parte dos caminhos que a Psicologia trilhou e trilha em seu fazer científico dentro de uma sociedade. Constatamos por fim, que a escola deveria incluir essa disciplina aqui relatada nos achados desta pesquisa, criando cidadãos pensadores e autônomos, críticos das ações e acontecimentos políticos, porque saber sobre o mundo, ensinar, saber sobre si, sobre ser humano, é produzir também a humanidade.

2.2 A cidade de Catalão e o curso de Psicologia

Após uma leitura geral da licenciatura em Psicologia no Brasil, trazemos a cidade de Catalão-GO e sua microrregião geográfica para foco das discussões. Para conhecer melhor o lócus de pesquisa e posteriormente discutir sobre a atuação do professor de Psicologia na região, detalharemos um pouco mais da cidade com alguns dados, história da cidade e o curso de Psicologia em Catalão-GO.

A cidade de Catalão, em Goiás, segundo o último censo disponível no sistema Cidades do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022), possui 114.427 habitantes. Localizada na região sudeste do estado, Catalão se destaca por ter a 5º melhor economia no ranking do estado de Goiás.

Segundo Silva (2005), a história conta que em meados de 1722, uma expedição dos bandeirantes ao margear o rio Paranaíba, fincaram uma cruz de aroeira, marcando interesse pela região. Um padre espanhol que acompanhava a expedição, natural da Catalunha e apelidado de Catalão, resolveu se instalar às margens do córrego do almoço. Ali, com mais três companheiros, iniciava um arraial que mais tarde, ao ganhar doações de terras, implementa seu núcleo com igrejas, vendas e mais moradores. (Silva, 2005) O ponto era de referência para exploradores, pois ligavam os estados de Minas, São Paulo e Goiás. Com o tempo, em 1833 o arraial foi elevado a vila e em 20 de agosto de 1859 é elevado à cidade de Catalão.

A cidade de Catalão passa a ser vista como localização importante, se tornando passagem obrigatória entre os viajantes da região (Silva, 2005). A cidade começa a exercer grande importância no intercâmbio comercial entre estados e municípios e já em 1900 a ideia de construir uma Estrada de Ferro na região era unânime (Silva, 2005). Após esse período, até a implantação, anos depois, o município teve um crescimento econômico expressivo. Com a construção de Brasília e as rodovias no final da década de 1950, a cidade de Catalão foi colocada na região geoeconômica de Brasília (Silva, 2005).

O acelerado processo de desenvolvimento no estado de Goiás fez com que houvesse um maior impulso na abertura de alguma Universidade, culminando na junção de várias faculdades isoladas a criação da Universidade Católica de Goiás em 1959 e na criação da Universidade Federal de Goiás no ano seguinte em 1960, também com a junção de várias faculdades.

Na década de 1970, a cidade de Catalão tem outro momento histórico importante a favor de sua economia que foi a chegada das mineradoras no município, fazendo retornar o seu crescimento econômico e tendo um novo impulso urbano para a cidade. É nesse período que os políticos da cidade começam a mobilizar junto a outras entidades a criação de cursos superiores na região (Silva, 2005).

A literatura conta que esse momento, entre a década de 60 e 80 é de extrema importância no que se refere às ampliações urbanas, econômicas e educacionais. O cenário no centro-oeste ganhava destaque com a construção de Brasília, mostrando interesse crescente na implementação de faculdades e universidades. Até 61 a região

contava com três universidades em três anos consecutivos. Em 1964 em contexto de Ditadura, a UFG, junto com outras universidades sofreram com diversas perseguições. Em 1968, o movimento da Reforma Universitária traz para as discussões, pautas importantes do Ensino, como a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. (Silva, 2005).

É somente na década de 1980 que Catalão ganha um Campus Avançado, mais especificamente em 17 de dezembro de 1983, sendo conquistado após esforços internos e como parte da política de interiorização da UFG e o projeto de expansão do ensino superior do MEC. (Thimoteo, 2015) Nessa época, o MEC tinha em vista o enfrentamento da pobreza intelectual, cultural e econômica, a expansão do Ensino. A UFG com intuito de atender à solicitação do MEC e pensando no seu plano de interiorização, optou pela criação do Campus Avançado de Catalão. (Thimoteo, 2015)

Em Goiás o primeiro curso de Psicologia criado data de 1973 na Universidade Católica de Goiás, ocorrendo de forma tardia no Brasil, onze anos após sua criação legal. (Campos, 2014) O curso se mantém praticamente o único até o início dos anos 2000, já em 2012 já é possível observar um extenso crescimento dos cursos de graduação em Psicologia, indo de dois para dezesseis cursos (Campos, 2014). Campos (2014) destaca que apenas quatro cursos dos quatorze em funcionamento são oferecidos em instituições públicas.

Em Catalão, a oferta de estudar nos cursos superiores no Campus Avançado, passou a acontecer em 1986, com os cursos de licenciatura em Geografia e Letras. Um ano depois, os cursos de Matemática e Pedagogia. Anos mais tarde em 1989, os cursos de Educação Física, em 1991 o curso de História, e em 1996 o curso de Ciências da Computação. É em 2005, com o então presidente Lula e o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) que são implementados 13 cursos de graduação no município ao longo dos anos 2000. Os cursos de Administração, Química, Física e Ciências Biológicas em 2006, o curso de Psicologia em 2007; Engenharia de Minas, Civil e de Produção em 2008; Ciências Sociais, Enfermagem e Matemática industrial em 2009 e Educação do Campo em 2014 (Silva, 2005; Thimoteo, 2015).

Percebe-se que a expansão da cidade e dos cursos tem a ver com sua localização geográfica privilegiada. Que com a criação de Brasília e com a vinda das mineradoras, a cidade de Catalão tem um crescimento econômico expressivo. Sendo uma das cidades a

conquistar uma extensão de um Campus Universitário, a cidade se beneficiou dos programas governamentais de expansão do ensino no interior do Brasil.

O curso, de acordo com Campos (2014) é criado com a justificativa de que há um pequeno número de vagas oferecidas nos cursos de Psicologia em Goiás, e que a criação do curso ampliaria as possibilidades de formação e atuação para os alunos da cidade de Catalão e região.

Segundo Thimoteo (2015) o princípio norteador que cria o curso de Psicologia na cidade, indica uma contraposição à uma formação profissional técnica, tendo seu Projeto Político o argumento da necessidade de implementar vagas para a população, como princípio formativo a imprescindível atenção às necessidades da sociedade, além do posicionamento crítico diante das demandas do mercado. Sendo implementado em 2007. Em sua implementação, contava com quatro professores, sendo um mestre, uma doutoranda e dois doutores. O curso ganhou um quadro efetivo de professores maior ao longo de sua história, além de contar com professores de outros departamentos. (Thimoteo, 2015).

O curso em Catalão é instalado conforme as DCNs (Brasil, 2004) para os cursos de Graduação em Psicologia de 2004, e se baseia no Projeto Político do curso da UFG em Goiânia. Em 2013 o curso se adequa às normas das DCNs (Brasil, 2011) para os cursos de Graduação em Psicologia de 2011, em especial na criação do Projeto Pedagógico Complementar em relação à modalidade de formação de professores. Segundo Thimoteo (2015) não houve mudanças nas concepções de formação, tendo uma visão ampla sobre os saberes e fazeres da Psicologia, segundo o autor:

A formação desses profissionais não está voltada apenas para seu aspecto terapêutico e clínico, mas, também, para a promoção da saúde, a prevenção de doenças, a compreensão e atuação no campo da subjetividade humana. Ainda, busca reconhecer a diversidade de perspectivas necessárias para a compreensão do ser humano a partir de constantes interlocuções com as abordagens psicológicas e com os demais campos do conhecimento, permitindo a apreensão da complexidade e multideterminada do fenômeno psicológico. Além disso, o Curso de Psicologia tem a finalidade de formar profissionais também para a pesquisa e para o ensino de Psicologia, assegurando que tenham compromisso, em diferentes contextos, com a ética, a interdisciplinaridade, o saber científico, a cidadania e a constante capacitação profissional, visando a promoção da qualidade de vida das pessoas, grupos, organizações e comunidades (Thimoteo, 2015, p.62).

Ainda pensando no Projeto Político Pedagógico do curso, pode-se constatar a promoção da formação generalista, que faz com que os alunos construam suas carreiras

de acordo com seus interesses. Garantindo uma formação diversa que contemple as múltiplas possibilidades de atuação deste profissional. Como destaca Campos (2014) é de grande importância a discussão sobre a formação ser contemplada na sua diversidade epistemológica e nos seus campos de atuação.

O Projeto Político, adequando-se às diretrizes de 2011, traz especificações à formação do psicólogo e do professor de Psicologia. Com um conjunto de matérias mínimas obrigatórias, traz a ideia da formação em ênfases e a carga horária correspondente. Estabelece 9 disciplinas obrigatórias para a formação do professor de Psicologia, contando com as matérias e a realização dos estágios e o trabalho de conclusão de curso, contabilizando 848 horas. Segundo o documento (Catalão, 2017, p.10)

A formação do bacharel e do licenciado está voltada não apenas para seu aspecto terapêutico e clínico, mas, também, para a promoção da saúde, a prevenção de doenças, a compreensão e atuação no campo da subjetividade humana, que se constitui no conjunto das relações sociais. [...] abarcando diversas atividades de grande relevância social e contribuindo com a promoção da saúde, o desenvolvimento, a qualidade de vida dos indivíduos, grupos, organizações e comunidades.

Tendo em vista os objetivos dessa pesquisa, de conhecer a atuação do professor de Psicologia em Catalão, e agora sabendo um pouco mais da história da Psicologia no Brasil, adentrando brevemente a história em Goiás e em Catalão, prosseguimos com a sessão adiante da metodologia e as ferramentas metodológicas que permitiram conhecer de forma mais profunda a existência ou não existência deste profissional da cidade de Catalão e região.

3. CAMINHOS DA PESQUISA

Trata-se de uma pesquisa de campo, com abordagem qualitativa, no qual pretende-se desenvolver em cinco fases, que são: 1) levantamento bibliográfico para atualização do assunto; 2) levantamento e mapeamento das instituições; 3) contato com as instituições e contato com os participantes; 4) entrevista e 5) análise. A pesquisa é atravessada pelo olhar da teoria histórico-cultural

A teoria histórico-cultural traz elementos que estando entremeados na realidade do fenômeno que se pesquisa, permite enxergar as coisas em seu movimento, na dialética, no qual “busca captar o objeto na sua totalidade, desde uma perspectiva histórica de mudanças e contradições” (Cavalcanti, 2014, p. 987).

Para captar os elementos da produção acerca da licenciatura, utilizamos da revisão sistemática acerca da temática, na perspectiva histórica de qual foi o lugar ocupado pelo licenciado em psicologia no passado, o que nos dá base na compreensão dos caminhos históricos que a licenciatura em psicologia percorreu e percorre. Estar em campo e desenvolver as entrevistas, permite captar novas visões da atuação destes professores. Encontrando um diálogo com diferentes perspectivas, podemos articular informações novas, com novos saberes e olhares (Minayo, 2012).

Segundo González Rey (2005) a pesquisa qualitativa envolve que o pesquisador seja imerso no campo de pesquisa, considerando este como o cenário social ocupado pelo fenômeno estudado, na gama de elementos que o constitui e está constituído por ele. Neste sentido, de acordo com a teoria histórico-cultural, entender o movimento das coisas é perceber os atravessamentos culturais e sociais do campo a ser estudado, é “negar alguns fatos, buscar sua superação e chegar a novas sínteses” (Tuleski; Facci; Barroco, 2013, p. 283).

É possível compreender as modificações que os sujeitos realizam na sociedade e na cultura e as mudanças que estas realizam nos próprios homens. Para entender determinada coisa, é preciso entender o contexto da época, a cultura, entre outros fatores. Somente assim, é possível concluir fatos e propor novas ideias. Pensando que ao nascer, os sujeitos já encontram um mundo em funcionamento, sem ter a necessidade de recomeçar sempre do zero, mas que possamos partir de um ponto, que é resultado material de todo desenvolvimento social que antecede os sujeitos (Tuleski; Facci; Barroco, 2013).

Podemos compreender dessa forma, percorrendo os caminhos passados da licenciatura em Psicologia, como foi delineado os lugares de ocupação e atuação deste

profissional na história, além de como perdeu esses espaços. Entender os atravessamentos culturais, o passado e fazer um recorte do presente, pode possibilitar novas perspectivas desta atuação e talvez entender por que a literatura mostra uma modalidade cada vez mais secundarizada.

Para conseguirmos captar os movimentos de reprodução da realidade, temos como base que guia nosso pensamento os nexos existentes entre as dimensões do singular, particular e universal que atravessa os fenômenos, assim conseguimos uma captação que vai além da aparência imediata. Partindo desses conceitos, buscamos explorar na particularidade a realidade das coisas, sendo ela a mediação entre a singularidade e a universalidade (Pasqualini; Martins, 2015). Desse modo, podemos pensar que todo fenômeno singular contém em si as determinações universais e vice-versa, mas que superar sua aparência revela suas relações dinâmicas de mediação que determinam e constituem os fenômenos (Pasqualini; Martins, 2015).

Podemos pensar nesse sentido que a relação entre singular e universal tem a ver com a relação entre *Todo* e *Partes*, no qual o singular é parte de um todo e o todo que é o universal, se realiza através da expressão das partes, porém, essas partes não existem por si mesmas, somente na relação entre si e com o todo (Pasqualini; Martins, 2015). Assim, queremos saber o que compõe essa liga que media o singular e universal, quais são os objetos que conectam uma universalidade. Podemos dizer que o universal não existe senão pelo singular, e que o singular elucida os mecanismos de mediações que revelam a realidade sobre o fenômeno, assim só podemos compreender o singular a medida que desvelamos as conexões com o particular e universal, para os autores (Pasqualini; Martins, 2015, p.367) “se em cada ente singular estão contidos o particular e o universal, a compreensão da singularidade é tão mais objetiva quanto mais se capte suas mediações particulares com a universalidade.”

Nessa perspectiva, a entrevista com os profissionais traz narrativas de vivências reais, que são feitas de suas histórias atravessadas de modo singular no seu desenvolver. Para direcionar o olhar e transpor o conteúdo presente das entrevistas e suas transcrições, buscamos um procedimento metodológico capaz de dar sentido às coisas. Através dos Núcleos de Significação, buscamos e entendemos ser necessário ir além do que contam as aparências e não contentarmos apenas com a mera descrição dos fatos, mas buscamos a explicação no seu processo histórico (Aguar; Ozella, 2006).

Ainda segundo Aguar e Ozella (2006) o método proposto, visa ir ao encontro das mediações entre os fenômenos psíquicos e o método materialista histórico, dessa forma,

uma teoria que buscasse revelar o sujeito na sua relação com o social e a história. Para Aguiar e Ozella (2006, p. 224):

Assim, falamos de um homem constituído numa relação dialética com o social e com a História, sendo, ao mesmo tempo, único, singular e histórico. Esse homem, constituído na e pela atividade, ao produzir sua forma humana de existência, revela - em todas as suas expressões -, a historicidade social, a ideologia, as relações sociais, o modo de produção. Ao mesmo tempo, esse mesmo homem expressa a sua singularidade, o novo que é capaz de produzir, os significados sociais e os sentidos subjetivos. Indivíduo e sociedade vivem uma relação na qual se incluem e se excluem ao mesmo tempo.

Sendo assim, uma teoria que busca estudar o sujeito no seu processo histórico, que é singular e único. Essa perspectiva revela os sujeitos inteiros, falando de dentro da sua experiência de vida e assim, produzindo novos significados com seu entorno. Nesse movimento dialético, entre sujeito e sociedade existe uma relação em que não há separação, mas um constitui o outro. O método, para além de sua função de instrumento de pesquisa, permite resgatar no real a compreensão do sujeito na própria constituição deste, ou seja, no seu processo histórico, do qual produz um conhecimento que se aproxima do concreto (Aguiar; Ozella, 2013).

É importante, como destacam os autores (Aguiar; Ozella, 2013), que busquemos a explicação do processo de constituição do sujeito. E só conseguiremos resgatar esse processo de constituição quando convidamos este a falar sobre seu processo histórico.

3.1. - Procedimentos metodológicos

Para a realização desta pesquisa, como mencionado acima, propomos o desenvolvimento em cinco fases que serão descritas nos tópicos que se seguem. A separação em fases e a descrição dos procedimentos ajuda na organização cronológica dos passos para a pesquisa, além de explicar de forma mais detalhada ao leitor e a leitora como foi desenvolvida cada etapa.

3.1.1 - Levantamento e mapeamento das instituições

Para saber dos possíveis lugares de ocupação e atuação do licenciado em psicologia, pretende-se realizar um levantamento das instituições seguido pelo mapeamento destas. A localidade escolhida para a referente pesquisa se dá na região sudeste do estado de Goiás, em Catalão e em suas respectivas microrregiões geográficas que são compreendidas por: Ananguera, Goiandira, Campo Alegre de Goiás, Ouvidor, Três Ranchos, Corumbáiba, Davinópolis, Cumari, Ipameri e Nova Aurora.

Em primeiro lugar, o levantamento serve para quantificar o maior número possível de instituições dadas as localidades. Por meio de buscas online, pretende-se localizar os nomes das instituições; sua localidade física; cursos ofertados; grade curricular dos cursos, assim como seus projetos políticos pedagógicos.

Em seguida, o mapeamento já contempla as descobertas da fase de levantamento, e coloca no mapa de Catalão e suas microrregiões as possíveis instituições de atuação do licenciado em psicologia. Dessa forma, com as informações catalogadas e as instituições apontadas pelo mapeamento, a etapa seguinte é a do contato com as instituições para o levantamento de possíveis participantes para a entrevista.

3.1.2 - Contato com estas instituições e contato com os participantes

Essa etapa é possível através da realização da etapa anterior, que cataloga as informações acerca dos componentes curriculares, endereços, telefones e outras. Assim, com o levantamento e mapeamento das instituições, dado a possibilidade de atuação do licenciado em psicologia, será realizado o contato por meio de ligação ou visita física à instituição.

Pretende-se obter o maior número possível de participantes aptos a entrevista. Por meio do fornecimento de informações, número de telefones para o contato dos possíveis participantes.

Com os números e nomes dos possíveis participantes em mãos, entraremos em contato para saber sua atual situação, se se encaixa na pesquisa, e também para saber se o participante tem o interesse em dispor algum tempo do seu dia para a realização da entrevista. Nesse contato inicial será explicado aos sujeitos sobre a entrevista, será esclarecido quais são os objetivos da pesquisa, no qual ele poderia contribuir fazendo o relato, verbalizar suas percepções sobre sua atuação.

Caso o participante aceite participar da entrevista, as perguntas serão enviadas de forma prévia para que o participante se sinta mais confortável em responder às questões.

3.1.3 - Entrevistas e Análise de dados

A entrevista com o profissional será realizada de modo presencial de acordo com a disponibilidade do entrevistador e entrevistado, será guiada por meio de roteiro semiestruturado (Apêndice A), possibilitando assim um norteador para a entrevista sem fazer com que esta ocorra de forma fechada, gerando um diálogo aberto e fluido. A entrevista será gravada e posteriormente transcrita e anexada à pesquisa.

Aos participantes da entrevista, será explicado os procedimentos éticos da pesquisa e a apresentação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice B). O participante que concordar em participar da pesquisa, assinará o termo em duas vias, que concorda com a gravação, transcrição e armazenamento deste material, ficando especificado que este pode retirar suas informações da pesquisa a qualquer momento.

As perguntas foram elaboradas ao longo das pesquisas iniciais dos textos e durante a revisão da literatura. Após a discussão e eleição das perguntas em roteiro semiestruturado, as perguntas foram testadas com colegas dos pesquisadores.

Essa etapa, consiste em uma aproximação não só daquilo que se deseja conhecer e estudar, mas uma aproximação do conhecimento que parte da realidade de quem está sendo entrevistado. Desta forma, ultrapassar uma mera descoberta, permitindo produzir conhecimento, partindo deste rico diálogo com a realidade (Neto, 2002). Ainda neste sentido, a entrevista participa de dois momentos na pesquisa, no qual, num primeiro nível, a técnica se baseia na comunicação verbal - carregada de sentido e entremeada da realidade, não neutra - e reforça a importância da comunicação, da linguagem e dos significados contidos nela. Já em um segundo momento, a realização da entrevista, serve como meio de acessar informações sobre a temática, dados a serem observados e analisados (Neto, 2002).

Para nossa análise acontecer, buscamos através dos núcleos de significação observar a atuação dos professores de Psicologia no seu processo histórico.

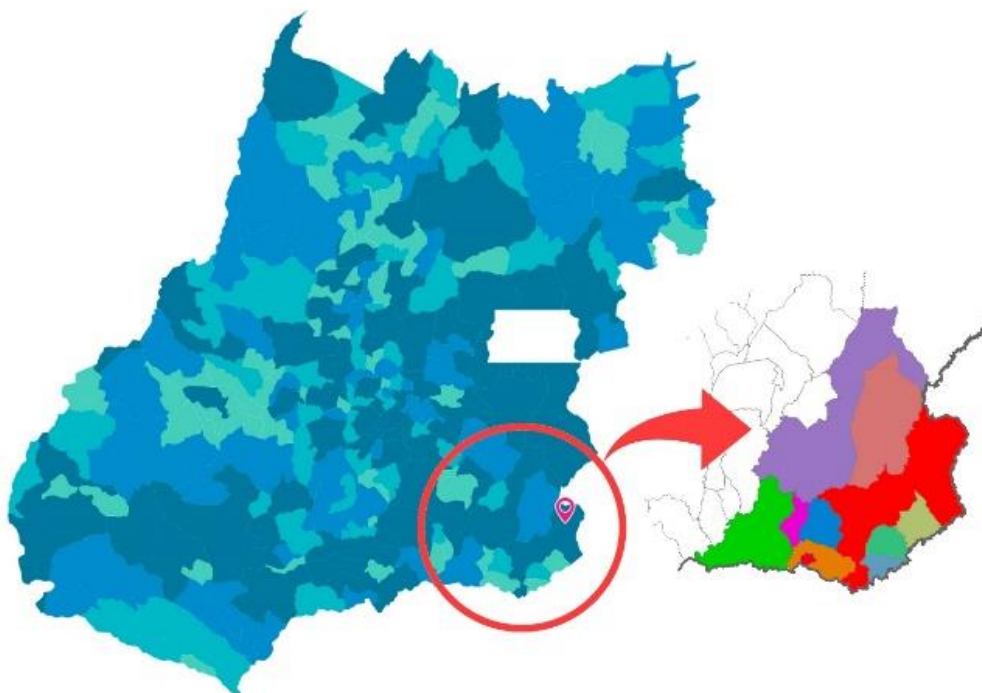
O referencial escolhido para a análise do material das entrevistas e suas transcrições aqui proposta pauta-se na perspectiva sócio-histórica. Pretende analisar as entrevistas através dos núcleos de significação, método que propõe apropriar das significações que o sujeito constitui frente à realidade. (Aguiar; Machado; Soares, 2015). A ideia do método é buscar ir além do que é aparente, de buscar as explicações de como o sujeito se constitui da forma que se constitui (Aguiar; Ozella, 2006).

3.6 - Detalhamento dos procedimentos metodológicos

Ao longo dos meses de maio e agosto foram realizadas buscas através da revisão sistemática da literatura. Essas buscas foram realizadas de acordo com os critérios de inclusão e exclusão das publicações e o resultado da seleção desse material, nos mostra um panorama da licenciatura em Psicologia no país, desde a criação do curso até os dias de hoje. Ainda nesse período, em paralelo a análise da revisão sistemática realizada, foi

feito um levantamento online das instituições presentes em Catalão e sua microrregião que pudesse haver campo de atuação do professor de Psicologia. A tabela das cidades e instituições pode ser localizada abaixo. Também, trazemos o mapa de Catalão e sua microrregião geográfica colorida no mapa de Goiás abaixo, em destaque a cidade de Catalão na cor vermelha.

Figura 1: Mapa de Goiás, em destaque Catalão e sua microrregião geográfica.



Fonte: Brasil 2022 – (IBGE – Modificado pelos autores.)

No quadro a seguir apresentamos os municípios que compõem a microrregião de Catalão considerando as cidades, o número de habitantes de acordo com o último censo do IBGE de 2022 e as instituições públicas e privadas existentes.

Quadro 6. Levantamento e Mapeamento das Instituições

Cidade	População (censo IBGE 2022)	Instituições
Anhanguera	924	Nenhuma
Campo Alegre de Goiás	7.422	1) CEMEPE – Centro Municipal de Estudos e Programas Educacionais
Catalão	114.427	1) iFutura 2) COTEC – Agnaldo de Campos Netto 3) COTEC – Labib Faiad 4) Saiba+ Qualificação Profissional 5) FIEG SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial) 6) SENAC Catalão 7) CCPA – Centro de Convivência do Pequeno Aprendiz 8) FATENC - Faculdade de Tecnologia e Negócios de Catalão 9) Instituto Mix Profissões 10) Instituto Federal Goiano
Corumbá	9.164	Nenhuma instituição
Cumari	2.927	Nenhuma Instituição
Davinópolis	1.902	1) SENAR – Serviço Nacional de Aprendizagem Rural
Goiandira	4.973	1) PROCAPACITAR – CEPED Centro Profissional De Educação A Distância
Ipameri	25.548	1) Instituto Federal Goiano 2) Instituto Mix Profissões 3) SENAC – Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial 4) COTEC Ipameri 5) iFutura
Nova Aurora	2.101	Nenhuma Instituição
Ouvidor	7.200	Nenhuma Instituição
Três Ranchos	2.921	Nenhuma Instituição

Fonte: Elaborado pelos autores

A cidade de Catalão é a que mais possui instituições que possibilitam a atuação do professor de Psicologia. Seja na educação básica ou em cursos técnicos. Seguido por Ipameri, segunda maior cidade em números de habitantes na microrregião geográfica de

Catalão. Consideramos todas as Instituições de Ensino possíveis e encontradas de forma online, e que houvesse a possibilidade de contratação de um professor licenciado em Psicologia de acordo com a área das disciplinas ofertadas. Desconsideramos àquelas instituições que são no formato EaD ou semipresenciais.

Vale ressaltar que algumas instituições oferecem cursos técnicos de forma esporádica com parcerias municipais ou outros tipos de iniciativas. Mediante as instituições encontradas, com o mapeamento e levantamento destas, passamos a observar quais cursos eram ofertados nessas instituições e se possui alguma disciplina que conversa com o curso de Psicologia. Dessa forma, buscamos nos sítios digitais das instituições os cursos ofertados por elas.

Na busca pelos profissionais atuantes em Catalão e microrregião, no dia 05 de outubro foi redigido um texto para envio aos egressos do curso de Psicologia da Universidade Federal de Catalão. No texto, pedimos uma colaboração à pesquisa e colocamos um link de questionário com 10 perguntas acerca da formação e atuação na licenciatura em Psicologia.

No dia 11 de outubro foram realizadas algumas visitas para obter informações dos profissionais atuantes na rede de educação. A primeira visita foi ao CEAPSI, para tentar obter os e-mails dos egressos. Fomos informados que quem poderia repassar e ter em arquivo os e-mails dos egressos seria a coordenação do curso. A coordenação do curso de Psicologia em Catalão faz parte do Instituto de Biotecnologia (IBIOTEC) do campus. No momento da visita, a profissional responsável pelo atendimento do curso de Psicologia não se encontrava. Foi recomendado por profissionais de outros cursos o envio de e-mail para a secretária do curso de Psicologia com o parecer do comitê de ética anexado.

Ainda no dia 11 foi realizada uma visita à secretaria estadual de educação em Catalão, e na secretaria municipal de educação de Catalão. Na primeira, obtivemos o direcionamento de conversar com a diretora que participava de uma reunião no momento, ficando combinado um encontro presencial posterior para obter mais informações em outro momento. A secretaria de educação municipal estava fechada de acordo com o calendário e o feriado do dia das crianças no dia seguinte.

No dia 17 de outubro foram realizadas novas visitas presenciais ainda com o intuito de buscar informações para podermos localizar os profissionais. Fomos ao CEAPSI solicitar uma sala para realização das entrevistas. Em seguida, fomos ao IBIOTEC para obter contato com a secretária do curso. Solicitei que filtrasse os egressos formados em Licenciatura, do ano mais antigo que conseguisse, até a turma de 2018.

Dado que a turma de 2019 ainda não havia se formado. Nessa visita, a secretária conseguiu o acesso aos e-mails dos egressos até o ano de 2014. Ainda no IBIOTEC, colhemos informações de onde poderíamos obter os e-mails mais antigos.

Fomos à PROGRAD e lá conversamos com o então Pró-reitor pro tempore de Graduação. Foi solicitado que fosse formalizado o pedido pela plataforma *Fala.BR*. Nessa conversa, o reitor de Graduação indicou um aluno que estava próximo, e falou que ele “ajudaria na pesquisa”, visto que ele é egresso do curso de Psicologia e já havia dado aulas com sua licenciatura. Ao encerrar a conversa, prontamente solicitamos ao egresso do curso sua disponibilidade em conceder uma entrevista, pegamos seu número de telefone e combinamos que entraríamos em contato para podermos conversar melhor e talvez combinarmos algo.

Após isso, fomos à secretaria de educação municipal. Lá, na parte de Coordenação Pedagógica conseguimos obter a informação e localização de duas concursadas do município que entraram com sua licenciatura em Psicologia. Fomos indicados que buscássemos o R.H. para dados mais completos e arquivados sobre todos os professores ativos/inativos do município. Foi mostrado o diploma das duas professoras que passaram no concurso com sua formação em Psicologia. Deixamos o número de telefone e a cópia da aprovação do projeto em comitê de ética, que nos permite a busca de informações. As duas assistentes do R.H disseram que conversariam com a diretora da secretaria para saber se poderíamos conferir todo arquivo de contratação do R.H, um a um, se há algum professor formado em Psicologia atuando em Catalão, além das duas professoras que tiveram os nomes citados durante nossa visita.

Por fim, foi realizada uma visita presencial ao colégio técnico Instituto Federal Goiano, porém o diretor estava em reunião. Foi informado que o tipo de registro dos servidores poderíamos obter somente em Goiânia, visto que a responsável pelo R.H na cidade se encontrava afastada.

No dia 18 de outubro de 2023, os textos para envio dos e-mails foram editados, e com os e-mails dos egressos em arquivo, copiamos turma por turma e catalogamos os e-mails obtidos até o ano de 2014. No dia 20 de outubro de 2023 foi catalogado o restante dos e-mails pendentes, dos anos que faltavam. Conseguimos reunir os e-mails dos formandos de licenciatura desde o primeiro registro em 2009 até o ano de ingresso de 2018, visto que a turma de 2019 ainda não se formou. Ao todo, conseguimos obter 310 e-mails, dos quais foram inseridos nas plataformas e enviados em conjunto.

Em pouco tempo de envio dos e-mails, alguns egressos enviaram mensagens de contribuição através de plataformas fornecidas no texto do e-mail e no questionário, que eram o telefone pessoal dos pesquisadores e o e-mail. Os egressos passaram muitas informações sobre colegas que conheciam e que já deram aula. As informações obtidas foram de extrema importância, porém, grande parte desses egressos, não se inseriam nos critérios de inclusão para essa pesquisa, como: terem atuado na educação básica; terem atuado em Catalão ou em sua microrregião. Os egressos indicaram alguns alunos que deram aula no ensino superior e em cidades próximas a Catalão, sem serem da composição de sua microrregião geográfica.

A partir das informações obtidas com as respostas dos questionários, com os informantes qualificados indicando pessoas que poderiam se inserir nos critérios de inclusão desta pesquisa, conseguimos localizar e entrar em contato com esse pessoal. De início, conseguimos dois possíveis participantes, e posteriormente um dos participantes indicou outro que também se encaixava nos critérios. Esse terceiro participante também indicou outra pessoa. E na secretaria de Educação, foi indicado 2 professoras com o diploma de Psicologia.

Ao todo identificamos 6 sujeitos possíveis participantes da nossa pesquisa. E no fim conseguimos realizar a entrevista com 4 deles. Ao fazer a identificação deste pessoal, buscamos entrar em contato, obtendo número de celular, e-mails, telefone fixo. Ao contactar, nos identificamos e lançamos algumas perguntas breves e solicitamos uma entrevista, e ao toparem, enviamos as perguntas previamente para que familiarizassem com as temáticas envolvidas.

Ao longo dos meses de outubro e dezembro foram realizadas as quatro entrevistas. Também, nesse período fizemos duas visitas à secretaria municipal e somente na segunda quinzena de novembro, fomos informados de que não foi permitido a busca pelos documentos pessoais dos professores, mas nos forneceram os números de telefone das escolas das duas professoras que já haviam falado que conheciam por ter formação em Psicologia. Na semana do dia 20 de novembro foram feitos os telefonemas para as instituições. Conseguimos conversar com uma possível entrevistada e já trocamos informações pessoais e foi enviado o questionário com as perguntas da entrevista.

Como já referido na seção 3 sobre a metodologia, utilizaremos uma análise dialética capaz de buscar nas palavras dos sujeitos entrevistados, um olhar para como este se constituiu da forma que se constituiu. Ou ainda, trazendo para nossa pesquisa, buscamos aprofundar a atuação da licenciatura em Psicologia de uma perspectiva dada

por licenciados. Ou seja, buscamos no movimento, na dialética, buscar a realidade. Porque a licenciatura em Psicologia é criação, é invenção humana, é construção social e está em constante mudança. E a mudança é feita pelas pessoas, agentes históricos e sociais.

Pensando que o sujeito é histórico, que ele vem de um lugar “pronto” ao nascer, que se apropria do mundo através da linguagem e dessa forma produz mudanças no seu entorno, procuramos nas entrevistas os movimentos, as palavras capazes de captar o sujeito na sua constituição. O que identificam ou identificaram de sua atuação enquanto professor de Psicologia, como esses reproduziram o que lhes fora posto da licenciatura ou ainda o que estão produzindo ao falarem sobre a licenciatura e costurarem a malha social, a totalidade, o real. Dessa forma, para identificar os sujeitos da pesquisa, montamos um quadro abaixo com alguns dados para reconhecimento dos participantes.

Após toda procura, e ter conseguido realizar a entrevista com 4 participantes, foi realizada a transcrição do material e iniciado os estudos para confecção da análise através dos núcleos de significação. Uma a uma as entrevistas foram transcritas e lidas de forma insistente para conseguirmos captar nas entrelinhas para onde as palavras apontavam. Com ajuda da interpretação, pudemos elencar o surgimento de quatro núcleos de significação que giram em torno das narrativas dos entrevistados.

A seguir, expomos o quadro que resume de forma breve quem são os participantes da entrevista. Em seguida, comentamos como foi feita o processo de análise através dos pré-indicadores, indicadores e núcleos de significação.

Quadro 7 – Identificação dos Professores de Psicologia

Nome	Idade	Raça	Gênero	Ano de Conclusão/ Formação	Resumo da Atuação Profissional
Paula	27	Branca	Mulher (cis)	2018	Trabalhou no início da sua formação como professora de Psicologia em 2 escolas; uma delas foi contratada como professora e outra como psicóloga escolar, mas em ambas fazia um trabalho de formação em sala de aula. As matérias dadas foram de Projeto de Vida e Empreendedorismo. Atualmente não trabalha com a licenciatura em Psicologia, mas seguiu na docência investindo na formação em Letras.
Fernando	34	Branco	Homem (cis)	2011	Trabalhou no início da sua formação em cursos técnicos do Pronatec e em escolas técnicas do ensino médio. Trabalhou matérias como Projeto de Vida, nas quais trabalhava temas transversais em um projeto chamado Mulheres Mil. Atualmente não trabalha com a licenciatura em Psicologia, mas seguiu carreira na área da Educação, vindo a concluir um Doutorado como Psicólogo Escolar.
Thiago	34	Pardo	Homem (cis)	2011	Trabalhou no início da sua formação em cursos técnicos do Pronatec. Trabalhou com matérias de Psicopatologia e Psicoterapia, vindo a trabalhar temáticas como os adictos e a redução de danos como alternativa à internação compulsória. Atualmente não trabalha com a licenciatura em Psicologia, mas seguiu carreira na área da Educação. Fez mestrado em Educação e possui um Doutorado em andamento na área de Letras.
Júlia	37	Parda	Mulher (cis)	2010	Após sua formação, passou em um concurso público municipal de Catalão para atuar na rede de educação. O concurso exigia “qualquer licenciatura”. Desde a época de sua aprovação no concurso atua no município com turmas do fundamental e já ministrou todas as disciplinas da grade curricular da escola.

Fonte: Elaborado pelos autores

O quadro acima descreve de forma breve os sujeitos das entrevistas. Trata-se de nomes fictícios. Podemos observar o lado direito um pequeno resumo de sua passagem pela licenciatura em Psicologia. Possuem idades próximas, com média de idade de 33 anos, com formação em Catalão e Uberlândia. Tiveram na formação em Licenciatura a primeira oportunidade de emprego. Notamos o fato de que dois participantes tiveram ingresso na atuação por meio de políticas públicas federais, através do PRONATEC (Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego) e uma outra participante teve seu ingresso favorecido por políticas curriculares, através da BNCC (Base Nacional Comum Curricular) como é o caso das matérias de projeto de vida.

Buscamos captar nas entrevistas, elementos particulares dos indivíduos que nos possibilita a mediação entre o singular e universal, pois, quando percebemos a singularidade na existência de um sujeito ou fenômeno, trabalhamos no âmbito particular. Para que possamos apreender a concretude do sujeito, é preciso ver além da singularidade imediata, captando as várias determinações particulares e universais que fazem com que o sujeito tenha uma condição particular em construção com a genericidade, o universal. (Pasqualini; Martins, 2015)

Partimos da ideia de que a essência humana como tal, é produto histórico-social, que necessita da apropriação e objetivação de cada pessoa ao longo da vida em sociedade. É esse devir social e histórico que faz do humano um sujeito singular, dessa forma, a relação dialética singular-particular-universal se faz fundamental e indispensável para que possamos compreender a complexidade que a universalidade concretiza na singularidade através das mediações sociais, que é a particularidade nessa relação (Oliveira, 2001).

Para começarmos a análise, precisamos buscar a totalidade das coisas diante de todas as falas produzidas pelos sujeitos entrevistados. É dessa totalidade que buscaremos as palavras com significações, que apontam os pré-indicadores e indicadores, até chegar aos núcleos de significação. Partimos, não com o objetivo de fazer uma mera descrição dos fatos, não de descrever o que é ou como falaram, mas como se tornaram assim, como seu processo histórico e singular fez com que esse sujeito significasse as coisas como significa.

Para tanto, para começarmos a esboçar uma análise, seguimos alguns movimentos que são imprescindíveis como narra a literatura (Aguiar; Aranha; Soares, 2021). São movimentos dialeticamente articulados que envolvem as leituras flutuantes; identificação das palavras com significação (sentidos e significados); os pré-indicadores; o

agrupamento dos pré-indicadores em indicadores e a articulação dos indicadores com os núcleos de significação.

Inicialmente, transcrevemos o material gravado das três entrevistas realizadas. Esse primeiro movimento serviu para que tivéssemos maior proximidade com o material das gravações. Assim, ao escutar, voltar, escutar, escrever, reescrever, escutar novamente, ficamos imersos nas falas dos sujeitos entrevistados. Após a transcrição deste material, fizemos algumas leituras flutuantes, sem a ideia de já categorizar o material, apenas como forma de aprofundar nas entrevistas. Após essas leituras, começamos a destacar nas palavras ou frases, alguns aspectos que nos chamavam a atenção.

Esses movimentos pressupostos pelo método caracterizam o que na ciência pode ser visto como a produção de recortes (Aguiar; Aranha; Soares, 2021). E ainda segundo os autores, sendo a fala dos sujeitos o nosso corpus de análise, devemos tomar a palavra como algo carregado de significação (sentidos e significados). Sendo a palavra carregada de significações, buscar encontrar algo nelas pode levar à conhecer a realidade das coisas. Esse recorte que é feito, se configura em uma unidade de significação.

No movimento inicial de leitura do material, estes recortes e palavras com sentido, passam a ser organizados de acordo com categorias que se complementam ou contradizem. Os pré-indicadores devem expressar a materialidade dos sujeitos. Dessa forma, buscamos expressões quase independentes, que podem vir a ser a ser teses, que são essenciais para reconstruir a totalidade (Aguiar; Aranha; Soares, 2021). Dessa forma, a seguir, evidenciaremos algumas dessas “teses” dos sujeitos, na expressão dos pré-indicadores.

Aí, a menina da psicologia, **quase uma estagiária**. Inclusive alguns alunos **me perguntavam** você é estagiária? E **eu falava não, eu sou professora!** (Paula, 19/10/2023).

Ele vai ter que fazer a atuação dele na interface com **outras disciplinas**, porque **não existe**, né? A disciplina de Psicologia no ensino público, no ensino básico, **não tem!** Então assim, se não tem, **como que a gente vai atuar, né?** (Thiago, 31/10/2023).

mas que eu tinha muita certeza que eu não queria virar professora (risos) por ser filha de professora e ver os dois lados. (Júlia, 12/12/2023)

Na verdade, como eu era **envolvido com questões da igreja**, era muito atuante na igreja, eu queria **fazer psicologia para ajudar** as pessoas, ajudar a igreja de alguma forma, mas **quando eu cheguei aqui eu descubro que não era o que eu pensava da Psicologia, né?** (Thiago, 31/10/2023).

Eu tive uma **liberdade** mesmo de **poder pensar os conteúdos** e pra mim foi **a experiência mais potente da docência que eu tive** mesmo (Fernando, 26/10/2023).

Gostaríamos de frisar que ao longo de toda análise, os grifos representam aquilo que pensamos captar o sujeito na sua forma de ser no mundo. Desde eventos passados, até os eventos presentes ou suas projeções futuras, mas narrativas que falam e mostram como são da forma que são. Esses exemplos mostrados acima, aproximam-se das “teses” singulares dos nossos participantes. É a partir das significações contidas nessa totalidade, nas palavras, que conseguimos analisar a realidade. Mesmo que a pesquisa tenha sido realizada a partir de um roteiro de entrevista, cada sujeito é singular à seu modo. Claro, ele sozinho é fruto das significações sociais, e também impacta seu entorno com sua vivência.

Destacamos exemplos de palavras empregadas em contextos específicos, essas palavras revelam a singularidade de cada um. São nessas palavras e frases que buscamos a expressão da realidade e que agrupamos a seguir. Após a leitura do material, e de fazer um movimento dialético da leitura/palavra, conseguimos identificar e organizar os pré-indicadores. A seguir, exemplificamos um pré-indicador em um indicador:

Quadro 8 – Exemplo de identificação de pré-indicadores em um indicador

Pré-indicador	Indicador
Paula 19/10: Então, a concepção de alguém que entra em sala de aula e faz aquele ambiente um ambiente de discussão , então assim, em nenhum momento eu cheguei em sala pra falar “Olha gente, isso aqui é Freud, vamos estudar Freud”, era... eu sempre fiz que aquele ambiente fosse um ambiente de abrir mentes.	<i>Uma formação para vida. O professor como instigador do pensamento, reflexão e autonomia, tendo a sala de aula o local de discussões.</i>
Thiago 31/10: minha perspectiva de atuação é sempre tentar impulsionar o outro a fazer as coisas, aprender com autonomia, instigar o pensamento, instigar reflexão no outro, no aluno e no outro	
Fernando 26/10: Então, é o mesmo papel dos professores de outras áreas, que é mediar os conteúdos, para que outras pessoas possam ter acesso aos conteúdos que a humanidade produz e fazer os alunos terem uma outra dimensão da vida , seja no campo profissional, seja pra visão política, seja pela visão das relações, né. Então criar consciência para que a pessoa possa ter uma vida com mais riqueza, né, digamos assim.	
Júlia 12/12: Passar orientações que vão pra além da formação básica mesmo, contemplando a formação pra vida, né? Então se surgem conflitos a gente sempre incentiva que eles resolvam esses conflitos e sem fórmulas mágicas de resolver, realmente ouvindo o quê que é o problema pra poder... muitas vezes colocar eles mesmo pra pensarem soluções, né?	

Fonte: Elaborado pelos autores

Para a elaboração dos pré-indicadores e indicadores, primeiro fazemos uma lista contendo todos os assuntos parecidos possíveis, desde narrativas que se complementem até as que se contradizem. Esses assuntos provêm da leitura flutuante e da identificação das palavras com significações, que após ler e reler, conseguimos localizar no texto aquilo que das palavras, emerge o sujeito e como este fala de si e do mundo. Assim, conseguimos identificar algumas palavras que vão aparecendo no vocabulário, ou nas identificações sociais, na construção do fazer com o outro, que são palavras que constroem o agora e o futuro e que antes de tudo, estão constituindo a si mesmos.

O quadro 8, é um breve exemplo do aparecimento do assunto da docência nas entrevistas. Aqui foram apontadas algumas frases contidas em um quadro maior com pré indicadores e a sua formação nos indicadores. Esse conjunto de frases diz sobre o fazer docente, como esses iniciaram sua carreira na docência, sua trajetória profissional à partir do seu trilhar histórico. Na sessão seguinte faremos a análise dos Núcleos de Significação, que foram construídos após a aglomeração dos pré-indicadores e indicadores até a formação dos núcleos.

4. ONDE ACONTECE A ATUAÇÃO? ANÁLISE E REFLEXÃO CRÍTICA

Essa sessão está destinada a analisar as entrevistas realizadas com os atuantes da Licenciatura em Psicologia na cidade de Catalão e região, pretendemos descrever, discutir e compreender mais a fundo as nuances dessa atuação. Atravessados pela ideia dialética singular-particular-universal, partimos da concepção de sujeito que é formado e formador do seu contexto social. Buscamos captar nas entrevistas parte desse processo histórico de cada entrevistado, na tentativa de reconhecemos a totalidade das coisas.

Ao ler a análise, o leitor e a leitora devem estar cientes que os grifos [negritos] fizeram parte do primeiro processo de olhar para as entrevistas e buscar extrair essas sínteses dos sujeitos. Os grifos representam aquilo que consideramos os momentos ou movimentos na vida do sujeito em que impactaram de alguma forma na construção de quem são hoje. São acontecimentos que marcam a vida das pessoas e nos mostra uma forma de olhar para o sujeito no seu processo histórico, localizando nesse movimento a apreensão da realidade concreta.

Para que a análise fosse feita, transcrevemos as entrevistas e lemos o material repetidas vezes para podermos identificar no discurso aquelas palavras que se complementam ou se contradizem. Após a leitura do material e a análise das entrevistas, identificamos quatro Núcleos de Significação que serão apresentados abaixo, relativos ao processo de análise:

Núcleo de Significação 1 - Uma licenciatura em Psicologia de terras distantes. Entre o desconhecimento e a possibilidade: *“eu escolhi fazer porque eu tava aqui”* e novos contornos ganhos.

Núcleo de Significação 2 - O Mercado e a Existência do campo, onde um Não lugar tem endereço. Um retrato do modelo econômico. A disciplina é para todos? A escola é para todos?

Núcleo de Significação 3 - O licenciado e o bacharel em Psicologia, atuações que se mesclam, se disputam.

Núcleo de Significação 4 - A profissão docente. Ser professor e ser licenciando em Psicologia. As visões do outro e de si.

Iniciaremos a seguir com a apresentação da análise do Núcleo de Significação 1.

Núcleo de Significação 1 - Uma licenciatura em Psicologia de terras distantes. Entre o desconhecimento e a possibilidade: “*eu escolhi fazer porque eu tava aqui*” e novos contornos ganhos.

A questão que circula esse núcleo tem a ver com o ingresso do aluno no curso e suas primeiras expectativas e experiências em relação à Psicologia. Como esse aluno/egresso chega ao curso? Quais seus pensamentos após algum tempo? É possível observar uma série de comparações e contradições expressas nas falas dos sujeitos entrevistados sobre esse início. As falas dizem sobre uma confusão, uma desorientação, um completo não saber, que perdura por algum tempo até entenderem um pouco mais sobre o que é Psicologia e a licenciatura na área. Esse núcleo conta sobre a realidade de como entraram em contato com o curso e com a licenciatura e como essa atravessou os ingressantes nesse momento inicial.

Acreditamos, que uma identidade profissional se constrói, conforme aponta Pimenta (1999) a partir das significações sociais da profissão; da revisão desses significados sociais da profissão; da revisão das tradições; de reafirmação das práticas culturais que permanecem significativas ao longo do tempo. A identidade de um profissional também se constrói pelo significado que cada professor atribui enquanto ator e autor da atividade docente no seu cotidiano.

Colocamos esse começo em um lugar de ocupação fundamental por marcar a forma como ingressam nos cursos. Os entrevistados relatam uma experiência vivenciada há anos, mas que apontam para a construção e constituição do agora. Consideramos nesse movimento que o professor ao atuar constrói a realidade ao seu redor. Entendendo como processo contínuo de construção de identidade desse sujeito historicamente situado (Pimenta, 1999). São eles que constroem a realidade social do seu entorno, são eles que imprimem o que é a licenciatura em Psicologia nessa região.

Este primeiro núcleo surge a partir da identificação das sínteses dos indicadores:

- 1) A escolha pelo curso e percepções iniciais. A licenciatura em Psicologia inicialmente não chama a atenção;
- 2) A inexistência de um campo, uma licenciatura de outras terras que “não vai dar em nada”;
- 3) “Pague 1 leve 2” a escolha pelas habilitações e as possibilidades no mercado de trabalho;
- 4) A docência ganha novos sentidos.

Recorte 1. Indicador: *A escolha pelo curso e percepções iniciais. A licenciatura em Psicologia inicialmente não chama a atenção.*

Paula 19/10: Bom, na verdade aquela **confusão** de terceiro ano “vai que, vai que” a minha mãe me instruiu muito sim, era uma área de **interesse dela** e ali no momento da **decisão**, pensei “ah, porque não?” e aí eu **escolhi**.

Thiago 31/10: como **eu era envolvido com questões da igreja**, era **muito atuante na igreja**, eu **queria fazer psicologia para ajudar as pessoas**, ajudar a igreja de alguma forma, mas **quando eu cheguei aqui eu descobro que não era o que eu pensava** da Psicologia, né? Mas, eu escolhi por conta disso, **porque eu queria ajudar as pessoas** por fazer um trabalho na igreja, e queria continuar na igreja pra ajudar as pessoas, era isso.

Fernando 26/10: 17 anos, né? Os **elementos que eu tinha**... curso de humanas, mais vinculado a filosofia **que era possível de fazer na cidade por questões financeiras também**, né, **eu tinha experiência em grupo de jovens**, né? Da igreja... Então **eu gostava de estar com pessoas**, estar **ouvindo e falando**...

Júlia 12/12: Ah... Eu não tinha contato com a Psicologia anterior, meu contato com a psicóloga escolar surgiu na escola já no final do ensino médio, foi péssimo, mas eu sabia que **queria trabalhar com pessoas**, eu **queria trabalhar com gente** e aí o que eu encontrei mais próximo foi a Psicologia, **mas eu fui sem saber nada de Psicologia**. Entrei no curso sem nenhuma noção anterior do que seria

Essas narrativas mostram como os entrevistados visualizam o curso de graduação em Psicologia ao ingressarem nele, parte de perspectivas que fazem parte do seu imaginário social. Júlia demonstra o que muitas pessoas podem pensar sobre o que é o trabalho com Psicologia, segundo ela, quando ingressa no curso ela “**queria trabalhar com gente**”. Thiago e Fernando partilham proximidade com a fala de Júlia, os dois apontam o contato com as pessoas através da igreja como parte decisiva na época, Thiago conta que era “**muito atuante na igreja**” e “**queria fazer Psicologia para ajudar as pessoas**”; e para Fernando como ele tinha experiência em grupo de jovens na igreja, ele “**gostava de estar com pessoas, estar ouvindo e falando**”.

Percebemos que são constructos sociais estabelecidos de que o psicólogo ouve, fala, ajuda, são conceitos imaginários atrelados à imagem do psicólogo. Assim percebiam o serviço da Psicologia, porém há de ver o que o serviço da Psicologia, mesmo que passe pela via da escuta, da fala, da ajuda, são termos que precisam ser trabalhados e discutidos, pois como relata Thiago, quando chega no curso “**descubro que não era o que eu pensava da Psicologia, né?**”. A escuta, a fala, são ferramentas utilizadas no cotidiano do psicólogo, partem do embasamento científico e do compromisso ético, com reflexão e crítica presentes.

Ao ler as narrativas, temos a impressão que esse momento inicial de sentimentos que girava entorno da escolha de curso foi um impulso, um salto no desconhecido. Como relata Júlia “*eu fui sem saber nada de Psicologia. Entrei no curso sem nenhuma noção anterior do que seria*”. Porém, como apontam Martins e Machado (2018), os sujeitos na verdade não escolhem os cursos de ingresso da graduação de forma aleatória, essas escolhas estão relacionadas estatisticamente a muitos fatores, entre eles o social, gênero, idade, etnia. Fica evidente também que a maior parte dos alunos que ingressam no ensino superior vem de camadas mais ricas da população.

O próximo recorte é uma complementação dessa escolha, estendendo para a formação da licenciatura. Assim, destacamos no recorte a seguir as falas que permitem visualizar a falta de elementos do saber acerca da licenciatura em Psicologia.

Recorte 2. Indicador: *A escolha pelo curso e percepções iniciais. A licenciatura em Psicologia inicialmente não chama a atenção.*

Paula 19/10: **Não tinha a mínima ideia**, eu **descobri** a sigla ABI, eu nem sabia o que era, eu coloquei porque era Psicologia. E aí aqui **eu fui descobrir** que tinha essa diferenciação entre bacharelado e licenciatura, **mas antes eu nunca tinha ouvido falar**.

Fernando 26/10: Mas **não era nada assim que me despertou ali no início do curso uma atenção, né**. Porque acho que **era tanta novidade, né?** Que a **formação do psicólogo tem tanta especificidade, né?** Por exemplo, eles falavam que lá no meio do curso você vai ter que escolher entre uma ênfase, né? Clínica, social..., mas parece que ali no início essas questões da própria formação, não são tão, **a gente não tem tanta compreensão do impacto na nossa trajetória formativa, né?**

Júlia 12/12: **Não, não sabia. Descobri lá, já no início do curso** sendo apresentado pra gente, eu **descobri que teriam três formações** possíveis pra gente lá dentro, que era o bacharelado, licenciatura e a formação do psicólogo.

Observamos, que assim como os entrevistados, egressos de cursos de Psicologia, não tinham muita noção do que consistia o curso, o relato para sua experiência com a licenciatura em Psicologia é parecido. Aqui, retomamos os conceitos encontrados na literatura, no qual, expressa que o ingresso nos cursos superiores não provém da aleatoriedade (Martins; Machado, 2018), estendendo para a licenciatura, os ingressantes sabem ou tem um mínimo imaginário que apontam sobre o que é ser professor (Pimenta, 1999). Mesmo assim, expressam um desconhecimento não sobre a licenciatura, mas sobre a área psicológica. Os entrevistados foram tendo contato com a área pouco a pouco ao longo da trajetória universitária, o que foi gerando novas perspectivas de carreira.

Paula descreve que ao ingressar no curso, nunca tinha ouvido falar anteriormente da licenciatura em Psicologia, ela que “*não tinha a mínima ideia*” descobre após o ingresso os sentidos da sigla ABI da qual optou ao entrar no curso. A sigla supõe uma Área Básica de Ingresso, no caso, a Psicologia, que após a conclusão de um conjunto de matérias ou horas, o estudante pode optar por ingressar em mais formações, no caso a licenciatura que foi optativa a partir do segundo ano de curso para ela. Fernando descreve que nesse momento inicial existia tanta novidade que a licenciatura não despertou tanto interesse no início do curso, completa dizendo que ao entrar na Universidade “*a gente não tem tanta compreensão do impacto [da licenciatura] na nossa trajetória formativa, né?*”. Júlia e Thiago compartilham o pensamento de que não sabiam da existência da licenciatura em Psicologia e que descobriram no início do curso, sendo apresentado aos alunos as habilitações que poderiam se formar.

Os entrevistados não tinham muita ideia do que seria uma formação de professores em Psicologia, algo encontrado na revisão sistemática, onde as pesquisas apontam a falta de referências para atuação do professor de Psicologia (Esquerdo; Pegoraro, 2010; Pereira, 2019; Pandita-Pereira; Sekkel, 2012; Silva, 2020; Ofugi, 2021). Por outro lado, como discutido, os entrevistados ao ingressarem na licenciatura já tem em mente o que é ser professor. Seus saberes provêm da própria experiência de ser alunos, com vários professores que tiveram ao longo de sua trajetória escolar (Pimenta, 1999). O desafio, portanto, como expressa Pimenta (1999) seria o de colaborar no processo de passagem desse licenciando, de seu ver como aluno até o seu ver como professor, construindo sua identidade como tal.

Esse processo, torna-se difícil a medida que faltam materiais de referência para instruir a categoria e os baixos investimentos nos cursos de licenciatura nas instituições de ensino superior (Gatti, 2016).

Durante a graduação, os entrevistados descobrem a licenciatura sendo apresentada pelos professores e optam pelo ingresso na formação mesmo sem ter compreensão da modalidade na área. Podemos apontar aqui que no ideário social, eles tinham uma imagem do que seria a especificidade do bacharel e do licenciado, porém nada sabiam sobre as nuances do licenciado em Psicologia. Essas ideias iniciais continuam turvas ao longo desse ingresso, onde era apresentado pelos professores uma área distante ou quase impossível. Essas ideias são expressas no próximo indicador:

Recorte 3. Indicador: *A inexistência de um campo, uma licenciatura de outras terras que “não vai dar em nada”.*

Thiago 31/10: essa discussão, de tentar um movimento da coordenação que tava na época de convencer os alunos de não fazer a... a licenciatura, mas não era assim bem “convencer”, era, tipo **de mostrar que a formação em licenciatura não ia dar em nada, né?**

Thiago 31/10: então **eu escolhi** fazer a Psicologia, mas naquela época os professores falavam que **não tinha o campo** de fato da licenciatura em Psicologia. É... eu acho que alguns compartilharam que **em algum momento existia**, [...], mas naquele momento **que eu fui cursar a licenciatura**, não, não tinha a Psicologia em nenhuma, no ensino básico, nem, é... em outro lugar que a gente poderia atuar, **mas mesmo sabendo desse lugar que... não existe, que não existia pra gente, eu escolhi fazer porque eu tava aqui, era um curso integral, não aumentava nem um período no curso, só aumentava disciplinas, né?** E aí eu esc... **optei fazer por achar que isso iria contribuir pra minha formação.**

Paula 19/10: Era, mas até então, o que eles davam notícias era que especificamente da licenciatura as opções seriam mais fora do estado, né? Então, **quando a gente ficou sabendo da licenciatura** o que chegava pra gente **eram de, de práticas acontecidas em São Paulo**, no Rio...Então, era mais nesse sentido.

Fernando 26/10: Não, desde o início eles sempre evidenciaram essa questão problemática que **antes tinha-se um lugar** da psicologia, sobretudo na formação dos professores, no magistério ali, que era uma cadeira ali, né? [...] **esse lugar não tava mais garantido**, então que **não tinha mais tanta possibilidade da inserção no mercado**, na formação dos professores e também no ensino médio, que eles por exemplo apontavam né, que em São Paulo existia a disciplina, né? De psicologia no ensino médio, mas que ela também tinha sido abolida, né?

Esse indicador recorta a história um pouco mais a frente do ingresso no curso. Mostra principalmente a ideia que foi transmitida de que a licenciatura era uma formação que *“não ia dar em nada”* como apontou Thiago. Esse indicador revela-se importante à medida que evidencia os movimentos contraditórios vivenciados pelos entrevistados. É aqui que encontramos elementos fundamentais das narrativas que fizeram e fazem parte atualmente na vida deles. É esse momento em que optam por ingressar na licenciatura que marca o início da trajetória docente. A realidade que nos contam hoje sobre ser professor, provém desse momento.

Dessa forma, conseguimos observar que quando optam por fazer licenciatura, se deparam com o grande entrave que é colocado ao licenciando de Psicologia, a inexistência do campo. Essa inexistência surge principalmente através dos diálogos proferidos pelos professores. E quando não existente, distante. Indicavam uma possibilidade de campo em outras terras, em São Paulo ou Rio de Janeiro, mas não em Catalão.

Vemos na fala dos entrevistados que compartilham ideias parecidas, para Paula, *“quando a gente ficou sabendo da licenciatura o que chegava pra gente eram de, de práticas acontecidas em São Paulo, no Rio”*. No mesmo sentido, Fernando conta que *“antes tinha-se um lugar”*, mas que *“esse lugar não tava mais garantido”* e que não

tinha mais tanta possibilidade de campo no mercado, mas que os professores apontavam que em “São Paulo existia a disciplina, né? De psicologia no ensino médio, mas que ela também tinha sido abolida, né”. Ainda nesse sentido, Thiago conta que na época de seu ingresso, havia um movimento da coordenação do curso de mostrar que “**a formação em licenciatura não ia dar em nada**”, por não ter campo, mas que mesmo assim, optou por fazer a licenciatura. Sua fala carrega a importante contradição que evidenciamos nesse indicador, para ele “**mesmo sabendo desse lugar que... não existe, que não existia pra gente, eu escolhi fazer**”.

Podemos interpretar aqui um estigma carregado de preconceitos vindo dos professores de Psicologia para a formação do licenciado onde o que “**não ia dar em nada**” podemos traduzir como “ser professor não vai dar em nada”. Pensando nos baixos investimentos nos cursos de licenciatura (Pimenta, 1999; Gatti, 2016), além dos estágios precários e uma carreira que se desdobra nos baixos salários e condições de trabalho exaustivas.

Evidenciamos que essa escolha inicial dos ingressantes parece não fazer sentido em um primeiro momento, pois assim como Thiago que escolhe fazer licenciatura em Psicologia sabendo desse lugar de quase inexistência, ainda havia uma possibilidade distante, em São Paulo, Rio de Janeiro. Essa licenciatura que “**não ia dar em nada**” ganha um contorno de um talvez, de uma possibilidade mesmo que remota, mas uma possibilidade, visto que “**eu tava aqui, era um curso integral, não aumentava nem um período no curso, só aumentava disciplinas, né? E aí eu esc... optei fazer por achar que isso iria contribuir pra minha formação.**”

Percebemos também que ambos entrevistados estudaram sua formação bacharelado/licenciatura em um curso público e integral, aspirando as contribuições que essa segunda formação poderia proporcionar na formação profissional e pessoal. Pensamos que se o acréscimo de disciplinas fosse pago e os entrevistados não sabendo sobre a licenciatura em Psicologia como não sabiam, talvez pensassem duas vezes ao ingressar nessa segunda formação. Isso evidencia as políticas públicas em relação à oferta dos cursos de licenciatura em Psicologia no Brasil, onde a maioria dos cursos de formação de professores de Psicologia provém de instituições públicas. No próximo recorte, vemos através das narrativas o contorno desse campo do talvez, que se expressa na escolha pela licenciatura e a possibilidade do ingresso no mercado de trabalho.

Recorte 4. Indicador: *“Pague 1 leve 2” a escolha pelas habilitações e as possibilidades no mercado de trabalho*

Paula 19/10: Na verdade foi uma **motivação prática**, assim, é... **como não alteraria em nada o meu, o meu... a quantidade de anos que eu ficaria no curso** e o pensamento de que é **uma oportunidade a mais de entrar para o mercado de trabalho, né?** Então, foi mais uma **escolha prática**, assim de início.

Thiago 31/10: *mas mesmo sabendo desse lugar que... não existe, que não existia pra gente, eu escolhi fazer porque eu tava aqui, era um curso integral, não aumentava nem um período no curso, só aumentava disciplinas, né?* E aí eu esc... **optei fazer por achar que isso iria contribuir pra minha formação.**

Fernando 26/10: Não, assim, quando a gente entrou, os professores que eram quatro só, do curso explicaram um pouquinho do projeto pedagógico, então eles disseram né, que teria essas duas habilitações, mas **não era nada que naquele primeiro momento ali me chamou a atenção, né.** Me vinha muito **era a dimensão da empregabilidade, né?** Ah, **eu vou fazer essa licenciatura pra poder ter mais elementos no mercado de trabalho, né?**

[em outro momento da conversa]

Então **fiquei pensando assim onde que eu iria atuar como licenciado em psicologia, né?** Então, como eu falei, era esse misto, né? De **desejar a empregabilidade, mas também não ter claro qual o contexto.**

Júlia 12/12: Então, eu sou filha de professora, sempre tive uma paixão pela educação, sempre foi algo que assim, que me impulsionou, que me mobiliza, **mas que eu tinha muita certeza que eu não queria virar professora (risos) por ser filha de professora** e ver os dois lados. Ver a parte gratificante, mas também ver as dificuldades da profissão, a desvalorização, o excesso de trabalho. **Então eu tinha certeza que eu não queria cair na educação, não queria virar professora**, mas eu queria trabalhar com a educação e a licenciatura era uma formação a mais, então, **“ah, eu vou fazer uma faculdade, vou sair com 3 diplomas por algumas disciplinas a mais?”** parecia assim, **“pague um leve dois”.** Então **eu fui nessa, nessa onda, e estudando eu me apaixonei por toda área educacional da psicologia**, e a licenciatura veio a somar com isso. Então era **uma forma** de eu tá ainda **mais** ligada à educação.

Esse indicador mostra como as narrativas sobre a opção pelo ingresso na formação docente está atrelada ao mercado de trabalho. Os entrevistados parecem fazer uma formação um pouco indiferentes da existência ou não do campo. Havia uma distância entre o não existir em Catalão e o existir em São Paulo/Rio de Janeiro, ou entre uma disciplina que existia, mas que tinha deixado de existir, que poderia voltar algum dia. Todos esses resquícios de sim e não, serviram como vislumbre de possibilidades para o ingresso no mercado de trabalho para os entrevistados, inclinados no pensamento de que uma formação a mais possibilitaria um campo a mais de atuação. De um campo que não existe, ou existe distante geograficamente ou na possibilidade temporal de vir a existir novamente uma disciplina.

Essa perspectiva, pode ser pensada de acordo com a produção acadêmica voltada para a área na época de ingresso dos entrevistados, onde fica evidente uma produção e possibilidade de ingresso no mercado de trabalho geograficamente distante de Catalão, como no trabalho de Pandita-Pereira e Sekkel (2012) ao tratar do campo possível de trabalho nas Escolas Técnicas de São Paulo e Maciel (2009) ao evidenciar a possibilidade de trabalho nos cursos técnicos da cidade de Belo Horizonte.

Os entrevistados que revelaram pouco ou quase nada saberem da formação de professores de Psicologia, contam que permaneceram em vista de que não alteraria o tempo de conclusão do curso. Nesse sentido, a escolha por cursar licenciatura foi uma motivação “prática” como indica Paula, pois, *“como não alteraria em nada o meu, o meu... a quantidade de anos que eu ficaria no curso e o pensamento de que é uma oportunidade a mais de entrar para o mercado de trabalho, né?”*, observamos os mesmos elementos na narrativa de Thiago, que diz escolher fazer licenciatura *“porque eu tava aqui, era um curso integral, não aumentava nem um período no curso, só aumentava disciplinas, né? E aí eu esc... optei fazer por achar que isso iria contribuir pra minha formação.”* Ainda nesse sentido, Júlia nos mostra que a opção pela segunda habilitação parecia atrativo para ela como se fossem as promoções de mercado *“pague um leve dois”*, ou seja, em uma mesma graduação (gratuita), ela podia optar por sair com uma ou mais habilitações.

Podemos ver que no início, o ingresso pela formação de licenciatura só é feito porque parece vantajoso, parece uma promoção. Talvez ampliando para um cenário nacional, em que encontrando a educação à venda, entendemos melhor algumas formas de olhar, pensar e externalizar a docência.

O desejo de todos perpassava pelo mercado de trabalho, porém, o sentimento era ambíguo, como traduz Fernando, que pensava a formação por essa via e tinha o sentimento de *“desejar a empregabilidade, mas também não ter claro qual o contexto”*. Esse desejo pela empregabilidade foi motivador para continuarem estudando licenciatura, podemos apontar outro motivador o fato de que a licenciatura passa a ganhar novos sentidos ao longo dos estudos como apontamos no próximo recorte.

Ou seja, é através dos estudos durante a formação em licenciatura que os entrevistados começam a se interessar pela área e ver nela um objeto de realização pessoal. Com a docência ganhando novos sentidos na vida dos entrevistados, podemos notar a mudança de posicionamento frente às expectativas iniciais que só a viam através do viés mercadológico.

Recorte 5. Indicador: *A docência ganha novos sentidos.*

Júlia 12/12: Então **eu fui nessa**, nessa onda, e **estudando eu me apaixonei por toda área educacional da psicologia**, e a licenciatura veio a somar com isso. Então era **uma forma** de eu tá ainda **mais** ligada à educação.

Thiago 31/10: Bom, a minha história com educação vem sempre... vem desde a, do meu... da minha adolescência, **que eu queria dar aula**. Eu **tinha uma afinidade com educação**, mas na... na escola, minha área mesmo era matemática, né? Mas como (risos) eu tinha esse **desejo de ajudar as pessoas**, tal, aí **eu acabei indo pra Psicologia, mas eu sempre gostei dessa área da educação**, de... do papel do professor

Fernando 26/10: Então eu fui experimentando a universidade, né? E essa **área da docência foi me chamando muito a atenção**, sabe? Acho que achei interessante assim [...] foi me chamando atenção **pra uma possível carreira acadêmica. Só que isso foi no percurso mesmo.**

[em outro momento da entrevista] então, aquele Fernando lá atrás **que estava vinculado ao mercado** né? “nossa tenho possibilidade de atuação na licenciatura”, que **era guiado só por esse aspecto, se transforma em alguém que não apenas nesse aspecto mercadológico.**

Neste recorte, conseguimos ver os movimentos dialéticos atravessando a vida dos sujeitos entrevistados. Para Júlia, o contato anterior que tinha com a docência fazia ter “*muita certeza*” de que ela “*não queria virar professora*”, porém foi “*nessa onda*”, estudando e gostando da licenciatura que se viu apaixonada pela área educacional da Psicologia. Nesse mesmo sentido, Fernando conta que foi durante o processo de formação que a área foi chamando a atenção dele para uma possível carreira acadêmica.

É interessante notar que a licenciatura em Psicologia vai ganhando novos sentidos na vida dos sujeitos, podemos ainda indicar que esses contornos se unem às ideias iniciais que tinham do curso de Psicologia. Um curso que trabalha “*com gente*”, que gostavam de “*estar com pessoas, estar ouvindo e falando*”. Thiago, conta que desde sua adolescência queria dar aula, que tinha “*afinidade com educação*” e que na época sua área era a Matemática, porém, seu desejo de “*ajudar as pessoas*” foi decisivo para optar pela Psicologia, e que sempre gostou da área da educação e do papel do professor.

É interessante captar esses movimentos que dizem sobre os sujeitos e também coletivos. Conseguimos ver ao longo das entrevistas que ao narrarem suas vidas atuais, a área da educação ou dar aula atravessa cada um de um jeito único, todos à seu modo, um modo de amor, de apaixonamento. Paula chega a falar que foi na sala de aula que nasceu sua “*grande paixão*”, que é dando aula que se encontra. Fernando conta que em algum momento se “*transforma*” em alguém que não pensa apenas nesse aspecto mercadológico.

Assim, destacamos que é no movimento que ambos se encontram! É no mover de si, talvez para o desconhecido, que se acham e bem se acham, apropriando-se da área que se torna uma “*grande paixão*”.

Mas como atuar e fazer o que se gosta em uma formação que se encontra na negação de si? Encontramos no próximo Núcleo de Significação elementos presentes na fala de todos os entrevistados dos quais mostram a existência possível do campo e suas contradições.

Núcleo de Significação 2 - O Mercado e a Existência do campo, onde um Não lugar tem endereço. Um retrato do modelo econômico. A disciplina é para todos? A escola é para todos?

Este núcleo se configura na contradição entre a existência e não existência da atuação do professor de Psicologia tendo como pano de fundo o modelo econômico de mercado no qual faz existir e deixar de existir uma área de atuação, favorecendo ou desfavorecendo a categoria. É possível observar ao longo das narrativas dos entrevistados várias fases e frases em que o fator “*mercadológico*” é determinante nas suas escolhas, mesmo falando de um mercado até então “fantasma”, pois não existia para eles.

É de se pensar que no início da formação de cada um, o campo de atuação era campo distante, mas que ambos fazem pensando na possibilidade a mais de ingresso no mercado de trabalho. Desde sua criação em 1962 (Brasil, 1962), a habilitação em licenciatura atravessa o mercado e suas entrelinhas, denunciam sua produção, suas exigências pessoais e a forma de ver o outro. Assim, vemos que a este tecido econômico do qual fazemos parte também é modelo para produção de subjetividade.

Ao longo do tempo, com o capitalismo sendo modelo dominante, e com o avanço das ideias se expressando nas práticas neoliberais, percebe-se a modificação na estrutura da produção educacional e cultural, resgatando e legitimando os princípios relacionados à empresa, ao lucro e também a competitividade (Mancebo; Rocha, 2000).

Este núcleo nos mostrou ao longo das interpretações que é o mercado que faz existir o campo que não existe, e o que não existe passa a ter endereço. Porém, o mesmo mercado evidencia estruturas sociais de que estudar Psicologia não é para todos, visto que o endereço de onde localiza o saber psicológico tem acesso limitado. Fator também apontado por Pimenta (1999) da qual denuncia que grande parte da população não tem acesso aos bens produzidos em sociedade, como a educação e o acesso à escola.

Dessa forma, ao refletir o modelo vigente, podemos encontrar aí mazelas sociais escancaradas na educação e cultura. Como apontam Rocha e Rocha (2004) que é nesse regime de funcionamento institucional, que se vê os precários planos de carreira dos professores, os baixos salários, a dissolução da tríade ensino-pesquisa-extensão nas universidades, que por sua vez, enfraquece as lutas e resistências do movimento docente pela reivindicação da democratização e qualidade da educação.

Podemos observar que os fragmentos ensinados de Psicologia demonstram qual escola quer o quê de cada sujeito, podemos indagar ainda: qual sujeito o Estado quer em cada escola? Qual sujeito a indústria quer em cada escola? Qual sujeito cada escola quer em seu interior? O que a sociedade quer de um sujeito? O que um sujeito quer da sociedade/escola?

Pode parecer complexo a princípio, porém se pensarmos o modelo de produção, fica mais fácil de entender certos movimentos. Desse modo, como explicam Mancebo e Rocha (2000), a ética pública vai sendo gradativamente desmontada e dando lugar à ética do livre mercado, vinculada ao mundo empresarial. Identificamos e sintetizamos das narrativas os indicadores a seguir, que contam sobre o lugar que faz surgir a atuação, que é dentro do mercado de trabalho, com bases neoliberais.

O recorte na região de Catalão, permite falar de uma realidade que acontece nessa localidade, mas que também pode ser expandida para outros lugares. Podemos apontar que no movimento dialético singular-particular-universal, as *particularidades* que ocorrem na cidade de Catalão, podem levar a observarmos a atuação da licenciatura (singular-universal) de outros modos.

Assim, apresentamos os quatro indicadores que formam esse núcleo, que são: 1) A contradição entre a inexistência e existência de um lugar refletida no primeiro emprego! “Ah, ‘vou fazer porque eu tô aqui’ e foi quem, quem me abriu as portas primeiro, sabe?”; 2) Não tem escola, não tem disciplina: a atuação por meio de brechas no sistema, na interface com outras disciplinas “Agora vocês vão ter que achar um lugar pra mim”; 3) Uma in-existência temporal. Não tem tempo na grade curricular básica X A Psicologia só existe na educação se o ensino for integral; 4) Atuação sendo ocupada por outros profissionais

A importância desse núcleo repousa na possibilidade de compreender o processo pelo qual a licenciatura em Psicologia ganha endereço, e pensar se essa possibilidade de existência é uma particularidade que faz da cidade de Catalão e região ter um campo igual ou diferente dos outros lugares/estados. Ainda assim, constatamos que a atuação na

licenciatura em Psicologia de forma universal acontece na negação e contradição de si. O mercado de trabalho em Catalão aponta para uma particularidade regional.

Começaremos destacando as falas dos entrevistados que revelam a existência desse campo, apontando para a atuação. Ambos que fizeram uma licenciatura inicialmente sem saber muito da área, acreditando cursar uma formação *“que não ia dar em nada”*, iniciam suas carreiras no mercado de trabalho com a sua atuação docente.

Recorte 1. Indicador: *A contradição entre a inexistência e existência de um lugar refletida no primeiro emprego! “Ah, ‘vou fazer porque eu tô aqui’ e foi quem, quem me abriu as portas primeiro, sabe?”*

Paula 19/10: Atuei, **foi a minha primeira oportunidade de emprego** que apareceu assim que eu me formei foi na licenciatura. [...] Então, eu costumo brincar que, assim, **eu queimei a minha língua**, né? De pensar *“Ah, vou fazer porque eu tô aqui”* e *foi quem, quem me abriu as portas primeiro*, sabe? Então, foi uma bela (risos) ironia do destino.

Fernando 26/10: Então **fiquei pensando assim onde que eu iria atuar como licenciado em psicologia**, né?

[Em outro momento da entrevista] Então, **eu atuei em dois grandes momentos**, um quando **eu era psicólogo escolar** [...] outro em um projeto do governo federal que era realizado nos institutos que se chama Mulheres Mil, então é um projeto financiado naquela época pelo PRONATEC, então se lançava editais contratando professores para ministrar disciplinas específicas, então naquele momento era uma disciplina, [...] **Então eu me inscrevi e por conta de ter o mestrado e a licenciatura eu atingi os critérios e trabalhei essa disciplina lá no IF**. Depois voltando aqui pra Catalão [...] trabalhei [...] mais na área vinculada a cinema a teatro, mas as disciplinas eram também por **edital que eu me inscrevia e atuei com disciplina de metodologia de pesquisa e gestão de pessoas**, agora não lembro qual a outra, [...] Não tinha, sabe, um conteúdo programático tão específico assim, era uma ementa bem geral e **eu tive uma liberdade mesmo de poder pensar os conteúdos e pra mim foi a experiência mais potente da docência que eu tive mesmo**, e também aí não vinculado a licenciatura, porque não era digamos o critério, mas eu também atuei durante um semestre como professor no curso de psicologia [...] **usei a minha formação em licenciado pra ganhar a minha prática ali, né?**

Thiago 31/10: Eu... já, assim, **não teve nenhum processo seletivo que eu tenha feito que exigia a licenciatura de Psicologia, mas logo quando eu terminei o curso**, em 2013, isso, foi início de 2013, **eu atuei como professor num curso técnico profissionalizante**, de... era naquele programa Pronatec, e eu atuei como professor de psicoterapia e... psicoterapia e psicopatologia. Então assim, **o processo seletivo ele não exigia a licenciatura, mas, é... eu atuei dando aula nesse curso técnico profissionalizante pelo Pronatec em 2013.**

Júlia 12/12: então **eu fui seguindo com a formação mesmo sabendo que não era um campo promissor** profissionalmente.

[Em outro momento da entrevista] no concurso que eu entrei graças ao diploma de licenciatura, que ele exigia qualquer licenciatura, não era específico, **então eu entrei aqui por uma brecha no sistema**

É preciso lembrar que os quatro entrevistados narram experiências que os levaram à licenciatura de forma muito próxima. Ambos estudaram em instituições de ensino

superior públicas federais. E ao iniciar na universidade, não tinham conhecimentos prévios sobre a licenciatura em Psicologia, sendo algo distante na época, relatado que havia o campo em outros estados. Eles ingressam nas disciplinas de licenciatura pela possibilidade de se formarem com mais de uma habilitação, a do bacharelado e licenciado, visto que o acréscimo de disciplinas não alteraria o tempo de conclusão do curso nem o custo. É importante frisar que em universidades privadas, quando se tem os cursos de formação de professores de Psicologia, esses acrescentam também um custo financeiro.

Mesmo sendo uma licenciatura de terras distantes, pensando que não alteraria o tempo de formação; pensando que as matérias complementariam o conteúdo para a formação ampla do psicólogo; sendo de possibilidade gratuita de aprendizagem, eles viviam, como traduz Fernando, desejando “*a empregabilidade, mas também não ter claro qual o contexto*”. E mesmo diante da certeza de não existir um lugar em Catalão, todos eles ingressam no mercado de trabalho nessa cidade, na área educacional tendo a licenciatura em Psicologia como protagonista ou aliada.

Aqui mora a grande contradição do campo, no qual, ganha endereço através do mercado de trabalho. Os quatro entrevistados fazem licenciatura em Psicologia na esperança de ocupar um emprego que “não existia”, e ao se formarem, encontram na docência seu primeiro emprego, assim o lugar “passa a existir”?

Paula brinca e até fala que “*queimei a minha língua*” por pensar “*Ah, vou fazer porque eu tô aqui*” e completa “*foi quem me abriu as portas primeiro*” ao referir-se ao primeiro e segundo emprego realizado na licenciatura em Psicologia na cidade de Catalão logo após sua formação. Este lugar distante, de outras terras, de São Paulo e do Rio de Janeiro, que não existiam para os entrevistados, passa a ganhar contorno em Catalão, Goiás.

Paula, ao se formar, conta que arruma emprego em uma escola particular na região, e que se sentiu “ *muito desamparada*” quando chegou na sala, mas que foi no dia a dia que foi “*aprendendo a lidar.*” Ela começou usando um material de referência que a escola comprou de São Paulo, ministrava aula em matérias de Projeto de Vida e Empreendedorismo. Na segunda escola, também particular, teve a oportunidade de construir seu próprio material, que era guiado de acordo com o interesse dos alunos, eles quem conduziam sua prática. Para ela, a primeira escola tinha um forte viés voltado para o mercado de trabalho: “*Na primeira era mercadológica total ‘o que você vai ser quando crescer e como é que você faz pra chegar lá’*” e foi na segunda escola que a fez “*apaixonar pela sala de aula*”. Para ela, sua experiência na primeira escola foi frustrante,

pois sempre que surgia algum assunto que os alunos se sentiam seguros para contar e quando eram assuntos graves e levava para coordenação escutava: *“não vamos mexer com isso não, deixa quieto”* e ela questionava *“porquê que cês me chamaram?”* Paula percebia que seu trabalho como psicóloga na escola *“tinha uma tentativa deles de parecerem superiores ‘aí na nossa escola tem um psicólogo’, mas quando eu ia levar demanda eles me tratavam como a ‘menina da Psicologia’”*

É preciso fazer uma observação, no qual, acreditamos que independente da formação, ao ouvirem algum relato de uma situação que coloque o aluno em risco, é dever das pessoas agirem de forma adequada à situação, é um compromisso ético garantir a segurança dos alunos. Se a escola não se interessa pela segurança dos seus alunos, pensamos que o real interesse da escola não é seu bem-estar, pautando-se por outros atributos ao entender a formação humana.

Observamos que essa vivência evidencia falhas da própria condição do sentido da escola. A presença ou não de um psicólogo na escola, nessa experiência relatada, é para a escola um fator de promoção de si, de propaganda. Seria esse o mercado que só faz a atuação do professor de Psicologia existir para poder competir e lucrar? Segundo a literatura (Mancebo; Rocha, 2000), à medida que há uma tendência de estender o capitalismo às áreas sociais, a educação passa para o setor de serviços, despolitizando-a. Assim, a qualidade da educação, antes visto como um direito social, passa a ser cada vez mais restrito, legitimando a exclusão no interior do processo de ensino-aprendizagem.

Para Fernando, a licenciatura em Psicologia também era distante, como os professores *“apontavam né? Que em São Paulo existia a disciplina de Psicologia no ensino médio, mas que ela também tinha sido abolida, né?”* E assim, cursava licenciatura sem saber *“onde que eu iria atuar como licenciado em Psicologia, né?”*, mas o *“aspecto mercadológico”* foi fator decisivo para cursar licenciatura em Psicologia, pois com a segunda habilitação poderia *“ter um pouco mais de condições no mercado de trabalho”*, porém, ao longo da sua formação, passa a enxergar a licenciatura com outros olhos, além de somente o fator mercadológico. Ao ingressar no mercado, ele inicia na área da educação, trabalhando como psicólogo escolar e ministrou disciplinas de metodologia de pesquisa, gestão de pessoas em cursos do Pronatec em projetos como o “mulheres mil” e em outras iniciativas técnicas. Em Catalão, atuou em colégios técnicos nas áreas de teatro e cinema e também atuou no ensino superior. Fernando deixa claro que nesses lugares de atuação nos quais deu aula, sua licenciatura em Psicologia não era um critério, porém foi

quem o ajudou no processo de dar aulas, para ele ***“usei a minha formação em licenciado pra ganhar a minha prática ali, né?”***

Fernando conta que sua atuação nos projetos que dava aula tinha muita troca, que tinha uma repercussão grande na vida das pessoas, e que até os dias de hoje pensa nas temáticas trabalhadas naquele contexto, que foi onde se realizou profissionalmente ***“As pessoas, as trajetórias, uma ajuda mútua, foi assim, onde eu mais me realizei mesmo, profissionalmente”*** sendo para ele uma experiência ***“muito potente”*** também por poder ter a liberdade de criar o conteúdo das aulas.

Para Thiago, que ouviu na época da sua formação que cursar licenciatura em Psicologia ***“não ia dar em nada”***, ao se formar começa a atuar em um curso técnico profissionalizante, através de editais do PRONATEC. Ele também diz que não teve nenhum processo seletivo que ele tenha feito que exigia a licenciatura em Psicologia, porém é essa licenciatura que o ajuda durante os cursos que ministrava sobre computação e posteriormente nos cursos técnicos, para ele ***“quando eu fui dar aula de informática e também quando eu fui dar aula nesse curso no Pronatec de aconselhador em dependência química, a formação da licenciatura em Psicologia foi fundamental”***. Ele identifica que ter feito a formação em licenciatura em Psicologia deu os pilares básicos de como ser professor, como fazer um plano, construir material e ter uma ideia do manejo da sala ***“porque... às vezes o profissional ou quem faz só o bacharelado não tem um contato em sala de aula e talvez pode não ter tanta habilidade de lidar com esses alunos”*** além de ter uma sensibilidade maior para uma prática voltada para o diálogo, autonomia do pensamento e reflexão. Thiago relata que o emprego que trabalha atualmente também só foi possível de ingressar por causa de sua licenciatura, não sendo um critério a área de Psicologia, porém para uma formação que tinha previsão de ***“dar em nada”*** acaba tendo vários desdobramentos importantes ao longo de mais de 10 anos desde sua formação.

Para Júlia, vinda da Universidade Federal de Uberlândia, já no final da sua formação, prestou um concurso para cidade de Catalão para professora, no qual solicitava qualquer licenciatura, segundo ela: ***“eu entrei nesse... no concurso que eu entrei graças ao diploma de licenciatura, que ele exigia qualquer licenciatura, não era específico”***. De lá para os dias atuais, trabalha como professora no município com turmas do ensino fundamental. Já trabalhou com todas as disciplinas do currículo básico como português, matemática, história, artes. Em alguns anos as professoras se organizam em áreas afins: se tem a professora de matemática, ela quem ministra as aulas nas áreas de exatas,

enquanto Júlia ministra as aulas nas áreas de humanas. Júlia, de forma complementar às narrativas dos demais entrevistados, que ao ingressar no curso não tinha muita ideia do que era a licenciatura em Psicologia e ela que nem queria ser professora, tem a sua primeira oportunidade de emprego através da sua licenciatura em Psicologia.

Podemos ver esse atravessamento na vida de todos os entrevistados dessa pesquisa, que fizeram uma licenciatura sem ter muitas esperanças de que aquela formação fosse realmente dar em algo e foi protagonista ou aliada no ingresso do mercado de trabalho. É interessante e extremamente importante as falas contidas nas entrevistas, especialmente nesse indicador. Aqui, podemos ver que a licenciatura em Psicologia ganha vários endereços e possibilidades, mesmo que antes era colocada como impossível ou distante.

Para todos os entrevistados, essa distância se encurtou sem se mudar de estado. Mesmo que para alguns a licenciatura em Psicologia não foi caráter de exigência em alguns momentos, ter vivenciado as experiências proporcionadas pela licenciatura foram fundamentais para saberem “se virar” no mercado de trabalho.

Para todos eles, que queriam trabalhar com “gente”, com “pessoas”, encontraram na educação uma forma de expansão da Psicologia. São áreas que conversam, que complementam em si. Traduzida na fala de Júlia, “*pra quem fugiu da sala de aula, quem achava que não queria ser professora, foi algo que eu me encontrei*”. Assim, podemos observar falas que indicam a verdadeira expressão do que sentem, tendo na docência instrumento de realização pessoal.

Destacamos como já mencionado acima, que essas disciplinas estão sendo possíveis de ocupar e realizar através de iniciativas de políticas públicas e políticas curriculares. Dois entrevistados (Fernando e Thiago) narram sua experiência possível através do PRONATEC (Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego), além da atuação em outros colégios técnicos. Outra entrevistada (Paula), que atuou em dois colégios particulares, só atua por conta das disciplinas de Projeto de Vida e Empreendedorismo, que são disciplinas emergidas dentro do contexto das competências da BNCC (Base Nacional Comum Curricular), evidenciando políticas curriculares.

Essa atuação só é possível porque o mercado cria demandas de atuação. Em cada momento da história, o professor de Psicologia depende da formalização desse mercado, que é expresso na política e nas leis. Esses lugares de ocupação expressos nas políticas públicas e leis municipais ou federais são recortes fundamentais da atuação como apontam Mancebo e Rocha (2000). Como não há mais no texto da Lei (LDB, de 1996) a

disciplina de Psicologia, essa acaba existindo de forma fragmentada, sendo possível sua atuação por meio de brechas. Dessa forma, as falas no próximo indicador expressam a continuidade dessa atuação, vista como uma brecha que existe para ser possível.

Recorte 2. Indicador: *Não tem escola, não tem disciplina: a atuação por meio de brechas no sistema e na interface com outras disciplinas “Agora vocês vão ter que achar um lugar pra mim”*

Paula 19/10: Aí é de novo uma questão de **concorrência** entre as escolas “oh, tal escola tem, então a minha tem também”, então **acho que essa competição entre as escolas tá ajudando os alunos que estão saindo da licenciatura.**

Fernando 26/10: Então, na experiência do estágio nós tivemos que ***ir por essa brecha***, foi tão interessante que **meu estágio da licenciatura foi no SENAI, junto com um professor de filosofia**, e nós trabalhamos os temas transversais do ensino médio daquela época [...] então no estágio a gente já teve **que ir por essa brecha**, porque **não tinha escola, instituição que tinha a disciplina de psicologia.**

Thiago 31/10: **Eu optei por fazer** a licenciatura, mas de **fato já tinha uma indefinição de onde que a gente poderia atuar. Desde o início a gente que deveria atuar na interface com outras áreas, né?** [em outro momento] Quando o professor de Psicologia vai pro o ensino básico, se ele vai para o ensino básico, se ele vai pro o ensino profissionalizante, e tem a formação em Psicologia, **ele vai ter que fazer a atuação dele na interface com outras disciplinas, porque não existe né, a disciplina de Psicologia no ensino público, no ensino básico, não tem. Então assim, se não tem, como que a gente vai atuar, né?**

Júlia 12/12: **Não lecionando psicologia**, mas eu entrei nesse... no concurso que eu entrei graças ao diploma de licenciatura, que ele exigia qualquer licenciatura, não era específico, **então eu entrei aqui por uma brecha no sistema.** Tanto que quando eu entrei foi um pouco confuso, que o edital deixava claro que era “licenciaturas”, mas ainda teve assim, algumas conversas informais, deles me questionarem “mas **não tem nada na sua área, como é que você vai atuar?**”, “mas eu **estou de acordo com o edital**, então que vocês tivessem feito o edital mais claro, **agora vocês vão ter que achar um lugar pra mim!**” [mais adiante na entrevista] **Eles chegaram a falar da possibilidade de depois é... que passasse meu estágio probatório, eu ia trabalhar na secretaria, como psicóloga**, mas ficou assim, no campo das ideias, não foi algo que se tornou real e não é algo que eu quero também.

Nesse indicador, podemos observar as brechas e falhas que permitem a existência do campo de atuação do professor de Psicologia. Pensar que uma atuação é possível ocupando uma brecha, é também pensar em uma atuação que falha. Ela falha porque evidencia que um bem comum está sendo resguardado a apenas uma parcela da população, conforme aponta Pimenta (1999).

Ao não ter engajamento, direção, normativas, leis específicas, materiais de referência, as brechas fazem aparecer “qualquer tipo” de atuação, sendo assim, falha. Quando falamos em “qualquer tipo” de atuação, podemos pensar nas atuações com

discurso extremamente voltado para o trabalho, evidenciando o modelo econômico vigente, atuações tecnicistas. Nesse sentido, na expressão de expansão do capital a atuação é reorientada a uma nova racionalidade, semelhante à lógica de prestação de serviços (Rocha; Rocha, 2004).

Nesse sentido, Paula, aponta que na primeira escola onde deu aula **“era mercadológica total”** no qual ela tinha em mãos um material todo voltado para o mundo do trabalho *“o que você vai ser quando crescer e como é que você faz pra chegar lá”* além dos casos *“da criança lá do sei aonde, que começou a vender não sei o que e aí começou a ganhar dinheiro, sabe, assim?”* Precisamos pensar e estar sempre refletindo e fazendo a crítica, como Paula que **“tentava dar uma subvertida no material um pouco”** A visão crítica reflexiva permite ministrar uma aula que não seja descolada da realidade com falsas promessas meritocráticas.

Ela conta que conseguiu emprego nas duas escolas que trabalhou por recomendação, diz que na segunda escola, que abria recentemente, uma colega comentou com a direção **“se vocês querem entrar com um diferencial chamem a Paula”**, e *“aí foi assim”* que Paula empregou-se na segunda escola. Esse diferencial que a escola teria é visto por Paula como uma questão de **“concorrência”** entre as escolas, de se pensar *“oh, tal escola tem, então a minha tem também”*, e nessa lógica de competição, Paula acredita que tem contribuído para movimentar e ajudar o mercado para **“os alunos que estão saindo da licenciatura.”** O simples fato de ter o profissional na escola, seja o professor ou psicólogo, gera demanda, concorrência, desejo, voltando-se a lógica do objeto, da mercadoria. Nesse sistema, a escola passa a ser uma venda de educação, e que no fundo, não dá a devida importância e seriedade a figura do professor ou bacharel da área. Para qualquer habilitação que for contratado, este profissional sofrerá com a visão mercadológica sobre a Psicologia.

Estamos falando de uma educação que se torna mercadoria, sendo vista através da lógica do lucro. Nesse caso a escola é uma microempresa que visa o enriquecimento. Ao direcionarmos o olhar para escolas técnicas ou escolas públicas podemos esbarrar com questões parecidas, mas pensando uma educação voltada às demandas do capitalismo, uma educação voltada às exigências por mão de obra qualificada (Morales *et al.*, 2019).

A empresa por sua vez, se beneficia com o ingresso de pessoal qualificado e geralmente pagando pouco. Sabemos que existem práticas que fragmentos da Psicologia são ensinados como forma de contribuir com a alienação das pessoas ao mercado de trabalho. Dessa forma, a Psicologia ensinada nas escolas técnicas, particulares ou

qualquer outro contexto não pode desconsiderar a realidade com práticas descoladas da demanda social.

Dando seguimento as discussões desse indicador, observamos que Júlia consegue a atuação com sua licenciatura em Psicologia através de **“uma brecha no sistema”**. Que segundo ela, participou de um concurso que **“exigia qualquer licenciatura, não era específico”** e foi assim que ela se inscreveu e atingiu nota para ser chamada. Júlia conta que foi questionada na época por não ter nada na área de formação dela, sendo assim, como ela poderia atuar? Assim, ela deixa claro que o edital deveria ter sido mais claro, já que exigia **“licenciaturas”** e que **“agora vocês vão ter que achar um lugar pra mim!”**, e relata que cogitaram a possibilidade posteriormente que ela ocupasse algum cargo na secretaria, mas que não **“se tornou real e não é algo que eu quero também”**.

Damos ênfase a frase de Júlia que evidencia o que esse indicador nos aponta, a atuação por meio de uma brecha. É interessante pensar no fato de que ao fazer o edital para o concurso municipal, quem o organiza está desconsiderando completamente a existência de uma licenciatura em Psicologia. Mostrando uma área invisibilizada e que agora que uma candidata havia concorrido e passado no concurso com sua licenciatura em Psicologia o município teve que inventar um lugar para Júlia, cogitando cargos fora da sala de aula. Essa situação vivenciada por Júlia acontece como aponta Thiago porque **“não existe né, a disciplina de Psicologia no ensino público, no ensino básico, não tem”** e questiona **“se não tem, como que a gente vai atuar, né?”** Para ele, a atuação possível é por meio de brechas **“na interface com outras disciplinas”**. E foi na interface com outras disciplinas que Júlia pôde atuar com sua licenciatura, na brecha.

Fernando também remete a atuação por meio de brechas ao relatar sobre seu estágio na disciplina de Filosofia, e que **“por essa brecha”**, atuou desenvolvendo aulas com temáticas transversais no ensino médio porque **“não tinha escola, instituição que tinha a disciplina de Psicologia”**.

Observamos que para a licenciatura em Psicologia existir e ser possível, ela depende de uma contradição, de uma falha, uma brecha. Percebemos uma atuação meio errante, de um professor que vira mercadoria para o mercado. O ensino de Psicologia poderia ser tão potente e emancipador, que isso evidencia que o que acontece com a atuação na licenciatura em Psicologia não é uma falha, mas algo programado para acontecer.

No próximo indicador vemos que falha ou falta da licenciatura em Psicologia é identificada como uma falha/falta de tempo. Captamos falas que dizem sobre a falta do

tempo ser impeditivo para a atuação do professor de Psicologia, por outro lado, indicativos de que um ensino integral (com mais tempo) seria a solução para sua existência. Porém, quem determina qual tempo e quais matérias serão estudadas no tempo/aula que os alunos estudam?

Recorte 3. Indicador: *Uma in-existência temporal. Não tem tempo na grade curricular básica Vs A Psicologia só existe na educação se o ensino for integral.*

Fernando 26/10: Eu vejo que não é uma questão só da psicologia, mas desse novo ensino médio, até politicamente é um imbróglio. Ontem mesmo estava vendo jornal e está lá dizendo, que o governo ia suspender esse novo ensino médio e retornar as disciplinas que são muito importantes e que pra **mim nunca tinham que ter sido tiradas do ensino médio** e retornar várias disciplinas que são muito importantes e que pra mim nunca tinham que ter sido tiradas do ensino médio, igual história, filosofia, outras línguas, que **eu acho que tem que se repensar sim o ensino médio, mas não no sentido de tirar ainda mais, né?** Então pra mim, na minha perspectiva acho que o ensino médio tinha que ser integral, essas disciplinas não tinham que ser tiradas né, deveria se repensar a escola, por exemplo, ter mais psicólogo escolar, outros profissionais também, a escola ser bem mais rica.

Júlia 12/12: Então assim, **eu não vejo hoje uma possibilidade de atuação da disciplina** de Psicologia dentro do currículo básico, dentro dessa realidade concreta. Em um plano ideal, sim seria ótimo, uma disciplina específica pra trabalhar com educação emocional, relacionamentos, é... um preparo pra vida, talvez até já começar com as crianças uma noção de plano de vida, mas não há esse espaço dentro da grade horária dos alunos mesmo. Não numa escola de **meio período com cinco aulas diárias** que já estão lotadas com o currículo básico, então você teria que tirar **alguma coisa pra colocar a Psicologia, e aí não cabe.**

Esse indicador trata sobre o tempo de aula como uma pauta para a possibilidade ou não da inserção de disciplinas relacionadas a Psicologia na educação básica. Júlia não vê possibilidades da inserção da Psicologia na forma que está calcada a educação básica hoje, para ela “*não há esse espaço dentro da grade horária dos alunos mesmo*” não “*numa escola de meio período com cinco aulas diárias que já estão lotadas com o currículo básico*” e para caber a Psicologia “*você teria que tirar alguma coisa*”. Júlia acredita que a disciplina seria ótima em um cenário ideal, que trabalharia questões emocionais, sobre relacionamentos e que são coisas do “*preparo pra vida*”.

Devemos nos perguntar por que uma disciplina que é vista como um “*preparo pra vida*” foi retirada da educação básica e nunca mais voltou? E temos respostas novamente nas discussões propostas por Pimenta (1999) na qual dialoga sobre o processo excludente de tornar os indivíduos participantes do processo civilizatório. Percebemos que estudar Psicologia em uma escola diz muito sobre o tipo de acesso que é dado aquele aluno, evidenciando quem fica à margem dessas conquistas. Perguntamos, quem pode projetar a vida nas disciplinas escolares hoje?

É possível apontar que a estrutura do Novo Ensino Médio proporciona a atuação dos professores de Psicologia de forma mais acessível, quando possibilita a criação de matérias que não as do currículo básico comum, porém, ao mesmo tempo, abre espaço para uma educação precária. Fernando, comenta sobre o Novo Ensino Médio e acredita que as disciplinas da *grade* “**nunca tinham que ter sido tiradas**” e que “*o ensino médio tinha que ser integral*”, e dessa forma, com mais profissionais atuantes na escola, essa seria bem mais rica.

Precisamos pensar também no estudante que pode ou não pode estudar de forma integral. Sabemos que existem realidades diversas e que infelizmente em algumas delas a infância e a juventude são roubadas pelo trabalho e as exigências do mercado. Poderíamos imaginar que em um cenário ideal, crianças e adolescentes não precisariam trocar sua infância/juventude pelo trabalho, o ensino em tempo integral seria ótimo. Assim como lembra Pimenta (1999) infelizmente, a segregação separa o conhecimento produzido pela humanidade por quem realmente consegue ter acesso, segregando grande parte da população.

A disciplina de formação para a vida poderia abordar os mais diversos temas dentro da sala de aula. Júlia nos lembra de quando houve ataques armados às escolas do Brasil, em que durante algum período os alunos/professores/pais viveram aterrorizados. Júlia acredita que se tivesse algum profissional, seja o professor ou psicólogo muitas situações “**poderiam ter sido percebidas antes se tivesse um profissional ali com um olhar pra isso**”, seja com encontros mensais, semanais, mas alguém que trabalhasse com questões latentes, atuais ou que simplesmente emergem do cotidiano da sala de aula.

Thiago também defende a ideia de que “*deveria ter a disciplina de Psicologia no ensino básico*”, visto que nossa sociedade está indo “**por um caminho da ansiedade, da depressão**” e que a presença do professor ou psicólogo escolar seria de extrema importância para ajudar essas pessoas “**desde a educação básica a pensar essas questões**”. Ele completa que algumas escolas já tem o psicólogo escolar, mas que é necessário a presença do professor para “**ensinar alguns conteúdos que ajudem esses alunos a pensar esses problemas sociais, essas questões, que perpassam os alunos**”.

Podemos apontar que com o professor de Psicologia a escola/sociedade só teria a ganhar, como indica Júlia, o ensino de algumas habilidades sociais na formação de crianças/jovens e adultos é “*um preparo pra vida*”. Percebemos que para os sentimentos, emoções, valores pessoais, não existe tempo na grade curricular. Apesar da BNCC apontar as competências socioemocionais que os professores devem trabalhar nas

disciplinas, os professores de núcleo comum não tiveram uma formação/preparação voltada para a discussão das temáticas transversais (emoções, sentimentos, sexualidade, etc) e outros aspectos da formação humana.

Recorte 4. Indicador: *A atuação vem sendo ocupada por outros profissionais.*

Paula 19/10: **Eu acho que talvez seja um reconhecimento dos outros professores de que aquela disciplina é importante.** Eu sei de algumas escolas aqui em Catalão que tem o projeto de vida, com esse nome, só quem dá é o professor de geografia, o professor de história, a professora de português... então, eles não colocam alguém, **a gente forma licenciado em psicologia aqui todo ano e eles não colocam os licenciados em psicologia pra dar essas disciplinas.** Eles colocam os professores que já estão lá e eu **acho que isso é um erro tremendo**, porque como eu te disse, às vezes a escola não tá preparada pra lidar com o que sai daquela discussão, muito menos o professor que não estudou pra segurar aquilo ali, sabe? **Eu vejo que o licenciado hoje em psicologia tendo essa disciplina nas escolas, ele tem que ir atrás e entregar currículo e conversar com a coordenação, porque eles estão deixando a disciplina na mão de profissionais que estão preparados pra outras coisas** [em outro momento da entrevista] e se a escola for esperta eles vão pensar **“oh, porque que eu vou deixar um professor de geografia dar essa disciplina sendo que eu tenho um formado nessa área pra isso”**. Então eu te confesso que minha visão é positiva.

Este recorte nos diz sobre outra face do lugar que a licenciatura em Psicologia (não) ocupa, no qual, há um campo e esse campo pode estar sendo ocupado por outros profissionais talvez não qualificados. A princípio o campo não está dado ao professor de Psicologia, a atuação acontece na maioria das vezes por meio de brechas, somando ao fato de que os cursos de licenciatura na área são cada vez mais reduzidos. Ou seja, podemos apontar a contradição de não existir um campo e ao mesmo tempo existir uma demanda no qual o campo vem sendo ocupado por outros profissionais por não ter o profissional qualificado e adequado para a disciplina.

A entrevista com Paula revela que não é apenas uma escola na cidade de Catalão que trabalha com disciplinas de projeto de vida, do qual o professor de Psicologia poderia ocupar, portanto *“quem dá é o professor de geografia, o professor de história, a professora de português”*. Podemos pensar, de acordo com a literatura (Rocha; Rocha, 2004; Mancebo; Rocha, 2000) que tendo o modelo capitalista como pano de fundo, num país periférico como o Brasil, onde as noções de igualdade social e direitos são conflituosas, que as relações sociais se voltem ao modelo de produção evidenciando o forte estímulo dos indivíduos de concorrência econômica no livre mercado.

Somando-se ao fato de que a educação é campo de muito interesse e disputa, e por ter uma dupla via de realização (público ou privado), em alguns lugares percebemos

um desinvestimento maior. Podemos pensar na desvalorização da profissão, com baixa remuneração e com trabalhos extensivos, como aponta Júlia, que tinha muita certeza de que *“não queria virar professora”* por vivenciar em casa a realidade com sua mãe, professora.

Dessa forma, esse indicador aponta para um mercado que existe e que, por não ter profissionais suficiente ou interessados, acaba que quem ocupa as disciplinas que poderiam ser ministradas pelo professor de Psicologia são os professores que já estão dando aulas de outras matérias na escola. Isso aponta para a competição do mercado como mencionamos acima, mas também revela o baixo número ou baixo interesse do licenciado em Psicologia de ministrar essas aulas.

Outra discussão levantada pelos entrevistados é sobre qual área de formação da Psicologia deveria ser protagonista na escola, se o professor de Psicologia ou o psicólogo escolar. Sabemos que desde 2019 (Brasil, 2019) existe a Lei de inserção de psicólogos nos ambientes escolares, e que o curso de formação de professores em Psicologia vem sendo reduzidos. Temos na atuação das duas habilitações polos de uma mesma área, dessa forma, mesmo que opostos ou complementares, eles não se excluem ou se anulam. Assim reunimos no próximo núcleo, elementos que mesclam as atuações, que as vezes se complementam, ou se repelem.

Núcleo de Significação 3 – O licenciado e o bacharel em Psicologia, atuações que se mesclam, se disputam.

Esse núcleo de significação, perpassa a atuação em uma gama que se mescla nas duas áreas de formação. Vimos inicialmente que o período de escolha pelo curso foi um salto no escuro. Também, que o mercado de trabalho possibilita uma existência do campo para o professor de Psicologia através de brechas. Esse núcleo nos mostra que há um tipo de mistura de todos os lados sobre o fazer relativo a cada área bacharelado/licenciatura.

Lembramos que a função docente pressupõe a mediação da constituição de cidadania nas pessoas, da promoção e superação das desigualdades, exigindo do professor articulações que se opõe à racionalidade técnica (Pimenta, 1999). Destacamos dessa forma que “O ensino, é fundamentalmente, diálogo: o importante, para o professor, não é falar do ou sobre o aluno, mas com o aluno (Tunes; Tacca; Júnior, 2005, p.693).

Como não existe uma normativa a seguir, pelo professor de Psicologia, como apontam alguns dados da nossa revisão sistemática, as formações passam a se misturar,

se unir, se opor e se juntarem novamente. Há no seio dessa discussão a dúvida sobre quais os limites dessas atuações, até onde vai o que é formativo/pedagógico e começa uma prática de intervenção psicológica?

A literatura indica que faz parte do papel do professor crítico-reflexivo, não tomar a realidade como pronta e estruturada, assim o que se ouve ao chegar em uma nova escola para trabalhar com uma nova realidade, com novos alunos não deve ser tomado como verdade absoluta. Cada professor adota para si uma prática e um modo de dar aulas, para alguns, sua atuação permite ir além do coletivo e encontrar o singular do aluno, com o aluno, podendo assim perceber cada um a sua forma. Cabe permitir ao aluno que ele se revele por si, sendo que o papel do professor vai desdobrando-se em muitas funções ao longo de sua atuação que deve ser descoberta no fluxo, no caminho de desenvolvimento com o aluno. Nesse sentido, o professor é o organizador do ambiente social da sala e o aluno é aquele que dirige seu próprio processo de aprendizagem (Tunes; Tacca; Júnior, 2005).

Esse núcleo de significação aborda como uma atuação é difícil de ser medida como pertencente a uma ou outra formação. Conversar com o aluno em particular não necessariamente significa vê-lo e atendê-lo nos moldes de uma prática da psicologia escolar. O que estamos querendo expressar é que algumas técnicas vistas como sendo de exclusividade do psicólogo, em determinados contextos podem vir a ser técnicas formativas do professor de Psicologia ou de qualquer outro docente. Apesar disso, entendemos que para além da sala de aula, o psicólogo escolar atua com múltiplos focos abrangendo toda escola. Nesse sentido, podemos apontar a atuação do psicólogo escolar sendo aquela que visa:

[...] (a) investigar e acompanhar de perto as demandas institucionais; (b) trabalhar em conjunto com os demais agentes escolares; (c) desenvolver um trabalho preventivo; (d) favorecer e potencializar processos de desenvolvimento e aprendizagem; (e) promover ações conscientes, competentes, comprometidas e transformadoras (Cavalcante; Aquino, 2019, p.120-121).

Assim, com essas ideias, podemos pensar que o serviço do psicólogo escolar é realizado em conjunto com toda comunidade educacional. E o serviço do professor de Psicologia acontece de um modo mais restrito, sem o objetivo de intervir nas relações que circulam a escola, mesmo que atue com elas. Porém as pessoas ainda têm uma ideia do tipo de atuação do psicólogo escolar voltado inteiramente para a clínica.

Percebemos, como narram os entrevistados, que as pessoas têm um imaginário formado do que seria a atuação de um psicólogo e estendem isso ao pensar como poderia ser a atuação de um professor de Psicologia. Dessa forma, pensam no professor de Psicologia como um clínico posto a resolver o problema da sala seja ele qual for. Esse imaginário, demonstra o quanto o curso de Psicologia tem raízes médicas e quanto sua imagem ainda é atrelada à figura de consultório.

Para tanto, para discutir esse núcleo analisamos quatro indicadores que nos fala sobre a mescla de papéis. O indicador 1) Uma atuação que se mescla “a gente acaba fazendo o que não tá pago pra fazer” “eu não vou fazer nada além da minha função aqui”; 2) O que pensam sobre o professor de Psicologia? “Você é estagiária? Não, eu sou professora!”; 3) A licenciatura em Psicologia supera um déficit de uma graduação que favorece a clínica; 4) Uma atuação na escola ou em sala?

Recorte 1. Indicador: *Uma atuação que se mescla “a gente acaba fazendo o que não tá pago pra fazer” “eu não vou fazer nada além da minha função aqui”*

Paula 19/10: **Por insegurança de o primeiro emprego, então tenho que fazer tudo que eles me pedem, eu acabava sim atuando como psicóloga escolar lá dentro**, então assim “aí, um aluno tá com um problema, chama pra conversar”, aí eu me sentava com ele numa sala, perguntava o quê que tava acontecendo, **fazia as intervenções**, às vezes precisar chamar família, quem conversava era eu, então (risos) **era uma mescla das duas atuações**, mas **no contrato era professora de Psicologia**.

Fernando 26/10: as questões que ela traz lá da sala de aula, não **são tão guiadas por uma intervenção pedagógica, é muito mais uma intervenção psicológica**. Porque é difícil, né, o que é uma intervenção pedagógica e uma intervenção psicológica, né? Porque a forma que ela tá trabalhando lá hoje, ela chega e faz quase que uma oficina, faz dinâmica, né? **Isso é o que? É pedagógico? É psicológico?** [...] **trabalhando com aquela disciplina “projeto de vida”**, então ela tá lá dentro da sala de aula, eu vejo que talvez tenha uma concepção assim, não tão clara né, se ela está lá como psicóloga escolar, como professora, ensinando um conteúdo

Thiago 31/10: **mas na sala de aula tem assim, uma mistura do papel do Psicólogo, do bacharel e do licenciado eles se misturam um pouco ali**. [...] Sempre tem né, essa confusão. Não é só no espaço escolar, é..., mas sempre tem essa confusão. **As pessoas esperam que a gente, que a gente, entenda elas como Psicólogo**, ou as pessoas acham que **a gente a todo momento tá analisando elas**, então elas acham que a todo momento **a gente tá fazendo o trabalho do Psicólogo, mas não tem nada disso**. Então de fato, **tem uma certa mistura dos papéis**, é... parte um pouco da expectativa das pessoas de terem uma atenção melhor ou atenção de um, algum profissional que vai entender o que eles estão passando

Júlia 12/12: **você que é psicóloga você deve saber isso melhor” aí no início eu tive que firmar muito a minha posição de “olha, eu sou professora, vamos atrás dos psicólogos da rede, eu não vou fazer além da minha função aqui.”**

O primeiro recorte desse núcleo nos mostra e faz refletir sobre quais são os limites de uma atuação e até onde uma se esbarra na outra. Pensamos as atuações que perpassam formações distintas como polos opostos que ao mesmo tempo são complementares, e sendo assim, não se excluem (Oliveira, 2001).

Nesse pensamento de atuações mistas, Paula, traz uma narrativa no qual vemos a intervenção da professora e da psicóloga. Segundo ela, a direção apontava quando algum aluno estava com problema, Paula o chamava para conversar: *“aí eu me sentava com ele numa sala, perguntava o quê que tava acontecendo, fazia as intervenções, às vezes precisar chamar família, quem conversava era eu, então (risos) era uma mescla das duas atuações, mas **no contrato era professora de Psicologia**”*. Ou seja, ela fazia o serviço de professora, mas também realizava atendimentos nos moldes de outra atuação. Pensando que a escola gerava uma demanda sobre o aluno e solicitava a intervenção direta de Paula, que entende que não *“era legal”* e que *“ficava frustrada”* por deixar que sua atuação fosse *“confundida desse jeito”* e que pela insegurança do primeiro emprego *“a gente acaba fazendo o que não tá pago pra fazer, sabe?”*.

Paula exemplifica o que estamos abordamos nesse indicador, ela acredita que sua atuação virou uma mescla na primeira escola mesmo tendo sido contratada como professora, por se sentir insegura, dessa forma, ela acabava por atuar *“como psicóloga escolar lá dentro”*. Nesse mesmo sentido, pensando nas atuações como polos opostos, em que uma não anula a outra, sendo complementares e não excludentes, Fernando questiona a atuação de uma psicóloga escolar em uma escola da região, que atua nos moldes de uma aula, porém, realiza intervenções que considera psicológicas, como a realização de oficinas/dinâmicas. Fernando questiona *“Isso é o que? É pedagógico? É psicológico?”*, e identifica como difícil o questionamento, afinal *“o que é uma intervenção pedagógica e uma intervenção psicológica, né?”*

Como apontamos anteriormente, não há problemas em conversar com o aluno fora da sala de aula e até desdobrar a conversa para a direção ou para os responsáveis (isso não é uma exclusividade do professor de Psicologia), o problema mora em desempenhar duas atuações. Pensamos que a atuação do professor de Psicologia é muito vasta, e que possui diversos artifícios que contribuem com o momento da aula. Pensamos como Tunes, Tacca e Júnior (2005, p.697):

Assumir-se como professor requer a clareza de muitos aspectos constituintes da missão a ser realizada. É preciso, sim, ter metas e objetivos, saber sobre o que se vai ensinar, mas não se pode perder de vista, um segundo sequer, para quem se está ensinando e é disso que

decorre o como realizar. Integrar tudo inclui dar conta de diversas facetas do processo ensino-aprendizagem, ou seja, a do aluno concreto, real, a do conhecimento, a das estratégias de ensino, e a do contexto cultural e histórico em que se situam (Tacca, 2000). Conjuguar isso exige compromisso e responsabilidade com o aluno, o que permite avançar na exigência da compreensão da pessoa no processo de ensinar e aprender.

Podemos apontar que as falas de Thiago dão indícios que nos inclinam a pensar sobre o que o outro espera do professor de Psicologia. Ele acredita que sempre haverá uma confusão, há uma demanda do outro sobre o professor de Psicologia, pois as pessoas querem **“que a gente, entenda elas como Psicólogo, ou as pessoas acham que a gente a todo momento tá analisando elas, então elas acham que a todo momento a gente tá fazendo o trabalho do Psicólogo, mas não tem nada disso.”**. Ele acredita que isso acontece porque talvez as pessoas pensem que o profissional de psicologia **“vai entender o que eles estão passando”**. Mais uma vez, percebemos que as pessoas endentem o profissional de Psicologia relacionado às práticas médicas.

Pensamos que dentro da sala a formação perpassa muitos fatores. Nada impede que uma intervenção psicológica seja parte do processo formativo desses alunos. Oficinas e dinâmicas podem ser ferramentas utilizadas por todos os professores das diversas áreas do ensino e ainda serem ferramentas de formação na relação professor-aluno.

Percebemos nas narrativas dos entrevistados como identificam no olhar do outro o trabalho do psicólogo ou do professor psicólogo, como aponta Thiago **“as pessoas acham que a gente a todo momento tá analisando elas”**, isso parte de um pensamento do psicólogo clínico. Reflexo disso é quando Paula comenta a visão da direção enfatizando a ideia de que o psicólogo vai resolver um problema, que tem algo de errado com o aluno, **“aí, um aluno tá com um problema, chama pra conversar”**, ou seja, o aluno precisa se adequar/igualar aos demais sempre que houver um desvio. Isso nos faz pensar na educação voltada para a lógica mercadológica da padronização. Isso nos remete a outro momento da fala de Thiago, onde aponta que o papel do professor de Psicologia é o de amenizar os discursos psicologizantes dos sujeitos, levando outras perspectivas.

Júlia traz um relato que mostra o olhar do outro sobre seu serviço de professora psicóloga, e nessa mescla, ela entende seu lugar e delimita as atuações. Júlia é firme na sua posição quando tentam convocar ela para atender outras demandas dentro da sala/escola, diz ela **“olha, eu sou professora, vamos atrás dos psicólogos da rede, eu não vou fazer além da minha função aqui.”**

Nesse mesmo sentido, o próximo recorte nos coloca a pensar sobre esse lugar imaginário popular do lugar do psicólogo clínico e como esse estigma, a visão que tem formada do psicólogo se estende ao professor de Psicologia, unindo ou fundindo o que pensam sobre a formação.

Recorte 2. Indicador: *O que pensam sobre o professor de Psicologia? “Você é estagiária? Não, eu sou professora!”*

Paula 19/10: **“Aí a menina da psicologia”, quase uma estagiária. Inclusive alguns alunos me perguntavam “você é estagiária?” e eu falava “não, eu sou professora”.**

Fernando 26/10: **Ontem mesmo eu fui fazer uma palestra aqui, na verdade um minicurso, né? E a pessoa queria desabafar ali, né? Aí eu falei não, aqui eu estou como pessoa que vai mediar alguns conteúdos para formação, para vocês terem elementos de manejo para atuar [...] eu me lembro de chegar lá e ter todo esse estereótipo do psicólogo né. Nossa, esses alunos estão muito difíceis, que bom que você é psicólogo que você vai ajudá-los ali na sala de aula, a estudar mais... então tinha assim e sempre tem esse estereótipo do psicólogo como clínico, né. Mas isso não me gerava confusão porque eu tinha claro né. Então por exemplo, quando eu cheguei nos primeiros momentos com eles eu falava “então, estou aqui como professor, né. É uma atividade formativa, pra dotar vocês de conhecimentos e habilidades mesmo, pra vocês atuarem no mercado de trabalho, então sempre, no início eu sempre faço esse manejo ali, de tentar quebrar um pouco as expectativas deles com relação a esse lugar clássico de psicólogo**

Thiago 31/10: **tinha uma turma que precisava de alguém mais cuidadoso, e aí eles me escolheram pra essa turma, que era uma turma que dava aula de informática, pra... uma turma de informática pra alunos com deficiência, com diversos tipos de deficiência, e aí eu acho que eles me escolheram por conta do curso de Psicologia**

Júlia 12/12: Olha eu acredito que hoje, tenha ainda uma percepção assim “aí, olha, a Júlia tem um olhar diferente porque ela tem uma formação diferente”, mas isso hoje não é tão intenso, eles já conseguem olhar e falar assim **“não, a Júlia tem um olhar diferente porque ela é ela”,** assim como a outra professora tem um olhar diferente do meu e é muito perspicaz pra algumas outras coisas que eu não sou, e ela tem uma formação em matemática, e outro professor tem uma formação em geografia e tem outras percepções que não necessariamente tem a ver com a formação.

[...] **expectativa que as pessoas dessa escola tinham, era de que eu fosse ser aquela professora que aí “tudo você tem que entender o aluno”** você tem que ser complacente, as vezes até muito liberal com os alunos, entender tudo e ser boazinha com todo mundo, e não pode exigir demais daquele aluno porque ele tem limitações e **a minha postura é totalmente diferente,** o aluno tem limitações, **eu vou entender, mas eu quero que ele vá além do que ele já faz,** ele precisa avançar em algo, se não, não vou estar fazendo nada ali, né? Sou uma professora brava, sou uma professora exigente, e que busca dar condições pros meus alunos de cumprir essas exigências.

Outra discussão acerca dessa mescla de funções são as expectativas depositadas nos professores de Psicologia, dos quais a população em geral supõe uma série de estigmas do psicólogo, tomando como verdadeiro e absoluto e espera-se um reflexo disso no professor. Os relatos envolvendo esse recorte mostram com clareza a posição que o outro coloca o professor de Psicologia.

Um desses exemplos, a fala de Thiago mostra que escolheram ele para ministrar aulas em uma turma de informática por ele estar cursando Psicologia, assim, identificavam ele como **“alguém mais cuidadoso”**. Isso mostra a visão que as pessoas têm das atuações que se fundem. Fernando relata algo sobre essa vivência, conta que no dia anterior a entrevista, foi fazer uma palestra no campus e que ao final **“a pessoa queria desabafar ali, né? Aí eu falei não, aqui eu estou como pessoa que vai mediar alguns conteúdos para formação”** Ele conta também que em sua época de estágio era comum que chegasse na escola e ter esse estereótipo do psicólogo **“nossa, esses alunos estão muito difíceis, que bom que você é psicólogo que você vai ajudá-los ali na sala de aula, a estudar mais”**. Fernando afirma que é comum esse estereótipo, mas que quando chegava em sala, já anunciava **“então, estou aqui como professor, né? É uma atividade formativa pra dotar vocês de conhecimentos e habilidades mesmo, pra vocês atuarem no mercado de trabalho”** nesse sentido, tentava quebrar as expectativas desse lugar clássico do psicólogo.

A fala de Fernando expressa bem o que as pessoas pensam do profissional que fez Psicologia, que são pensamentos extremamente ultrapassados que ligam aos primórdios da atuação na área, onde predominavam práticas remediativas e adaptacionistas (Cavalcante; Aquino, 2019). Essa percepção que os entrevistados relatam das pessoas colocando o psicólogo nesse lugar de quem vai “salvar a escola” parte da visão médica do psicólogo. Essa visão não é à toa, visto que, a Psicologia surge no Brasil atrelada às áreas médicas, onde também foi fortemente atrelada ao atendimento de crianças e jovens que apresentavam supostamente alguns problemas de desenvolvimento e aprendizagem. (Cavalcante; Aquino, 2019). Além de todo histórico em que a Psicologia, quando alinhada aos ideais dominantes, ocasionou em práticas de segregação de pessoas.

A vivência de Paula, como apontamos anteriormente, traz uma escola que não a tratava com seriedade, ela identifica uma visão que tinham dela como sendo **“a menina da psicologia”** em outras palavras tinham uma visão da “estagiária”, ou seja, uma visão de um “ser menos/ser menor”. **“Inclusive alguns alunos me perguntavam “você é estagiária?” e eu falava “não, eu sou professora”**. Para Júlia, no começo também passou por algumas dificuldades, tendo os seus colegas de trabalho dizendo que ela deveria entender o aluno em tudo, **“e ser boazinha com todo mundo, e não pode exigir demais daquele aluno porque ele tem limitações”**, porém sua postura é **“totalmente diferente, o aluno tem limitações, eu vou entender, mas eu quero que ele vá além do que ele já faz, ele precisa avançar em algo, se não, não vou estar fazendo nada ali, né?”** Hoje os outros

colegas de Júlia compreendem seu olhar, de pensar que ela tem seu modo de olhar diferente para o mundo, não por ter uma formação em Psicologia, mas por ela ser ela.

Apontamos que as pessoas ainda têm um pensamento muito estigmatizado do Psicólogo. Esse assunto ainda precisa ser amplamente debatido por toda comunidade. Precisamos que o ambiente de sala de aula, seja ambiente plural, de formação para a vida. Que o professor de Psicologia atue no sentido de romper com a visão de segregação, com figura do psicólogo que está ali para trabalhar com os “alunos difíceis”. Sobretudo, recomendamos que o professor de Psicologia deve buscar, fazer da sala de aula um “*ambiente de discussão*”, como indica Paula. A postura não tem a ver com “*Olha gente, isso aqui é Freud, vamos estudar Freud*”, pelo contrário, tirar a teoria clínica e fazer do ambiente de sala um ambiente de abrir mentes.

Outra mescla que podemos considerar, que foi identificada nas narrativas vem no sentido de a licenciatura superar um déficit do bacharelado, possibilitando mais disciplinas educacionais. Vejamos no próximo indicador.

Recorte 3. Indicador: *A licenciatura em Psicologia supera um déficit de uma graduação que favorece a clínica.*

Paula 19/10: P: **entender como funciona o processo de ensino e aprendizagem**, porque ele não tem como você desassociar a cultura desse aluno, o histórico familiar desse aluno da maneira que ele aprende. Então eu acho que **o plus de quem é licenciado é conseguir entender essa conexão entre, entre as duas coisas**, e eu falo isso principalmente por causa do **estágio da licenciatura que eu fiz**, que foi que me fez **começar esse meu apaixonamento pela sala de aula**, porque querendo ou não, você é... nas disciplinas escolares do bacharelado da... da psicologia, **você não vê as mesmas coisas que você vê no estágio da licenciatura**. [Em outro momento da entrevista] então eu acho que é isso assim, **a licenciatura ela vai permitir esse profissional fazer mais conexões do que o psicólogo escolar**.

Fernando 26/10: **se o aluno não faz a licenciatura ele não vai se aprofundar na psicologia da educação que eu acho que é algo importantíssimo, não vai conhecer sobre políticas educacionais, sobre os aspectos filosóficos, sobre inclusão, sobre a sala de aula, sobre a vivência, então pra mim foi muito potente o contato com os professores para além da psicologia, então sou um defensor disso, né, a universidade, o aluno poder vivenciar a universidade com plenitude**

Thiago 31/10: **A gente é que tinha que criar tudo, então a formação em Psicologia, da licenciatura em Psicologia, ela contribuiu nesse sentido né?** Primeiro no preparo dessas aulas, é... **como pensar essas aulas, pensar o material a apostila e também a relação com os alunos**, porque... **às vezes o profissional ou quem faz só o bacharelado não tem um contato em sala de aula e talvez pode não ter tanta habilidade de lidar com esses alunos**, de perceber algumas coisas

[...]isso contribui pra formação do profissional, contribui pra formação humana também, que a experiência, é, na sala de aula ela tem também uma contribuição pessoal, no compartilhar com os alunos as experiências, as vivências, isso tudo vai contribuindo pra, pra atuação profissional.

Júlia 12/12: era também uma oportunidade, um “a mais” na formação e as discussões eram sempre muito gratificantes, muito interessantes, muito pertinentes

Conseguimos observar nesse indicador que os entrevistados relatam que o ingresso na licenciatura foi de grande importância para eles. O contato com a sala de aula por exemplo, entregou uma experiência prática que o bacharelado não abarcaria. Pensamos como um ponto positivo, visto que o curso de bacharelado em Psicologia por muitas vezes não abarca múltiplas disciplinas da área escolar.

Estamos abordando aqui, que essa mescla de atuações também parte de uma produção que acontece dentro das universidades. Sabemos que algumas universidades adotam mais disciplinas escolares em sua grade, tomando a área escolar como uma ênfase opcional. Os entrevistados relatam que para eles, o curso de bacharelado entregou pouco conteúdo escolar e que o que contribuiu de forma ampla na área educacional foi ter cursado as disciplinas da licenciatura.

Thiago diz que para quem faz licenciatura existe uma **“vantagem profissional”** além de colocar em contato com outra experiência **“que é a experiência da sala de aula, você vai pra sala de aula, vai pra outros espaços e... pensa a psicologia a partir da perspectiva do ensino”** nomeando isso de uma formação humana que contribui para o profissional e pessoal através das vivências da sala de aula e da troca com o outro.

Paula aponta que o **“plus de quem é licenciado”** é poder compreender a dualidade das coisas, a conexão entre o ensino e aprendizagem e como o aluno aprende com sua cultura, com sua família, por qual maneira ele aprende. Ela completa dizendo que **“querendo ou não, você é... nas disciplinas escolares do bacharelado da... da psicologia, você não vê as mesmas coisas que você vê no estágio da licenciatura.”** e que foi através do estágio que começou seu **“apaixonamento pela sala de aula”**

Fernando narra bem esse quadro acerca das experiências, ele acredita que o aluno que não faz licenciatura não se aprofunda na psicologia da educação, para ele o aluno **“não vai conhecer sobre políticas educacionais, sobre os aspectos filosóficos, sobre inclusão, sobre a sala de aula, sobre a vivência”** identificando como muito potente o contato com os professores além do curso de psicologia, defendendo que o estudante deve vivenciar de forma plena a universidade. Júlia também identifica como um **“a mais”** na formação, participar de discussões que eram sempre **“muito gratificantes, muito interessantes, muito pertinentes”** na educação.

Observamos conforme as narrativas dos entrevistados e como apontam o processo de formação na licenciatura e ainda o que indica a literatura, que **“há um descompasso entre a formação e a prática profissional no âmbito da Psicologia Escolar”** (Cavalcante;

Aquino, 2019, p. 126). Estendemos o pensamento para a formação e prática do professor de Psicologia.

Os entrevistados tiveram como positivo a formação em licenciatura. Para além da teoria na universidade, o contato fora dela proporcionou a soma de mais experiências práticas na vida do profissional. Os estágios em escolas proporcionaram uma vivência do dia a dia escolar que contribui como aponta Thiago, para uma formação profissional e pessoal.

Recorte 4. Indicador: *Uma atuação na escola ou em sala?*

Fernando 26/10: Hoje, com as minhas experiências, **eu vejo que a psicologia escolar seria mais potente do que uma disciplina de psicologia**, entende?[mais adiante na entrevista] então acho que é interessante o profissional ter um conceito claro “olha estou aqui como professor, estou aqui como psicólogo escolar”, então hoje **eu tô tão permeado nisso, que eu acho que o psicólogo tem tantos elementos como psicólogo escolar, uma atuação mais potente**, do que como digamos assim né, eu parto de uma concepção em psicologia escolar que o psicólogo faz o mapeamento institucional, que ele assessoraria as atividades de ensino, que ele colaboraria com o processo da política pedagógica da escola, que ele teria a escuta psicológica, **então eu vejo que o psicólogo escolar tem todo esse referencial que auxiliaria a escola e que seria muito potente**, né? Já como professor, hoje eu não estou tão imerso, então eu não sei, né, quais seriam os conteúdos da psicologia que o professor pleitearia ali na escola e que seria potente para os alunos na sua formação

Na psicologia acho que eles têm argumentos, eles têm toda uma defesa, mas eu fico pensando, **será que politicamente é o momento da gente ir por essa via ou a psicologia enquanto uma classe lutar e ir favorecendo a mais uma lei que já está implementada e que a gente precisa fazer valer com todo o poder da letra e da riqueza da psicologia escolar**.

Júlia 12/12: Olha, **eu não sei te falar uma frequência ideal**, mas seria muito importante ter outras pessoas que não só os professores regulares fazendo esse trabalho de identificar quais questões que mais surgem na escola, de conversar com as crianças sobre isso, ajuda-las a desenvolver estratégias e até de conversar com os profissionais porque o papel do psicólogo escolar ele não é só com as crianças né, mas muito também com os profissionais. Até porque muitas vezes quando estoura algo na relação das crianças, por trás tem toda uma questão que já está latente na escola. Então assim, quando chega a ter por exemplo um ataque dentro de uma escola, você vai olhar o que tem por trás, **tem situações muito grandes e que poderiam ter sido percebidas antes se tivesse um profissional ali com um olhar pra isso**. Não um profissional que passasse lá só quando é chamado porque tem alguma questão específica com algum aluno, mas um profissional que pudesse acompanhar a escola, seja uma vez por semana, uma vez por mês, mas de uma forma frequente.

Uma discussão pertinente que é identificada e precisa ser trabalhada é o fato de qual área focarmos a luta, como Fernando comenta na entrevista *“será que politicamente é o momento da gente ir por essa via ou a psicologia enquanto uma classe lutar e ir favorecendo a mais uma lei que já está implementada”*. Fernando faz menção a lei

13.935 de 2019, que está em pleno vigor, da qual prevê a inserção de psicólogos(as) e assistentes sociais nas escolas da rede de educação básica. Fernando acredita que a Psicologia seria muito mais potente na atuação do psicólogo escolar, tendo em vista funções como *“o mapeamento institucional, que ele assessoraria as atividades de ensino, que ele colaboraria com o processo da política pedagógica da escola, que ele teria a escuta psicológica”* potencializando e descentralizando a figura do psicólogo da sala, ampliando para todos os contextos.

Júlia nesse mesmo sentido percebe que seria importante ter outras pessoas que não somente os professores para fazer o papel de identificar *“quais questões que mais surgem na escola, de conversar com as crianças sobre isso, ajudá-las a desenvolver estratégias”* além de ampliar a conversa com mais *“profissionais, porque o papel do psicólogo escolar ele não é só com as crianças né, mas muito também com os profissionais”*

Pensamos que ambas as atuações seriam de extrema importância para a educação no Brasil hoje (Santos; Paranaíba, 2018; Pereira, 2018; Cavalcante; Aquino, 2019; Ofugi, 2021) e que talvez as falas expressas pelos entrevistados demonstram uma baixa atividade de atuação (visível e relatada por eles) na área da educação. Júlia aponta poucos profissionais para uma demanda alta, dizendo que os profissionais de Psicologia existentes na rede de educação *“são apagadores de incêndio, que fazem o melhor pra dar conta da demanda, mas que estão sempre apagando incêndios e sem condição de fazer um trabalho de base, um trabalho mais preventivo”*.

Nesse mesmo sentido, Thiago também defende que deveria existir a disciplina ou área de conhecimento na escola, que a sociedade tem ido para um caminho da ansiedade, depressão, e que *“precisa de um profissional que ajude esses sujeitos lá, desde a educação básica a pensar essas questões, né?”*

Pensamos que assuntos como as emoções, sentimentos, relacionamentos, fazem parte das nuances de ser/tornar alguém, e que deveriam ser trabalhados na escola. A apropriação dos ensinamentos seria o resultado da atividade empreendida pelo professor, nesse sentido o aluno aprende a dominar gradualmente os métodos socialmente desenvolvidos de lidar como mundo e a transformar o mundo (Libâneo, 2015).

Ao atuar em qualquer área da formação da Psicologia, o licenciado ou bacharel deve atuar de forma reflexiva e crítica. Longe dos moldes estigmatizados do fazer psicológico voltado à lógica do mercado e ao aparato médico e diagnóstico.

No próximo núcleo de significação, trazemos identificações de como a profissão docente atravessa os entrevistados, através de elementos que eles trazem nas entrevistas acerca de suas visões desse professor que forma o aluno “*para a vida*”.

Núcleo de Significação 4 - *A profissão docente. Ser professor e ser licenciando em Psicologia. As visões do outro e de si*

Esse núcleo de significação foi destinado a como os entrevistados observam o papel do professor de Psicologia. Captamos a essência de como identificam o ser professor e suas expectativas pessoais para o futuro da licenciatura em Psicologia.

De forma geral e ampla, podemos resumir quase de forma cronológica até aqui que, houve uma confusão inicial ao entrar nos cursos, em que foi um salto no escuro a escolha por cursar Psicologia e licenciatura. Vimos que a atuação por meio de brechas faz da licenciatura em Psicologia uma possibilidade real ao licenciado. Que por trás de tudo isso existe uma demanda do mercado que cria o campo. Identificamos uma mescla das atuações e a dificuldade de desassociar a figura do psicólogo com o professor de Psicologia. Esse indicador nos mostra elementos de recortes da profissão docente, em que a experiência docente se torna potência na vida dos professores.

Para tanto, nesse núcleo, reunimos indicadores que falam do lugar de identificação com a docência, do olhar do psicólogo. Falamos do olhar que faz o professor de Psicologia ser o personagem de vai colocar o diálogo em jogo. Um profissional apto a abrir mentes, trazer novas perspectivas de sujeito, alinhados ao processo emancipatório como bem define Pimenta (1999).

Pensar o professor de Psicologia é pensar o agente de transformação social que está inserido na educação. Em uma realidade que sabemos que o saber psicológico é privilégio, deveríamos pensar em ampliar o acesso ao professor de Psicologia, principalmente na educação pública.

Os entrevistados narram vivências parecidas com o que encontramos no texto de Pimenta (1999), no qual a autora descreve que o ato de ensinar é o ato de mediar a constituição de cidadania nas pessoas, além de que a educação promove a superação da desigualdade. Nesse sentido, deve o professor de Psicologia estar alinhado à uma atuação crítica e reflexiva, visando superar atuações que se voltam para a racionalidade técnica. O professor reflexivo na sua prática, reelabora as coisas que estão postas, caminhando em direção a emancipação.

Conseguimos captar na análise das entrevistas, que os entrevistados apontam para uma atuação que visa a autonomia do sujeito, indo ao encontro com as ideias expressas por Libâneo (2015) ao dizer sobre a importância do professor atuar na direção da atividade autônoma dos alunos, no processo de ensino-aprendizagem, para que se apropriem da cultura e ciência, desenvolvidas pela sociedade em seu processo histórico.

Encerramos nossa análise com esse núcleo, pois a todo momento é a docência que atravessa a vida desses professores que entrevistamos. Desde o início de sua formação, quando começam a compreender o que é a sala de aula, percebemos adjetivos muito ricos ao externalizarem a docência.

Acreditamos que os entrevistados fizeram de suas práticas em sala de aula um ambiente emancipatório, alinhado às ideias do professor reflexivo, do professor que reflete sua atuação (Pimenta, 1999). Vimos também que a oportunidade de estudar com um professor de Psicologia ela é restrita, assim como o acesso a escola, evidenciando a contradição da desigualdade existente, em que o conhecimento e acesso aos bens comuns da sociedade fica à margem de grande parte da população (Pimenta, 1999).

Assim reunimos os identificadores: 1) Uma formação para vida. O professor como instigador do pensamento, reflexão e autonomia, tendo a sala de aula o local de discussões; 2) O ideal da atuação: o “olhar do psicólogo”, a liberdade de escolher os conteúdos, turmas menores e ambiente acolhedor. “Os alunos viam o momento da aula como um alívio”; 3) A potência da docência e o se encontrar como professor. “Quem só sabe de Psicologia, nem de Psicologia sabe”.

Recorte 1. Indicador: *Uma formação para vida. O professor como instigador do pensamento, reflexão e autonomia, tendo a sala de aula o local de discussões.*

Paula 19/10: Então, **a concepção de alguém que entra em sala de aula e faz aquele ambiente um ambiente de discussão**, então assim, em nenhum momento eu cheguei em sala pra falar “Olha gente, isso aqui é Freud, vamos estudar Freud”, era... **eu sempre fiz que aquele ambiente fosse um ambiente de abrir mentes.**

Fernando 26/10: Então, é o mesmo papel dos professores de outras áreas, que **é mediar os conteúdos, para que outras pessoas possam ter acesso aos conteúdos que a humanidade produz e fazer os alunos terem uma outra dimensão da vida**, seja no campo profissional, seja pra visão política, seja pela visão das relações, né. Então criar consciência para que a pessoa possa ter uma vida com mais riqueza, né, digamos assim.

Thiago 31/10: **minha perspectiva de atuação é sempre tentar impulsionar o outro a fazer as coisas, aprender com autonomia, instigar o pensamento, instigar reflexão no outro, no aluno e no outro**

desde lá da aula que eu comecei a dar no curso de informática, eu já tentava, é... **ter uma prática que fosse à partir do diálogo, forçar eles a ter uma autonomia do pensamento.** Por mais que era uma disciplina de informática, **mas eu tava ali sempre impulsionando para que eles pudessem atingir uma reflexão, um conhecimento, por... por capacidade própria né?**

acho que **o papel do professor, é esse, possibilitar uma nova perspectiva de sujeito, para os alunos, para os colegas de trabalho.**

[...] **Então o papel do professor de Psicologia dentro da escola, seria de trazer essas novas perspectivas de sujeito e também, é... trazer perspectivas acerca de... de... vamos dizer, de doenças mentais.**

o papel do psicólogo seria um pouco desconstruir essa, toda essa prática clínica e psicologizante sobre os indivíduos, né?

Júlia 12/12: Passar orientações que vão pra além da formação básica mesmo, **contemplando a formação pra vida, né?** Então se surgem conflitos a gente sempre incentiva que eles resolvam esses conflitos e sem fórmulas mágicas de resolver, realmente ouvindo o quê que é o problema pra poder... muitas vezes colocar eles mesmo pra pensarem soluções, né?

Ao ler e reler o material transcrito das entrevistas, observamos que ambos entrevistados atribuem um lugar do professor de Psicologia que se complementa. São visões de uma formação “*pra vida*”. Um lugar que coloca o professor de Psicologia como um sujeito que vai possibilitar e favorecer o local da sala de aula como um local de “*abrir mentes*”. Pensamos assim como os entrevistados pensam o professor de Psicologia.

Para Fernando, o professor de Psicologia tem o mesmo papel dos outros professores, que seria o de “*mediar os conteúdos, [...] que a humanidade produz e fazer*

os alunos terem uma outra dimensão da vida”, ele segue completando que deve “*criar consciência para que a pessoa possa ter uma vida com mais riqueza*”

Para Thiago, a perspectiva de atuação que ele tem é sempre tentar “*impulsionar o outro a fazer as coisas, aprender com autonomia, instigar o pensamento, instigar reflexão no outro, no aluno e no outro*”. Ter uma prática guiada a partir do diálogo, de buscar autonomia, impulsionando para a reflexão, gerando novas perspectivas de sujeito, com visões menos psicologizantes.

Acreditamos assim como as narrativas dos entrevistados, que o papel do professor de Psicologia seja esse mesmo, de mediar os conteúdos da humanidade, entretanto, sempre buscando emergir a autonomia no aluno. É o que encontramos na literatura a respeito da temática. Quando pensamos na figura do professor, temos a imagem do professor que visa a emancipação, atuando com seu conhecimento para que o aluno aproprie cada vez mais dos conteúdos produzidos historicamente pela humanidade, fazendo novas ligações intelectuais até o pensamento autônomo, como discorre Libâneo (2015).

É importante fazer com que o outro saiba ler e entender o mundo a sua volta. É preciso contribuir voltando o olhar para as crianças/adolescentes sem a visão diagnóstica, ou seja, trazer um olhar menos psicologizante como recomenda Thiago. O desenvolvimento desse professor, faz com que o momento da aula seja um momento de aprendizado e formação de vida. Conseguimos observar como aponta o próximo indicador, que à medida que a sala vira um ambiente acolhedor, os alunos sentem-se seguros e até alívio nas aulas. Vemos também que para tanto, é necessário que um ambiente seja favorável, como algumas pistas indicam: turmas menores, espaço amplo, entre outros fatores.

Precisamos olhar para esses sujeitos, crianças e adolescentes e pensar fórmulas em conjunto que seriam de grande proveito para ambas. Construir práticas menos excludentes, fazer com que os alunos participem, agir de forma ética, é dever fundamental deste professor, tornando a sala de aula, ambiente de democratização e inclusão social (Libâneo, 2015) Acreditamos que a escola só tem a ganhar com a disciplina de Psicologia sendo implementada na sua grade curricular. Vemos a atuação do professor de Psicologia como uma atuação potente, que aliada ao bacharel, conseguiria construir um ambiente mais acolhedor na escola. Para além de tudo isso, precisamos de professores voltados à reflexão crítica. O professor precisa pensar a escola junto com o aluno e costurar em sala os sentidos e significados da escola com esse aluno, construindo práticas acolhedoras.

Recorte 2. Indicador: *O ideal da atuação: o “olhar do psicólogo”, a liberdade de escolher os conteúdos, turmas menores e ambiente acolhedor. “Os alunos viam o momento da aula como um alívio”.*

Paula 19/10: **Eu sentia que era um alívio pra eles quando eu tinha aula, sabe?** mas no sentido de que assim, **“eu sinto que com você eu posso é... falar da minha angústia, assim de eu quero fazer uma coisa, meu pai quer que eu faça outra e por causa disso eu não tô dormindo, por causa disso eu não tô comendo direito”,** então a **recepção dos alunos em relação ao que é discutido ali naquele momento do encontro é cem por cento, maravilhoso.** [...] Eles, **eles sempre receberam a disciplina muito bem.** É aquele aluno ou outro, o clássico aluno trabalhoso, né? Mas mesmo esse aluno trabalhoso quando você chamava pra um assunto de interesse dele, ele dava opinião, participava, **eles gostavam muito das disciplinas.**

Fernando 26/10: Sim, como eu disse, por ser umas turmas bem menores, **então eu tinha uma possibilidade muito grande de estar próximo a eles, né.** Eu via uma resposta de tudo ali, é muito interessante mesmo como era conduzido o PRONATEC, né, porque os alunos recebiam um auxílio financeiro, então tinha esse aspecto motivados e também o aspecto bem prático, então uma formação assim que eles viam muito sentido, as disciplinas, eles me falavam da escola tradicional que eles sentiam um cansaço, por ser muita teoria e muitas vezes eles não viam tanto sentido né, **já na formação técnica, né, onde eu tava atuando ali, tinha um grande mobilizador de probabilidade,** então era muito interessante. Por exemplo, na gestão de pessoas eles traziam vivências, situações que eles já tinham experimentado, então eu via que eles viam uma correlação muito grande com a vida deles, tanto com as experiências que eles viviam, mas também com uma motivação para a vida profissional que eles estavam se formando.

Thiago 31/10: **porque num curso profissionalizante você tem alunos que são trabalhadores e não dá pra você pensar simplesmente só conteúdo, conteúdo, conteúdo.** Então você tem que pensar em outras práticas, **isso tudo a gente vai pensando a partir dos estágios que a gente tem, das disciplinas que a gente tem** voltadas para a licenciatura.

Júlia 12/12: **Porque no dia a dia de sala de aula ele não é só curriculum, de ter um olhar mais sensível para algumas questões que os alunos vivem no dia a dia, como teve esse ano de uma gama de violência absurda nas escolas.** Como essa violência afetou o dia a dia dos alunos, então assim, sempre que é preciso trazer assuntos que estão na boca dos alunos em pauta, eu percebo que eu tenho um olhar e uma preocupação diferenciados que talvez tenha a ver com a minha formação na Psicologia, da importância de validar as coisas que acontecem pra além do ambiente da escola e que afetam os alunos.

Esse indicador sugere que para que o ambiente de formação dê certo, ele exige algumas especificidades. Anteriormente falávamos do professor como mediador dos conteúdos da humanidade, um instigador da autonomia do aluno, fazendo com que o ambiente se tornasse um local de abrir mentes. É precisamente importante que o professor faça de sua prática o que Pimenta (1999, p. 29) chama de “*praticum*”, que é aquele que constantemente reflete na e sobre sua prática. Dessa forma o professor reelabora seus saberes e práticas de forma constante.

Para que isso funcione, esse indicador aponta alguns fatores que contribuem para o melhor andamento das aulas no sentido ambiental, como as turmas menores que

possibilitam uma aproximação maior entre professor-aluno. Também, deve o professor pensar e refletir sobre sua aula, não fazendo desta somente **“conteúdo, conteúdo, conteúdo”**.

Fernando conta como era interessante a condução do curso que ministrava, ele aponta que sempre que **“tinha esse olhar mais atento a resposta era mais potente”**. Ou seja, é preciso olhar para o aluno, e se torna mais fácil dar a devida atenção quando a turma é menor. Sabemos que a realidade em muitos contextos diz sobre uma sala superlotada, onde em poucos metros, aglomeram-se 30, 40, 50 alunos enfileirados. Essa forma de aula/ensino acaba gerando o um professor conteudista, tecnicista, porque também é impossível ter um olhar atento em 50 alunos.

Júlia recomenda que o dia a dia de sala de aula não seja somente currículo, que o professor deve ter um olhar mais sensível para algumas questões que estão na **“boca dos alunos em pauta”**. A literatura indica como parte fundamental da atuação do professor, para além do conteúdo, o domínio das técnicas aplicadas na sala, a didática mais precisamente falando (Pimenta, 1999; Libâneo, 2015).

Os entrevistados relatam algumas turmas que ministraram em que tinham no máximo 16 alunos, outras turmas que tinham 4 alunos, e que desde antes da pandemia de covid-19, já contavam com recursos de ensino híbrido para realizar atividades online, **“então eles já eram bem antenados né, essa dimensão de ensino da escola tradicional, então o simples fato do aluno ter que ir lá e ficar no computador já dá uma quebra né?”** comenta Fernando.

Percebemos através das falas que o ambiente é um fator de extrema importância quando falamos de mais participação nas aulas. Esse pensamento vem desde os estágios como aponta Thiago, **“isso tudo a gente vai pensando a partir dos estágios que a gente tem, das disciplinas que a gente tem voltadas para a licenciatura”**, pensar práticas que não sejam voltadas apenas ao despejo de conteúdo para os alunos.

Paula descreve que na segunda escola que trabalhou, eram os alunos quem conduziam suas práticas **“então a turma levava, a turma conduzia a minha prática e não o contrário”**. Ela conta que foi nessa escola que sentiu vontade de continuar aprofundando na licenciatura. Segundo Paula, **“a segunda escola me fez apaixonar pela sala de aula”** e completa **“eu me apaixonei e eu entendi que outra área me daria uma melhor oportunidade dessa atuação do que enquanto na Psicologia”**

Precisamos pensar que para uma maior fixação dos professores nas escolas, deveriam regulamentar a atuação, visto que existe uma atuação que já acontece por meio

de brechas. Conforme foi apontado anteriormente, existem outros profissionais que estão ocupando um lugar que poderia ser do professor de Psicologia.

A ideia que os entrevistados têm da sala de aula é muito importante a medida que eles integram o aluno no processo de ensino-aprendizagem. Como discorre Pimenta (1999), a educação é um processo de humanização que tem por finalidade tornar os indivíduos participantes do processo civilizatório. Esse processo intencional de educar está sustentado principalmente no trabalho dos professores, cujo trabalho é inserir nesse processo social, crítico e transformador.

Percebemos nas entrevistas que cada um, a seu modo, tem uma história com a área educacional. Até Júlia que não queria “*virar professora*”, descobre na docência uma forma de se encontrar no mundo. A Psicologia veio a complementar o amor que sentiam pela educação. Apontamos que estão até hoje na área educacional, mesmo após dez anos de formação e ainda que alguns não dão aulas mais. Eles apontam que o curso de formação de professores foi fundamental para pensar algumas coisas para além da escola, para além do sujeito. Eles se sentem realizados e contemplados pela docência.

Recorte 3. Indicador: *A potência da docência e o se encontrar como professor. “Quem só sabe de Psicologia, nem de Psicologia sabe”*

Paula 19/10: P: Eu acho é aquela questão que eu te falei do **retorno dos alunos**, sabe? De **saber que você impacta também na vida deles**. De saber que não é só “aí meu deus que saco essa aula”, de saber que se você se colocar de verdade naquele... naquele lugar ali enquanto pessoa, quanto sujeito, não só enquanto quem joga o conhecimento, **o que retorna é indescritível, e aí foi por isso que eu quis ir de vez ir pra essa área**.

Fernando 26/10: **eu acho potente ter o contato com os professores da educação**, por mais que alguns era psicólogos e outros não, eram pedagogas, **então até outra perspectiva de relação com a Psicologia com a educação, eu achei muito potente**.

As pessoas, as trajetórias, uma ajuda mútua, foi assim, onde eu mais me realizei mesmo, profissionalmente

Thiago 31/10: Bom, a minha história com educação vem sempre... vem desde a, do meu... da minha adolescência, **que eu queria dar aula**. Eu **tinha uma afinidade com educação**, mas na... na escola, minha área mesmo era matemática, né? Mas como (risos) eu tinha esse **desejo de ajudar as pessoas**, tal, aí eu acabei indo pra Psicologia, **mas eu sempre gostei dessa área da educação**, de... do papel do professor

Júlia 12/12: **Pra quem fugiu da sala de aula, quem achava que não queria ser professora, foi algo que eu me encontrei**.

Percebemos que para os entrevistados houve um encontro com a docência. Retomamos como havíamos mencionado antes, que a docência representou para os entrevistados, aquilo que estavam buscando desde o início e que veio a encaixar na Psicologia e Educação. Pensamos que assim como Thiago ao final da entrevista se vê guiado por uma atuação “*disponível aos encontros*”, pensamos que esse mesmo sentido perpassa os entrevistados. A Psicologia que pensavam anteriormente, que ganha novos significados através da Educação, que não deixa de ser trabalho com “*gente*”. Os entrevistados, ao longo da entrevista, narram uma prática reflexiva, e como aponta Pimenta (1999) é fator fundamental para a compreensão do projeto humano emancipatório.

Paula descreve que talvez ela se sinta apaixonada pela sala de aula por conta do retorno dos alunos e saber que “*você impacta também na vida deles*”, ela acredita que quando se coloca nesse lugar do ensino de verdade, o retorno que tem é indescritível, por isso que ela “*quis ir de vez ir pra essa área*”.

Fernando descreve um importante movimento que não devemos deixar de pensar, acerca da importância de ter o contato com professores de outras áreas durante a formação em Psicologia. Identifica que ao fazer licenciatura, o contato com professores de outros cursos aumenta, principalmente da educação. Segundo ele, se tem até outras perspectivas do que é a Psicologia com a Educação quando se estuda com outros professores que não os do mesmo curso. Fernando chega a mencionar uma frase que viu escrita nas paredes do campus na qual falava “*quem só sabe de psicologia, nem de psicologia sabe*”, evidenciando a importância das interseções entre áreas. Ele identifica em sua trajetória, as aulas que ministrou como onde mais se realizou profissionalmente. Conta que tinha muita troca e muita repercussão na vida das pessoas, que a turma vinculou de uma forma muito potente.

Para finalizar, Júlia que “*fugiu da sala de aula*” foi pega de surpresa, contando que foi “*algo que eu me encontrei*”. Ela que não queria ser professora, se vê em um local de realização. Podemos apontar talvez o estigma criado em volta do “ser professor”, como conta Júlia que via desde muito cedo as dificuldades vivenciadas por sua mãe. Mesmo com baixas expectativas no início de sua formação, ela continua na licenciatura e se encontra nessa área.

Vimos que a Educação atravessa todos os entrevistados de forma única. Assim como “ser psicólogo” implica em uma série de questões que perpassam o imaginário

popular, “ser professor” também implica em uma série de imagens e representações dessa figura. Infelizmente sabemos que a realidade do professor no Brasil não é das melhores, como aponta a vivência de Júlia, que via os “*dois lados*”, um que era gratificante, mas outro que apontava para a “*desvalorização*” e o “*excesso de trabalho*”.

É preciso mencionar o fato também de que a escola, como representante institucional da educação intencional, carrega os traços da sociedade, revelando-se contraditória, no qual grande parte das pessoas estão à margem das conquistas humanas e dos benefícios do processo civilizatório (Pimenta, 1999).

Percebemos nesse núcleo como um todo que assim como narram os entrevistados, a escola só teria a ganhar com uma disciplina que abrangesse os conhecimentos acerca das vivências cotidianas. É importante que o aluno saiba e se aproprie dos conhecimentos produzidos pela humanidade, mas é importante que se faça isso dando atenção também aos sentimentos, emoções, entre outros aspectos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Universidade Federal de Catalão é uma das 18 universidades do país que ainda (re)existem com a Licenciatura em Psicologia. Ao pesquisar a região, pensamos o território do sudeste goiano a partir de suas potencialidades e vulnerabilidades. Sobre quais demandas o curso de Psicologia vem atender a cidade de Catalão e região? Qual a materialidade da empregabilidade para os licenciados em Psicologia? Pensando na configuração de negação que se encontra a licenciatura em Psicologia, nossa pesquisa buscou localizar na realidade de Catalão e região as particularidades sobre a atuação dos licenciados. Ao iniciarmos a pesquisa, tínhamos receio de não encontrar nenhum professor de Psicologia atuando na cidade de Catalão ou região, foi uma grata surpresa encontrar quatro profissionais e ouvir deles seu processo histórico e a relação com sua formação. Vale mencionar que o número poderia ter sido maior se considerássemos outros critérios como a educação superior e outros espaços geográficos próximos a Catalão.

Devemos informar ao leitor e a leitora que no Brasil, mais da metade dos estudantes de licenciaturas desistem dos cursos antes de se formarem, e que se pensarmos em toda conjuntura – principalmente o desinvestimento evidenciado pelos baixos salários e trabalhos com condições exaustivas – em alguns anos é possível que não exista professores suficientes para atuação na educação básica. Sendo o saber psicológico uma ferramenta restrita, o campo desse modo, faz parte de uma arena de disputas. Vemos nesse cenário a ciência Psicológica menosprezando a área da docência, e quando a Psicologia se furta a essa responsabilidade, ela própria contribui para a negação da sua licenciatura.

Recentemente, amparados pela Lei 13.935 de 2019, os psicólogos e assistentes sociais vislumbram um campo real/legal de existência no contexto escolar. Em contrapartida, o curso de formação de professores de Psicologia no Brasil se encontra em uma situação delicada de existência, perdendo espaço dentro das universidades. Com as novas DCNs (Brasil, 2023) para os cursos de graduação em Psicologia aprovadas em 2023, encontramos a Licenciatura sendo secundarizada, refletindo o (não) lugar que a licenciatura em Psicologia ocupa dentro dos cursos de bacharelado. Agora a Licenciatura pode ser realizada ao final do curso, resgatando o que o Conselho Federal de Psicologia já repreendia há tempos: a possibilidade de uma formação em licenciatura inadequada e à parte do curso de bacharelado de Psicologia.

Para podermos sintetizar as ideias dessa pesquisa, devemos sempre lembrar que a atuação enquanto psicólogos(as) e professores(as) é uma atuação política. É uma atuação que precede um pensamento que faz da materialidade da atuação, um posicionamento no mundo. Pensar que crianças ou adolescentes em uma educação básica deveriam ter acesso a aulas com temáticas que os levem a conhecer a si mesmo e o mundo que os cerca, é um ato político e humano de se politizar, de gerar consciência de si e de sua força na sociedade. Assim também é pensar em uma escola plural, que vise a autonomia, a inclusão, e não a segregação do aluno.

A realidade retratada nas entrevistas e análises contam a partir de um recorte geográfico. A particularidade encontrada em Catalão-GO e sua microrregião geográfica nos faz pensar se a atuação correspondente a esse lugar se faz mais lugar que em outros. Sabemos que a condição de existência do curso de formação de professores de Psicologia não é igual em todas as regiões do país e que seu campo pode ocorrer de formas diversas. Podemos apontar aqui uma visão sobre a licenciatura e a atuação dessa na educação básica, na qual, os sujeitos participantes desta pesquisa puderam, ao contar sua história, contar sobre a realidade de um modo particular a esse contexto.

Buscar uma metodologia que contemple esse movimento é de extrema importância, e nesse sentido, os núcleos de significação nos ajudam a localizar o sujeito na relação dialética e compreendê-lo como sujeito total, localizando-o em seu processo histórico. Acreditamos que as análises sob o ponto de vista dos núcleos de significação, aprofundam a compreensão sobre a atuação dos licenciados em Psicologia em Catalão e sua microrregião geográfica. Ao longo de nossa análise, evidenciamos os elementos que consideramos importantes que são encontrados nas falas dos entrevistados. Essas falas são fundamentais para compreender o cenário da licenciatura em Psicologia em Catalão e sua microrregião geográfica, e como esses agentes construíram ou têm construído de sua formação ou o que pensam dela no seu entorno.

Em primeiro lugar, como resultado direto da análise, podemos apontar um caminho entre os quatro núcleos de significação, em que, no início, vimos que ao ingressarem nos cursos, os entrevistados sabiam muito pouco sobre a Psicologia e menos ainda sobre as especificidades da licenciatura em Psicologia. Eles narram uma experiência de um salto no escuro, no desconhecido, e que a licenciatura teve uma particularidade nessa formação. Como a licenciatura foi apresentada após um período do ingresso inicial do curso de Psicologia, eles dizem que só iniciaram a segunda formação por já estarem cursando o curso de Psicologia e que a segunda habilitação parecia uma

vantagem. Vislumbrando um mercado de trabalho inexistente ou distante. Para contrariar o que não esperavam da formação em licenciatura, o campo inexistente ganha novos contornos pessoais e se torna possibilidade em Catalão. Os quatro entrevistados tiveram seu primeiro emprego com a licenciatura em Psicologia como protagonista ou aliada.

Dessa forma, compreendemos um pouco melhor os objetivos dos quais essa pesquisa se propôs em realizar em entender melhor a atuação do licenciado em Psicologia nessa configuração de um não lugar. Apontamos no segundo núcleo de significação como o mercado de trabalho faz surgir ou desaparecer um campo de trabalho. Como as especificidades do mercado de trabalho diz sobre qual tipo de fazer psicológico acontece em determinados campos. Vimos a atuação acontecer em ambientes públicos e privados, por meio de iniciativas de políticas públicas e iniciativas de políticas curriculares. Vimos também que existem outros profissionais que ocupam um campo que o professor de Psicologia poderia ocupar, ampliando as discussões sobre o campo do (não) lugar e a competição/qualidade que o mercado de trabalho impõe aos empregados.

Sintetizamos no núcleo de significação três as mesclas das habilitações do psicólogo. Observamos que há uma confusão generalizada que não marca os limites da atuação do bacharel e o licenciado, gerando questionamentos do que é de caráter pedagógico ou interventivo clínico. Para essa questão, acreditamos que faz parte da formação dos alunos o emprego de várias técnicas interventivas como a realização de oficinas e dinâmicas. Ser professor não implica somente em dar aula. Identificamos nesse núcleo que essa mescla de áreas é importante ao bacharelado por contribuir com a superação de um déficit da formação, no qual há poucas disciplinas da área escolar. Os entrevistados identificam como importantes a formação nessas disciplinas, por trazerem outras perspectivas de sujeito e até de prática para quem se forma psicólogo, levando estes a realidade de outros contextos. Os entrevistados também colocam em xeque qual deveria ser a atuação existente na área escolar, se na sala de aula ou na escola, resultando opiniões diversas, mas o profundo sentimento de que a área deveria estar presente na educação.

Por fim, identificamos que a docência se tornou potência para os quatro entrevistados. Eles identificam enquanto professores de Psicologia, agentes que proporcionam uma formação para a vida, que o olhar do psicólogo toma outras proporções em sala de aula, e como deve ser pensado o ambiente, a quantidade de alunos, até o olhar voltado para a turma, fazendo com que essa aula também seja instrumento de potência, emancipação e autonomia para os alunos.

Vimos que a cidade de Catalão-GO é a que mais demonstrou potencial de atuação para o professor de Psicologia, de acordo com o mapeamento realizado e o encontro com os sujeitos para entrevista. A segunda cidade com maior potencial é Ipameri, que também é a segunda cidade mais populosa da microrregião geográfica pesquisada. As duas cidades (Catalão-GO e Ipameri-GO) contam com diversos cursos técnicos implementados, além de descobrirmos nas entrevistas a demanda por profissionais qualificados vindo das escolas particulares na cidade de Catalão-GO para as disciplinas de projeto de vida, empreendedorismo, entre outras.

Mesmo que a atuação se configura no não lugar, na contradição, na brecha, ela existe e precisa ser amplamente divulgada para que cada vez mais profissionais aptos ocupem esses lugares. Destacamos que os entrevistados narram uma atuação que se baseia na garantia do diálogo, além de um ensino que busca dar autonomia, criando um ambiente de abrir mentes.

Pensando em toda configuração posta da Licenciatura em Psicologia, refletimos e perguntamos, se a licenciatura em Psicologia faz parte de um campo de disputas, quem há de ganhar? Enquanto uma modalidade permanece com sua atuação por brechas, quem tem direito de projetar a vida? Quem tem acesso e tempo para estudar disciplinas sobre sentimentos, emoções, empreendedorismo, nos atuais moldes da educação no Brasil? Se elementos como os sentimentos, emoções, relações, são intrínsecos à vida, não deveríamos pensar em uma disciplina no currículo básico que mediasse esses conteúdos que tem a ver com a formação de humanidade no sujeito?

Vimos que é de grande importância que a área psicológica esteja presente nas escolas. Acreditamos que uma disciplina de Psicologia só tem a contribuir com a educação básica como um todo. Seria importante que uma disciplina preparasse o aluno também para o mundo que o cerca e que talvez a escola passe a ter novos sentidos e significados na vida deste à medida que este espaço ganha novos contornos de importância na vida e na aquisição de conhecimentos para o aluno. Que deveríamos enquanto classe, lutar por um espaço real de inserção. Pensar em uma licenciatura atrelada ao curso de Psicologia e não secundarizada.

Para futuras pesquisas que visam contribuir e fortalecer com o estudo da licenciatura em Psicologia, seria interessante pesquisar as particularidades dos 18 cursos (re)existentes de licenciatura em Psicologia no Brasil. Uma pesquisa que buscasse descrever e analisar nas especificidades dos cursos como são suas estruturas; quais são as localidades; porque ainda funcionam; qual porcentagem de alunos que se formam todos

os anos nesses cursos; para onde vão esses licenciados; como é o projeto político pedagógico desses cursos; quais são as matérias; quais campos de atuação para os estágios; se existem trabalhos nas localidades que tem os cursos. Podemos pensar também como os próximos anos irão refletir a nova política implementada pelas DCNs (Brasil, 2023) para os cursos de graduação em Psicologia e qual será seu impacto na formação de licenciandos, e se estamos assistindo a extinção do curso de formação de professores de Psicologia.

Essa pesquisa demonstra a existência da atuação de licenciados em Psicologia na Cidade de Catalão-GO e região. A análise das entrevistas nos mostra que enquanto não for regularizado e visto com a devida importância, o lugar do professor de Psicologia vai continuar na negação. A Psicologia em qualquer contexto de inserção é ferramenta de crítica, reflexão e política. Não acreditamos na sua neutralidade. Dessa forma, gostaríamos de produzir novos saberes na área como forma de fortalecer a modalidade, contribuindo com o professor de Psicologia, fazendo com que esta pesquisa seja um ponto de partida, de reconhecimento de existência e de possibilidade. E enquanto existir lugares possíveis, que seguimos anunciando e ocupando. Que a atuação aconteça mesmo na negação, queremos mostrar que devemos nos apropriar desses espaços acreditando que a luta não deve ser isolada. É portanto, conhecendo a realidade que podemos intervir e transformá-la.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, W. M. J.; ARANHA, E. M. G.; SOARES, J. R. Núcleos De Significação: Análise Dialética Das Significações Produzidas Em Grupo. **Cadernos de Pesquisa**, v.51, São Paulo 2021.
- AGUIAR, W. M. J.; MACHADO, V. C.; SOARES, J. R. Núcleos de significação: uma proposta histórico-dialética de apreensão das significações. **Cadernos de Pesquisa** v.45 n.155 p.56-75 jan./mar. 2015.
- AGUIAR, W. M. J.; OZELLA, S. Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 26 n. 2, p. 222-245. jun 2006.
- AGUIAR, W. M. J.; OZELLA, S. Apreensão dos sentidos: Aprimorando a proposta dos núcleos de significação. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 94, n. 236, p. 299-322, 2013.
- ALMEIDA, P. C. *et al.* **Anais...** 26º Reunião Anual da ANPED. GT:20. Poços de Caldas, 2003.
- ALVITE, M. M. C. Didática e psicologia: contribuição à crítica do psicologismo na educação. **Revista Educação em Debate**. Fortaleza, v. 3, n. 2, p. 13-17, jul./dez. 1980.
- ANTUNES, M. A . M. **Psicologia e Educação no Brasil: uma perspectiva histórica**. In: 23ª Reunião Anual da ANPEd, 2000, Caxambu, MG. Anuário –2000: Psicologia: análise e crítica da prática educacional. [S.l.], 2000.
- ANTUNES, M. A. M. **A Psicologia no Brasil: Um Ensaio Sobre suas Contradições** Psicologia: Ciência E Profissão v.32 (num. esp.), 44-65, 2012.
- ABIB, José Antônio Damásio. Epistemologia pluralizada e história da psicologia. **Scientiæ zudia**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 195-208, 2009
- BARBOSA, M. D. L. **Estudo sobre a reestruturação curricular do curso de psicologia da Universidade de Brasília: o processo e seus produtos**. Dissertação de mestrado. Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Sistema e-MEC**. Disponível em: <http://emec.mec.gov.br/emec/nova#interativa>_ Acesso em: 1 jan. 2023
- BRASIL. Lei nº 4.119, de 27 de agosto de 1962. Dispõe sobre os cursos de formação em psicologia e regulamenta a profissão de psicólogo. **Diário Oficial da União**. Brasília, 27 de ago. 1962.
- BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. (Casa Civil) **Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CES 1.314/2001**. Diretrizes Curriculares para o Curso de Graduação em Psicologia. Brasília, DF. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES1314.pdf> Acesso em: 20/05/2022

BRASIL, Conselho Nacional de Educação & Câmara de Educação Superior. **Resolução CNE/CES nº 8, de 07 de maio de 2004**. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia. Brasília, DF. 2004.

BRASIL, Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação & Câmara de Educação Superior. **Resolução CNE/CES nº 5, de 15 de março de 2011**. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia, estabelecendo normas para o projeto pedagógico complementar para a Formação de Professores de Psicologia. Brasília, DF. 2011

BRASIL. Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação e Câmara de Educação Superior. **Parecer CNE/CES nº 1071/2019, aprovado em 4 de dezembro de 2019**. Revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) dos Cursos de Graduação em Psicologia e estabelecimento de normas para o Projeto Pedagógico Complementar (PPC) para a Formação de Professores de Psicologia. Brasília, DF. 2019

BRASIL. Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação e Câmara de Educação Superior. **Resolução CNE/CES nº 1, de 11 de outubro de 2023**. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia. Brasília, DF. 2023

BRASIL. IBGE - Instituto Brasileiro De Geografia E Estatística: Censo Demográfico, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/> Acesso em: 20/01/2023

CAMPOS, M. **Políticas de formação em Psicologia em Goiás: diretrizes curriculares e projetos pedagógicos**. 2014. 283 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014.

CARVALHO, D. C. PIBID de Psicologia: Formação de Professores em Diálogo com a Escola Pública. *In: 40º Reunião Nacional da ANPED. Anais* Pará: Universidade Federal do Pará. 2021.

CASTRO, M. B.; LUFT, H. M.; E WEYH, C. B. O movimento escolanovista e as contribuições dos pioneiros da educação. *In: XXIV Jornada de Pesquisa – Salão do Conhecimento. Anais*. UniJuí, 2019.

CATALÃO (GO). **Resolução – CEPEC Nº 1526** Aprova o Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em Psicologia, graus acadêmicos Bacharelado e Licenciatura, modalidade presencial, da Unidade Acadêmica Especial Instituto de Biotecnologia da Regional Catalão, para os alunos ingressos a partir de 2013. Universidade Federal de Goiás, Goiânia 2017.

CAVALCANTI, A. de S. **Olhares epistemológicos e a pesquisa educacional na formação de professores de ciências**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 40, n. 4, p. 983-998 out./dez. 2014.

CAVALCANTE L. A. E.; AQUINO F. S. B. Práticas Favorecedoras ao Contexto Escolar: Discutindo Formação e Atuação de Psicólogos Escolares. **Psico-USF**. Bragança Paulista, v.24, n.1, p. 119-130, jan./mar. 2019

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Ano da Formação em Psicologia. Revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Graduação em Psicologia.** 2018 Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2018/01/cartilha-Ano-da-Forma%C3%A7%C3%A3o-em-Psicologia.pdf> Acesso em: 15/06/2022

COSTA, A. B.; ZOLTOWSKI A. P. C. Como escrever um artigo de revisão sistemática. *In: KOLLER, S. H.; COUTO, M. C. P. P.; HOHENDORFF, J. V. (org.) Manual de Produção Científica.* Porto Alegre: Penso, 2014. Cap. 3 p. 55-70.

EMEC. Sistema de Regulação do Ensino Superior. **Cadastro Nacional de Cursos e Instituições de Educação Superior Cadastro e-MEC.** Ministério da Educação. Brasil. 2024 Disponível em: <https://emec.mec.gov.br/emec/nova#interativa> Acesso em: 10/01/2024

ESQUERDO, F. A; PEGORARO R. F. Contribuições da Psicologia para a formação do técnico em enfermagem: concepções dos alunos. **Psicologia em Estudo.** Maringá, v. 15, n. 2, p. 255-264, abr/jun. 2010.

GATTI, B. A. Formação de professores: condições e problemas atuais. **Revista Internacional de Formação de Professores (RIPF).** v.1, n.2, p. 161-171, 2016.

GRAMSCI, A. **Concepção dialética da história.** Civilização Brasileira. 3. ed. 1978. Rio de Janeiro.

LIBÂNEO, J. C. Formação de professores e didática para desenvolvimento humano. **Educação e Realidade,** Porto Alegre, 2015. DOI 10.1590/2175-623646132

LEMOS, L. S. **A identidade do licenciado em Psicologia: uma análise das regulamentações brasileiras entre 1962 e 2008.** 2008. 114 p. Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação. Universidade Federal de Minas Gerais. 2008.

LOURENÇO FILHO, M. B. A psicologia no Brasil nos últimos 25 anos. **Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada,** v.23, n. 3, p. 143-151, 1971.

MANCEBO D.; ROCHA M. L. Práticas neoliberais na universidade: reflexões sobre a formação em psicologia/educação. **Psicologia da Educação.** São Paulo. p.155-167, 2000.

MACIEL, M. S. **Cursos técnicos: um campo de atuação para o licenciado em Psicologia na cidade de Belo Horizonte.** 2009. 118 p. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2009.

MARTINS F. S.; MACHADO D. C. Uma análise da escolha do curso superior no Brasil. **Revista brasileira de Estudos de População.** Belo Horizonte. v. 35(1), 2018.

MINAYO, M. C. de S. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciênc. saúde Coletiva,** v.17, n. 3, p. 621-626, 2012.

- MORAES *et al.* Políticas educacionais e Psicologia: Uma revisão da literatura. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Brasília. v.21, n.3, p. 228-254, set/dez, 2019.
- NETO, O. C. O trabalho de Campo como descoberta e criação. *In: MINAYO, M. C. de S. Pesquisa Social - teoria, método e criatividade*. Editora Vozes. 21º Edição. Petrópolis, 2002. p. 51-66.
- OFUGI, F. A formação docente diante de projetos significativos para alunas do ensino médio. **Psicologia Escolar e Educacional**. v. 25, 2021.
- OLIVEIRA, B. A Dialética do singular-particular-universal. *In: Anais*. V Encontro de Psicologia Social e Comunitária. Bauru, SP: Abrapso, p. 1-24, 2001.
- OLIVEIRA, I. T. de. *et al.* Formação em Psicologia no Brasil: Aspectos Históricos e Desafios Contemporâneos. **Psicologia: Ensino & Formação**, v. 8, n. 1, p. 03-15, jan/jun., 2017.
- PANDITA-PERREIRA, A. **Reflexões sobre o ensino de psicologia em Escolas Técnicas Estaduais de São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Programa de Pós-graduação em Psicologia. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- PANDITA-PERREIRA, A.; SEKKEL, M. C. Possibilidades de atuação para o licenciado em Psicologia nas Etecs. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 32, n.4, p.972-985, 2012.
- PARANAHYBA, J. C. B.; SILVA, L. N. D. O PIBID de Psicologia no Ensino Médio: a formação do professor em questão. *In: 36º Reunião Nacional da ANPED*. **Anais** Goiânia, 2013
- PASQUALINI, J. C; MARTINS, L. M. Dialética singular-particular-universal: implicações do método materialista dialético para a psicologia. **Psicologia & Sociedade**, v.27 n.2 p.362-371, 2015.
- PEREIRA, O. C. N. O licenciado em Psicologia no ensino fundamental: possibilidade de atuação. **Psicologia Escolar e Educacional**. v. 23, 2019.
- PIMENTA, S. G. Formação de professores: identidade e saberes da docência. *In: PIMENTA, Selma Garrido. (Org). Saberes pedagógicos e atividade docente*. São Paulo: Cortez Editora, p. 15 a 34, 1999.
- REY, F. G. **Pesquisa Qualitativa e Subjetividade. Os processos de construção da informação**. São Paulo, SP: Thomson. 2005
- ROCHA, M. L.; ROCHA D. Produção e conhecimento, práticas mercantilistas e novos modos de subjetivação. **Psicologia & Sociedade**. v.16 (1) núm. Especial, p. 13-36. 2004
- SANTOS, S. D. M.; PARANAHYBA, J. C. B. Sexualidade e gênero(s): debates e desafios no estágio de licenciatura em psicologia. **Psicologia Escolar e Educacional**. São Paulo, v. 22, n. 2, p. 83-91, jan/abr, 2018.

SILVA, F. T. O. **Licenciatura em Psicologia: Uma Perspectiva Historiográfica**. 130 p. Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação. Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2020.

SILVA, M. J. **A construção histórica do campus avançado de Catalão da Universidade Federal de Goiás – 1983-2002**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação. Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2005.

SOARES, Antônio Rodrigues. A Psicologia no Brasil. **Psicologia: ciência e profissão**, v.30 (núm. esp.), 8-41, 2010.

THIMOTEO, P. C. **Formação do psicólogo(a) em Catalão/GO na perspectiva do egresso – 2007-2014**. 2015. 204 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação. Universidade Federal de Goiás/Regional Catalão, Catalão, 2015.

TULESKI, Silvana Calvo; FACCI, Marilda Gonçalves Dias; BARROCO, Sônia Mari Shima. Psicologia Histórico-Cultural, marxismo e educação. **Teoría y crítica de la psicología**, México, v. 3, p. 281-301, jan. 2013.

TUNES, E.; TACCA, M. C. V. R.; JÚNIOR, R. S. B. O professor e o ato de ensinar. **Cadernos de Pesquisa**. V.35, n.126, p.689-698, set./dez. 2005

TURCI, D. A.; LOURENÇO, E.; CIRINO, S. D. Licenciatura em Psicologia no Brasil: a institucionalização na regulamentação da formação. **Memorandum**. Belo Horizonte v. 37, 2020.

VICENTE, H. A. **A Licenciatura em Psicologia: Análise a partir dos documentos oficiais**. 2019. 106 p. Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação. Universidade Federal de Goiás/Regional Catalão. Catalão, 2019.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. Orgs. M. Cole et al. Trad. J. Cipolla Neto. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

APÊNDICES

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

ROTEIRO DE ENTREVISTA - LICENCIATURA PSICOLOGIA

Nome:

Idade:

Raça:

Gênero:

1. Formação Profissional

Formação:

Ano em que se formou na Licenciatura em Psicologia:

Ano em que se formou no Bacharelado em Psicologia:

- 1) Como se deu sua escolha por cursar Psicologia?
 - 2) Ao iniciar o curso você sabia da existência da Licenciatura em Psicologia?
 - 3) Quando você fez a opção pela Licenciatura em Psicologia, o que te motivou nesta escolha?
 - 4) Quando você iniciou a Licenciatura em Psicologia, você conhecia os campos de atuação do professor de Psicologia? Os professores da Graduação anunciavam/indicavam quais eram esses lugares de atuação? E hoje, você considera que estes campos ainda são os mesmos?
- #### 2. Atuação profissional
- 5) Em qual local você trabalha atualmente?
 - 6) Você atua ou atuou com a Licenciatura em Psicologia?
 - 7) O que você vê/viu na sua formação que impacta em sua atuação? Os conteúdos e matérias cursados na Licenciatura em psicologia te auxiliam na sua atuação?
 - 9) Qual a sua concepção da atuação enquanto professor/a de Psicologia?
 - 10) Você recomenda que alunos da graduação façam Licenciatura em Psicologia? Por quê?
 - 11) Qual o referencial teórico que sustenta seu trabalho?
 - 12) Quais são as temáticas abordadas pelo professor de Psicologia em sala de aula?
 - 13) Quais são as matérias que você já ministrou?
 - 14) Como é sua rotina em sala de aula?
 - 15) Os alunos, professores, direção, família, te trata de forma diferente? Por saber que você é psicóloga/o, eles confundem sua atuação de alguma forma?
 - 16) Como é a relação dos/as alunos/as com você? Há interação?

17) Como o seu trabalho é visto dentro da escola?

18) Ao longo de sua carreira, você já assumiu disciplinas outras ou já tentaram te colocar em disciplinas afins, como sociologia, filosofia para poder atuar com sua licenciatura?

19) Quais são os principais desafios que o professor de Psicologia enfrenta hoje em dia?
Como superar esses desafios?

20) Qual sua visão sobre o papel do professor de Psicologia na formação desses alunos?
Como você enxerga o futuro do Ensino de Psicologia e quais tendências você acha que podem surgir?

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CATALÃO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO- FAE



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Estou lhe convidando a ser participante voluntário/a da pesquisa intitulada O (NÃO) LUGAR DO LICENCIADO EM PSICOLOGIA: ANÁLISE EM CATALÃO À LUZ DA TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL. Meu nome é *Lucas Weilor Batista Leite de Paula*, sou mestrando do Programa de Pós Graduação em Educação da UFCat (PPGEduc), responsável por esta pesquisa, sob orientação da Profª Drª Janaina Cassiano Silva. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte deste estudo, rubrique todas as páginas e assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence a pesquisadora responsável. Esclareço que em caso de participação você não será penalizado/a de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas sobre a pesquisa poderão ser esclarecidas pelo pesquisador responsável, e-mail lucasweilor@gmail.com, ou pelo número telefônico (64) 99200-6887. Ao persistirem as dúvidas sobre os seus direitos como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Catalão (CEP/UFCAT), localizado no Bloco Didático 1, segundo piso (subindo as escadas, a primeira sala a esquerda), sediado no Campus I da UFCAT, que fica na Avenida Doutor Lamartine Pinto de Avelar, nº 1120, Setor Universitário, Catalão/GO, CEP: 75704-020, e-mails secretaria.cep.ufcat@gmail.com, cep.rc.ufg@gmail.com, ou pelo telefone (64) 34417609. O CEP é um colegiado independente corresponsável no desenvolvimento desta pesquisa dentro de padrões éticos, conforme resoluções do Conselho Nacional de Saúde, contribuindo na defesa dos interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade. Você poderá ainda esclarecer dúvidas, reclamar ou fazer denúncia junto à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) pelo e-mail CONEP@saude.gov.br ou pelo telefone (61) 3315-5877.

Para obter mais informações sobre a sua importância como participante de pesquisa, você poderá também consultar a "Cartilha dos Direitos dos Participantes de Pesquisa" disponível em http://conselho.saude.gov.br/images/comissoes/CONEP/img/boletins/Cartilha_Direitos_Participantes_de_Pesquisa_2020.pdf. O objetivo desta pesquisa é investigar a atuação dos licenciados em Psicologia na cidade de Catalão e sua microrregião geográfica. Os procedimentos de coleta de dados serão questionários, e entrevistas semiestruturadas. Com relação ao questionário, este será enviado por link ao e-mail dos egressos do curso de Psicologia da UFCat, composto por uma série de perguntas de múltipla escolha, busca encontrar participantes disponíveis para a realização da entrevista.

As entrevistas serão realizadas a partir de um roteiro, previamente apresentado aos participantes. Será informado de forma prévia a data e horário para entrevista. O tempo de duração esperado para cada entrevista é de aproximadamente uma hora, e elas serão audiogravadas. Quanto à autorização para uso de transcrição:

- () Permito a transcrição da voz gravada para realização de análise da pesquisa
() Não permito a transcrição da voz gravada para realização de análise da pesquisa

Para evitar e minimizar os riscos e consequentes danos materiais ou imateriais diretos ou indiretos decorrentes de sua participação, tomaremos as seguintes providências: oferecer auxílio profissional no âmbito da universidade, tendo mediação imediata com a coordenação do projeto por meio de seu e-mail institucional, mensagem via WhatsApp e ligação, inclusive, a cobrar, no sentido de garantir a assistência imediata, integral e gratuita a você, a qualquer momento. Ainda, se você sentir qualquer desconforto ou constrangimento lhe é assegurado assistência imediata e integral de forma gratuita, para danos diretos e indiretos, imediatos ou tardios de qualquer natureza, decorrentes de sua participação na pesquisa. Caso você se sinta desconfortável por qualquer motivo, poderemos interromper a sua participação na pesquisa a qualquer momento e esta decisão não produzirá penalização ou prejuízo. Não revelaremos sua identidade nesta pesquisa, ficando assegurados seu sigilo, privacidade, integridade e confidencialidade. Você poderá solicitar a retirada de seus dados coletados a qualquer momento, deixando de participar deste estudo, sem prejuízo. Assim como tem liberdade